UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

LUIZ LUCAS DA FONSECA NETO

CRISTIANISMO PRIMITIVO AOS OLHOS DE UM HISTORIADOR:

As Representações presentes nos escritos dos *Pais Apostólicos* (90 – 150)

MOSSORÓ/RN
2022

LUIZ LUCAS DA FONSECA NETO

CRISTIANISMO PRIMITIVO AOS OLHOS DE UM HISTORIADOR:

As Representações presentes nos escritos dos *Pais Apostólicos* (90 – 150)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Valdeci dos Santos Júnior

MOSSORÓ/RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F676c Fonseca Neto, Luiz Lucas da
Cristianismo Primitivo aos olhos de um historiador: as Representações presentes nos escritos dos Pais Apostólicos (90 - 150). / Luiz Lucas da Fonseca Neto. - Mossoró/RN, 2022.
180p.

Orientador(a): Prof. Dr. Valdeci dos Santos Júnior.
Dissertação (Mestrado profissional em Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Cristianismo Primitivo. 2. Representações. 3. Pais Apostólicos. 4. Ensino de História. I. Santos Júnior, Valdeci dos. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

LUIZ LUCAS DA FONSECA NETO

CRISTIANISMO PRIMITIVO AOS OLHOS DE UM HISTORIADOR:

As Representações presentes nos escritos dos *Pais Apostólicos* (90 – 150)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em: 17/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdeci dos Santos Júnior (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Andre Victor Cavalcanti Seal da Cunha:90482298472
Assinado de forma digital por Andre Victor Cavalcanti Seal da Cunha:90482298472
Dados: 2023.08.09 09:50:08 -03'00'

Prof. Dr. André Victor Cavalcanti Seal da Cunha
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

gov.br
Documento assinado digitalmente
VALTAIR AFONSO MIRANDA
Data: 14/08/2023 16:45:22-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Valtair Afonso Miranda
Faculdade Batista do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me deu a oportunidade e a habilidade para a realização desse trabalho.

Agradeço também a minha família por toda a compreensão e apoio.

Meus agradecimentos aos docentes do ProfHistória por toda a contribuição que me deram para o meu crescimento na profissão de professor de História.

E por fim, mas não menos importante, meu agradecimento especial ao professor Dr. Valdeci dos Santos Júnior por toda ajuda que me deu com suas orientações.

RESUMO

Esta pesquisa aborda o Cristianismo primitivo dentro do campo da História Cultural buscando compreender as formas de compreensão de mundo dos primeiros cristãos mediante a análise dos escritos dos Pais Apostólicos, os documentos cristãos mais antigos depois do Novo Testamento. Inicialmente analisa-se as contribuições dos mundos helenístico, romano e judaico na formação e expansão da religião cristã. Posteriormente aborda-se as crenças e as ideias presentes no mundo mediterrâneo por ocasião do aparecimento e difusão do cristianismo. Tendo em vista que todo discurso pode ser constituído por representações que, ligada aos sujeitos sociais, expressam apreciações de mundo, fez-se, em seguida, a análise do corpo documental supracitado a fim de perceber as representações construídas por esses documentos a partir de categorias mais específicas desse grupo religioso – Deus, Cristo, Ressurreição, Igreja, Martírio, Mundo, ordem cosmológica e tempo. Por fim, para fazer a relação da pesquisa com o ensino de história, foi realizado um estudo de caso, no qual analisou-se a forma como os livros didáticos usados na Escola Estadual Alcides Wanderley – local de atuação do autor da pesquisa – abordaram o assunto do Cristianismo primitivo. Percebeu-se que todas as obras didáticas apresentaram uma sequência narrativa semelhante: surgimento e expansão do cristianismo, perseguição por parte do Império Romano e conquista da liberdade religiosa através do imperador Constantino. Essa abordagem privilegia uma história factual baseada no destaque de alguns acontecimentos e personagens principais, mas deixa de fora a percepção de mundo dos primeiros cristãos. A fim de superar essa lacuna, foi desenvolvida e aplicada uma Sequência Didática que uniu a sequência narrativa dos livros didáticos com a apresentação da visão de mundo dos cristãos primitivos mediante o uso de dois dos documentos analisados – O martírio de Policarpo e A Epístola à Diogneto.

Palavras-chave: Cristianismo Primitivo, Representações, Pais Apostólicos, Ensino de História.

ABASTRACT

This research regards the primitive Chritianism within the field of Cultural Historical seeking to understand the way first Christians realized the world through the writings of the Apostolical Fathers, the ancient Christians documents after the New testament. Initially we will analyze the Hellenistic, Roman and Jewish´s World contributions in the construction and expansion of Christian´s religion. Subsequently, the beliefs and ideas present in the Mediterranean world at the time of the emergence and spread of Christianity are discussed. Bearing in mind that every discourse can be constituted by representations that, linked to social subjects, express appreciations of the world, the aforementioned documentary body was then analyzed in order to perceive the representations constructed by these documents from categories more specific to this religious group – God, Christ, Resurrection, Church, Martyrdom, World, cosmological order and time. Finally, in order to relate the research to the teaching of history, a case of study was carried out, in which the way how the didactic books were used at Escola Estadual Alcides Wanderley – the place where the author of the survey works – approached the subject of primitive´s Christianity. It was noticed that all the didactic works presented a similar narrative sequence: emergence and expansion of Christianity, persecution by the Roman Empire and conquest of religious freedom through Emperor Constantine. This approach privileges a factual story based on the highlight of some main events and characters, but leaves out the perception of the world adopted by the first Christians. In order to overcome this gap, a Didactic Sequence was developed and applied that linked the narrative sequence of textbooks with the presentation of the world view of early´s Christians through the use of two of the analyzed documents - The Martyrdom of Polycarp and The Epistle to Diognetus.

Keywords: primitive Christianity, Representations, Apostolic Fathers, History Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT: Antigo Testamento.

CP: Cristianismo Primitivo.

LXX: Septuaginta.

PNLD: Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO 1 AS INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DOS MUNDOS HELENÍSTICO, ROMANO E JUDAICO PARA O ADVENTO DO CRISTIANISMO 24

1.1 O mundo helenístico: desintegração cultural do mundo grego clássico e integração linguística 24

1.1.1 A desintegração cultural do mundo grego clássico e o mundo helenístico 26

1.1.2 A integração linguística no mundo helenístico 30

1.2 O mundo romano: unidade política e a falta de um elemento de agregação social 31

1.2.1 A *Pax Romana* e a unidade política de Roma 31

1.2.2 A falta de um elemento de integração social no mundo romano 33

1.3 O mundo judaico: as bases religiosas do Cristianismo 34

1.3.1 A diáspora judaica 35

1.3.2 As crenças dos judeus da diáspora 37

1.3.3 As Escrituras Judaicas e a pregação dos judeus da diáspora 39

1.4 O Cristianismo Primitivo: expansão, urbanização da fé e tensões com o mundo antigo 41

1.4.1 As missões cristãs primitivas: a expansão do Cristianismo 41

1.4.2 A urbanização da fé cristã: penetração no tecido social, ressignificação cultural e integração social 43

1.4.3 Tensões com o mundo antigo: distanciamento do modelo judaico e perseguições por parte das autoridades judaicas e romanas 45

1.4.4 Sobre a herança dos mundos helenístico, romano e judaico se ergueu o Cristianismo Primitivo 48

CAPÍTULO 2 CRENÇAS E IDEIAS RELIGIOSAS NO MUNDO GRECO-ROMANO DURANTE O ADVENTO DO CRISTIANISMO 50

2.1 O mundo greco-romano 50

2.1.1 Mitologia e culto tradicional 50

2.1.2 As religiões de mistério 52

2.1.3 As escolas filosóficas helenísticas 54

2.1.4 O culto ao imperador 56

2.1.5 Conclusão 57

2.2 O mundo judaico 57

2.2.1 O profetismo 58

2.2.2 A incipiente escatologia 59
2.2.3 A literatura de sabedoria 61
2.2.4 A crença apocalíptica 62
2.2.5 O Legalismo 65
2.2.6 Conclusão 67
2.3 Cristianismo Primitivo: das origens à liberdade religiosa e a sistematização inicial da teologia cristã 68
2.3.1 Uma seita judaica 69
2.3.2 Uma religião ilícita 73
2.3.3 Uma religião universal 74
2.3.4 A liberdade religiosa 75
2.3.5 A sistematização inicial da teologia cristã 76
2.3.6 A Patrística 78
2.3.7 Os escritos dos Pais Apostólicos 80
2.3.8 Conclusão 82
CAPÍTULO 3 OS ESCRITOS DOS PAIS APOSTÓLICOS: UMA ANÁLISE 84
3.1 A abordagem do Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem 87
3.2 Uma análise dos escritos dos *Pais Apostólicos* 89
3.2.1 Análise dos escritos de Clemente de Roma 90
3.2.2 Análise dos escritos de Inácio de Antioquia 98
3.2.3 Análise dos escritos de Policarpo de Esmirna 102
3.2.4 Análise da Epístola de Barnabé 104
3.2.5 Análise da Didaquê 108
3.2.6 Análise da Epístola a Diogneto 110
3.2.7 Análise dos Fragmentos de Papias de Hierápolis 115
3.2.8 Análise de O Pastor de Hermas 117
CONSIDERAÇÕES FINAIS 125
REFERÊNCIAS 131
APÊNDICES 134
Apêndice 1: Um Estudo de Caso 134
Apêndice 2: Sequência Didática – versão do professor 145
Apêndice 3: Sequência Didática – versão do aluno 153
Apêndice 4: Exemplos de Sequências Didáticas respondidas pelos alunos 160
Apêndice 5: Registro do desenvolvimento da atividade. 172

ANEXOS.....175

Anexo 1: Livros analisados no Estudo de Caso.....175

Anexo 2: Imagens sobre o cristianismo presentes nos livros didáticos que foram analisadas no estudo de caso. 176

Anexo 3: Material de orientação da Sequência Didática 177

Anexo 4: Modelo de Registro do desenvolvimento da atividade (adaptado).....178

INTRODUÇÃO

O cristianismo é uma religião antiga, possuindo mais de dois mil anos de história, abrangente, pois está espalhado por todo o mundo e influente, pois tem moldado visões e interpretações de mundo de várias pessoas e de várias sociedades, "influenciando mesmo os mais céticos", além de ser a vertente religiosa "dominante no Ocidente" (SILVA & SILVA, p. 79).

Ele é a base da cosmovisão dos ocidentais, a ponto da arte ser bastante permeada de temas ligados à sua história, além de várias cidades receberem os nomes de seus personagens importantes e de muitas festas estarem relacionadas com o seu fundador. O próprio calendário usado em várias nações tem como referência a vida de Jesus Cristo.

Todas essas circunstâncias motivaram a pesquisa sobre esse tema. Mas o foco deste trabalho será estudar o cristianismo no passado, em sua origem, pois "em nenhuma outra história os precedentes significam tanto" (MOMIGLIANO, 2004, p. 192 apud MEDEIROS, 2012, p. 10). Nesse sentido:

> O cristianismo se origina como uma religião de movimentação geográfica, social e cultural intensas. Jesus de Nazaré e seus discípulos eram pregadores itinerantes que tinham como objetivo pregar sua mensagem a todo o povo de Israel. Mas eles também causaram escândalo por circular entre grupos sociais considerados impuros, como os estrangeiros, prostitutas, cobradores de impostos, etc. em alguns momentos, entre a missão de Jesus na Galileia e os primeiros anos da vida das comunidades, a pregação dos seguidores de Jesus de Nazaré alcançou as comunidades judaicas da diáspora de grandes centros urbanos como, por exemplo, Antioquia, capital da província romana da Síria. Esta mobilidade geográfica, étnica e social era facilitada pelo dinamismo social e cultural da comunidade judaica de fala grega na diáspora. Já nos anos 40 é possível supor que a comunidade cristã de Antioquia fosse maior e mais representativa que a de Jerusalém, ainda que esta gozasse de maior prestígio entre os fiéis. Nos anos 50 grupos de cristãos, entre os quais Paulo de Tarso, desenvolve de forma mais acentuada a missão aos gentios, fundando comunidades me lugares estratégicos da Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Egito, Itália, entre outros, consolidando definitivamente o cristianismo gentílico. É fundamental que se reconheça que esta pregação missionária entre os gregos não era uma ação isolada de Paulo de Tarso, como dão a entender as fontes antigas e certa historiografia, mas um modelo de ação consolidado desse grupo. Há um modelo de pregador judaico-cristão da primeira geração: bilíngue, multicultural, itinerante, urbano, praticante de uma religião de conversão e de êxtase religioso. Nos anos 60, senão antes, já temos evidência da presença de comunidades cristãs em Roma, capital do império. A partir daí, estas pequenas comunidades, ainda confundidas com sinagogas judaicas – e talvez ainda estivessem no seio delas - se inserem cada vez mais no mundo mediterrâneo e buscam ampliar os canais de comunicação com a sociedade (NOGUEIRA, 2015, pp. 38 e 39).

De acordo com a citação, desde sua origem, a religião cristã foi paulatinamente penetrando na sociedade greco-romana daquela época até chegar ao ponto de se tornar,

posteriormente, a religião predominante e depois oficial do Império Romano. Essa inserção provocou mudanças tanto no seio do cristianismo quanto na sociedade na qual ele estava se inserindo. Esse contexto fez com que as origens dessa religião se tornassem um campo de estudo pesquisado em diversas áreas do conhecimento.

Apesar da ampliação na pesquisa sobre o Cristianismo Primitivo, existem três lacunas. A primeira, diz respeito ao fato de que "não há muitos trabalhos acadêmicos que tenham oferecido uma visão de conjunto do Cristianismo Primitivo (CP)" (NOGUEIRA, 2015, p. 32). Segundo ele o motivo para isso se dá:

> devido a pressupostos de duas correntes antagônicas que inviabilizam qualquer projeto de reconstrução histórica do CP. A primeira corrente entende que a história do Cristianismo Primitivo é equivalente, de alguma forma, à história do Novo Testamento. Ou seja, bastaria se estudar os livros que compõem o Novo Testamento para se ter acesso às informações históricas necessárias para a reconstrução do CP. Essa posição reflete os pressupostos de que a história equivale ao relato canônico e que as doutrinas e fatos históricos são passíveis de reconstrução a partir desse corpo documental. A segunda corrente entende que, ainda que o CP tenha produzido textos (fontes escritas) desde suas origens, não é possível reconstruir a partir deles, de forma satisfatória, o papel ocupado pelas comunidades cristãs no mundo antigo, suas práticas, seu *ethos* social, seu desenvolvimento institucional, entre outros. Além de quase não haver evidências materiais nos dois primeiros séculos, as formas escritas são por demais fragmentárias e ficcionais. São fragmentárias no sentido de que cobrem apenas alguns aspectos da vida dos cristãos na sociedade greco-romana, em algumas regiões, e em perspectivas muito específicas. O elemento ficcional e imaginativo desses textos também conflita com os interesses de uma historiografia tradicional, interessada em fatos e instituições (NOGUEIRA, 2015, p. 32).

Essa citação também expõe a segunda lacuna que corresponde a questão das fontes, onde pesquisas sobre o cristianismo das origens utilizam como fontes os textos canônicos do Novo Testamento, deixando de lado documentos das primeiras gerações cristãs, tais como, os escritos dos Pais Apostólicos e os chamados escritos apócrifos.

A terceira lacuna corresponde ao fato de que "uma história cultural do CP é um projeto que ainda se encontra em estágio inicial de desenvolvimento, pois a maioria dos trabalhos apenas "tangenciam ou a antecipam de alguma forma" (NOGUEIRA, 2015, p. 33-34). Isso também se dá devido ao fato de que muitos estudos, conforme percebido no momento da revisão bibliográfica sobre a temática, concentravam-se na dimensão da história social. Em vista dessas lacunas, o presente estudo concentrou-se dentro da dimensão da história cultural.

Atualmente as pesquisas sobre temas ligados ao campo religioso tem apresentado significativas mudanças que contribuem para uma abordagem do Cristianismo Primitivo na perspectiva da história cultural. Uma delas corresponde ao estudo da religião como uma forma de linguagem; isso significa dizer que muitos estudiosos têm pesquisado a

partir da relação entre linguagem e religião. Esse novo enfoque pode ser entendido devido a novas definições pelas quais o conceito de religião tem passado. (NOGUEIRA, 2015).

Uma dessas definições diz que a "Religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última". As implicações dessa definição da religião como "linguagem cultural de sinais" é que ela possui caráter semiótico, sistêmico e cultural. Semiótico porque ela é um sistema objetivo de sinais. Sistêmico porque esses sinais "só podem desempenhar sua tarefa em relação e oposição a outros sinais. Eles constituem, juntos, um 'sistema'. [...], os sinais e as formas de expressão de uma religião configuram em sistema de sinais, uma 'língua' homogênea, governada por determinadas regras e composta por elementos específicos, da mesma forma que uma língua é determinada pela gramática e pelo léxico". E cultural porque "toda linguagem religiosa de sinais é criada por seres humanos, independente do fato de as próprias religiões se compreenderem a si mesmas como resultado de uma ação divina" (THEISSEN, 2009, pp.13,14,15 e 19).

Nesse sentido, os estudos sobre o Cristianismo Primitivo também têm seguido essa tendência:

> A rapidez e a eficiência com que o CP se insere no mundo mediterrâneo e a agilidade com que ele promove diálogo cultural nos mostram que essa nova religião se apresenta como comunidade de culto que se articula como um *sistema de linguagem.* Pertencer ao CP implicava ser doutrinado em um conjunto de códigos – gestual, metafórico, de sistemas narrativos, entre outros – que incluíam: o aprendizado da complexa história da salvação (cuja fonte se encontrava na LXX: com seus personagens e eventos da história da religião judaica), as narrativas da ação de Cristo no mundo, seus nomes e metáforas de culto, a caracterização do tempo presente como tempo escatológico, a aquisição de um conjunto de expectativas sobre o final dos tempos, a caracterização do mundo existente e de suas estruturas a partir de uma paradigma dualista, a organização dos membros desta nova religião como uma comunidade, família e *politeuma,* etc. Este conjunto de códigos era transmitido intensamente junto coma pregação sobre o messias Jesus. Estes elementos são codificados numa espécie de *koiné* básico que, apesar de suas diferenças e variantes internas – que não eram pequenas – mantinha as comunidades unidas por meio da produção de códigos visuais, rituais, práticas sociais e intensa produção textual (NOGUEIRA, 2015, p. 39).

Nogueira (2015) apresenta o Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem e ao mesmo tempo diz que essa característica foi essencial para a sua inserção no mundo mediterrâneo. Nesse sentido, esta pesquisa buscará estudar o cristianismo das origens a partir dessa noção. Mas antes de tudo, será necessário definir e delimitar a temática deste estudo. Partindo da perspectiva de que "não temos como foco fatos, mas processos culturais, desenvolvimentos de modelos cognitivos, formação de narrativas e imagens estruturantes", a definição e delimitação aqui presentes, seguiu a classificação

do autor supracitado que insiste numa acepção mais ampla da temática, que ultrapasse o século I, a fim de não confundir com o estudo de história de doutrinas em formatos canônicos e de evitar qualquer idealização do que teria sido o cristianismo originário (NOGUEIRA, 2015, p.42).

Diante disso, ao falar de Cristianismo Primitivo estamos nos referindo ao movimento religioso e as manifestações decorrentes desse movimento desde sua origem, a partir do seu fundador Jesus de Nazaré e seus primeiros discípulos até o ano de 313 d.C., "com o Edito de Milão, do imperador Constantino, no qual ele torna o cristianismo uma religião reconhecida pelo poder imperial, isentando-o de condenação jurídica e de ameaças de perseguição" (NOGUEIRA, 2015, p. 42).

A religião cristã da época anterior a Constantino foi um movimento dos oprimidos da sociedade romana, pois era formada em sua grande maioria por escravos e libertos, por pessoas pobres e homens privados de direitos oriundos dos povos subjugados ou dispersos por Roma. Essas pessoas eram atraídas pela mensagem de libertação apregoada pelo cristianismo. Naquela época o Estado romano era composto por "um punhado de gente rica" e "uma massa enorme de pobres", onde "a escravatura era a ordem de coisas estabelecidas em Roma" (ENGELS & LUXEMBURGO, 2011, p. 34).

Nesse contexto, os homens livres decadentes das cidades, os pequenos camponeses endividados oriundos dos distritos rurais e sobretudo os escravos voltaram-se para a mensagem cristã. Assim o cristianismo achou seus adeptos principalmente entre os laboriosos e fatigados, pertencentes às camadas mais baixas do povo (ENGELS & LUXEMBURGO, 2011).

Mas o Cristianismo Primitivo não pretendia realizar uma transformação social neste mundo, "mas no Além, no Céu, na vida eterna depois da morte, no *millenium* eminente". De acordo com Engels, "a existência da alma depois da morte do corpo tinha-se tornado, pouco a pouco, um artigo de fé reconhecido em todo o mundo romano". Nesse contexto: "apareceu o cristianismo, que levou a sério os sofrimentos e as recompensas no outro mundo e criou o céu e o inferno; assim estava encontrada a via por onde conduzir os laboriosos e os desiludidos deste vale de lágrimas para o paraíso eterno" (ENGELS & LUXEMBURGO, pp. 5 e 21).

Além da mensagem de salvação, o que atraiu muitas pessoas foi sua proposta da propriedade comum através da coletivização dos bens de consumo realizada pelas obras de caridade e assistência aos mais necessitados e a prática das refeições comuns praticadas em suas reuniões (ENGELS & LUXEMBURGO, 2011). Mas como seus adeptos eram

oriundos principalmente dentre os excluídos e deserdados da sociedade romana foi necessário que as primeiras comunidades cristãs trouxessem um novo significado à realidade social de seus integrantes. Para isso, os cristãos dos primeiros séculos produziram uma rica produção literária. Através dessa literatura o cristianismo desenvolveu "um sistema semiológico próprio, mesmo que em tensão com as vertentes centrais da cultura" (NOGUEIRA, 2018, p. 42).

Esse conjunto de documentos pode ser dividido em três grupos:

a) o Novo Testamento que são "textos de muita antiguidade, que gozaram de prestígio (medido pela transmissão textual) entre as comunidades e que, *a posteriori,* foram combinados e transmitidos como um corpo canônico" (NOGUEIRA, 2015, p. 39);

b) os escritos dos Pais Apostólicos que são "escritos de muita antiguidade (dos anos 90 a meados do século II), produzidos por lideranças comunitárias (anônimas, como no caso da *Didaquê,* ou assinadas por bispos de importância, como Inácio de Antioquia)" (NOGUEIRA, 2015, p. 40);

c) os textos apócrifos do Novo Testamento e as Atas dos Mártires, escritos assim chamados *a posteriori,* no processo de definição do cânon pela igreja antiga (NOGUEIRA, 2015).

A pesquisa utilizou como fontes as obras oriundas do segundo grupo de documentos, os escritos dos *Pais Apostólicos*, que são os textos cristãos mais antigos depois do Novo Testamento, produzidos entre os anos 90 e meados do século II:

> A designação pela qual são conhecidos, Pais Apostólicos, foi utilizada pela primeira vez pelo estudioso francês Jean Cotelier, em 1672, e reflete o fato de que tais documentos foram produzidos numa época muito próxima da era apostólica. A outra palavra do título os coloca no contexto dos "Pais da Igreja", os pensadores e escritores cristãos dos primeiros séculos. Na verdade, os Pais Apostólicos, constituem o início do período patrístico, a era dos Pais da Igreja (MATOS, 2005, p. 5).

A própria documentação utilizada como fonte impôs o recorte de tempo do estudo, sendo utilizados os próprios limites e aberturas metodológicas para a delimitação (BARROS, 2005). Assim, o recorte temporal da pesquisa encontra-se no período entre os anos 90 e 150. Esse corpo documental usado como fonte é bem diversificado, sendo formado por diferentes gêneros:

> Os escritos dos Pais Apostólicos se diferenciam da patrística elaborada (Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, entre outros), devido ao seu caráter assimétrico, pouco elaborado doutrinariamente e nível de escrita não erudito. Neles encontramos principalmente cartas, seguindo a tradição paulina de comunicação epistolar das lideranças com as comunidades. Também encontramos um relato de caráter autobiográfico, uma espécie de diário de

> sonhos e de visões enviados a um escravo cristão em Roma, chamado Hermas (NOGUEIRA, 2015, p. 40).

Formam esse conjunto de documentos as seguintes obras: duas cartas que foram atribuídas ao bispo Clemente de Roma, sete cartas do bispo Inácio de Antioquia, uma carta e uma narrativa do martírio do bispo Policarpo de Esmirna, um manual de catequese chamado Didaquê, um escrito alegórico chamado Pastor de Hermas, além da Epístola a Barnabé, da Epístola a Diogneto e alguns fragmentos que foram atribuídos ao bispo Papias de Hierápolis (MATOS, 2005).

A Primeira carta de Clemente "trata-se de uma longa epístola da igreja de Roma aos cristãos de Corinto, exortando-os a restaurar os presbíteros da igreja, que haviam sido depostos de seus ofícios", enquanto a Segunda carta de Clemente "trata-se do mais antigo sermão cristão conhecido". Já as cartas de Inácio de Antioquia foram escritos "simples, pessoais e fervorosos" que "defendem a unidade da Igreja, acentuando a obediência ao bispo que governa cada comunidade local", além de atacarem "movimentos heréticos, geradores de cismas" (MATOS, 2005, pp. 6-7).

A carta de Policarpo de Esmirna aos filipenses foi produzida "em resposta a diversos pedidos dessa igreja", enquanto a narrativa do seu martírio "relata a prisão, julgamento e execução desse bispo, morto na fogueira aos 86 anos". Por sua vez, a "Didaquê ou 'Ensino', às vezes denominada A doutrina dos doze apóstolos, é uma compilação, isto é, um documento composto de materiais de diferentes origens" contendo instruções morais e "regras simples para a conduta de uma congregação rural" (MATOS, 2005, pp.7-8).

O maior de todos esses documentos é o Pastor de Hermas, são escritos que utilizam uma linguagem apocalítica e alegórica para tratar de questões como virtude e piedade cristãs (MATOS, 2005). Por seu turno, a Epístola a Diogneto foi uma obra produzida com o objetivo de responder às questões propostas pelo interlocutor de um autor, ainda não conhecido, que acabou fazendo "crítica do paganismo e do judaísmo e defesa da superioridade do cristianismo" (FRANGIOTTI, 2018, p. 11).

Já a Epístola a Barnabé "não é uma carta, mas, sim, um grande sermão ou uma grande exortação", enquanto os Fragmentos de Pápias correspondem aos "remanescentes que nos sobraram de uma grande obra de cinco livros intitulada Explicações das Sentenças do Senhor. [...] O pouco de que dispomos dessa obra resume-se em alguns fragmentos citados por autores posteriores, particularmente Eusébio de Cesareia (GONZÁLEZ, 2020, pp. 41 e 48).

Nessas fontes, por meio de seus elementos literários, como narrativas e metáforas por exemplo, pode-se perceber como seus autores e as comunidades por eles representadas, pessoas à margem da sociedade, estruturaram sua relação com a realidade e com o sagrado, manifestando assim, sua visão de mundo, com o objetivo de ressignificar sua situação dentro da sociedade romana (NOGUEIRA, 2018).

Com a finalidade de compreender como se deu essa ressignificação, a pesquisa analisou as fontes citadas acima usando como categoria central o conceito de representação, a fim de responder ao seguinte problema: como o Cristianismo Primitivo foi representado nos escritos dos Pais Apostólicos? Em outras palavras, a intenção do presente estudo foi entender como os escritos dos *Pais Apostólicos* construíram uma representação do Cristianismo Primitivo.

Para isso a pesquisa buscou conhecer o contexto histórico no qual essa nova religião estava inserida, procurou entender a diversidade religiosa e filosófica presente na sociedade greco-romana e as diversas fases pelas quais passaram as religiões judaica e cristã e como todo esse contexto modelou o Cristianismo Primitivo e seu pensamento, além de analisar de que forma essa representação foi construída pelas fontes estudadas, isto é, a partir de quais categorias elas o fizeram.

Considerando que o Cristianismo Primitivo, apesar de se estruturar no contexto cultural, social e religiosos do Império Romano, se portou "como uma linguagem fronteiriça, que busca ressignificar a realidade social a partir de uma nova semântica e de novas formas de versar sobre o mundo", a pesquisa realizou o "estudo de categorias mais específicas do grupo, que lhe destacam a marginalidade" (NOGUEIRA, 2015, pp. 42 e 43), tais como: Deus, Cristo, Ressurreição, Igreja, Martírio, Mundo, e suas caracterizações da ordem cosmológica, do tempo presente e do por vir e as narrativas das ações de Cristo no mundo:

> As representações podem constituir discursos que, vinculados aos sujeitos sociais, interpretam realidades, expressando percepções e apreciações. Ao construir sentidos, as representações revelam (ou velam) concepções de mundo e "falam" tanto de quem as representa quanto daquilo que é representado. Isso se aplica a todos os discursos, […] (COTRIM, 2017, p. 278).

Nesse sentido, nas obras dos *Pais Apostólicos* podem ser encontradas as apreciações da realidade e as concepções de mundo de seus autores e das comunidades cristãs por eles representadas.

Cotrim também nos diz que "a noção de representação é fundamental para uma história cultural" (COTRIM, 2017, p. 278). Por isso, o estudo se assentou nesse campo,

especialmente na concepção proposta pelo historiador Roger Chartier, segundo o qual, essa dimensão "tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 2002, p. 16 – 17). Nesse sentido, ele propõe:

> pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 2002, p. 19).

Seguindo esse raciocínio, a pesquisa buscou identificar como o Cristianismo Primitivo foi construído, pensado e dado a ler nos escritos dos *Pais Apostólicos*, a fim de perceber, através dessa investigação, como esses documentos dos dois primeiros séculos conceberam o mundo e a religião da qual eram oriundos. Chartier também diz que é possível pensarmos o conceito de representação como essencial para a história cultural a partir da "relação simbólica", na qual "uma relação compreensível é, então, postulada entre o signo visível e o referente por ele significado – o que não quer dizer que seja necessariamente estável e unívoca". Em outras palavras, "esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido" (CHARTIER, 2002, pp. 20, 21 e 27).

Isso significa que representar, é antes de tudo, construir sentido a respeito de algo. Por isso, essa pesquisa buscou perceber qual sentido ou quais sentidos a respeito do Cristianismo Primitivo foram construídos nesses escritos.

Assim, para estudar o Cristianismo Primitivo, a pesquisa recorreu à história cultural e à sua abertura para com as formas de representação que certos grupos fazem a respeito da realidade. Peter Burke ao falar do livro *A formação da classe operária inglesa* (1963), de Edward Thompson, observou o seguinte: "Nesse livro, Thompson não se limita a analisar o papel desempenhado pelas mudanças econômicas e políticas na formação de classe, mas examina o lugar da cultura popular nesse processo" (BURKE, 2021, p. 27). Essa foi a perspectiva seguida neste estudo. Burke, ainda falando de Thompson, declara o seguinte:

> Ele chama a cultura de "termo desajeitado" que amontoa as coisas, esconde as distinções e tende a "nos empurrar para noções excessivamente consensuais e holísticas". Seria preciso traçar as distinções entre as culturas das diferentes classes sociais, as culturas dos homens e das mulheres e as culturas das diferentes gerações que vivem na mesma sociedade (2021, p. 34).

Em outras palavras, existe uma tendência de tratar a cultura de forma homogênea. Mas seria necessário distinguir entre a cultura das diferentes classes sociais que vivem na mesma sociedade, pois "pessoas diferentes podem ver o 'mesmo' evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas" e "os historiadores tornaram-se cada vez mais consciente" disso (BURKE, 2021, p.100).

Seguindo essa perspectiva, pode-se afirmar que não existe uma cultura homogênea, o que existe é uma cultura hegemônica, conforme assinalou Burke ainda tratando de Thompson: "para Thompson a ideia de hegemonia cultural apresentava um conceito da relação entre cultura e sociedade melhor que o de "superestrutura" (BURKE, 2021, p.35). Por exemplo, no caso específico dessa pesquisa, a cultura de Roma seria a hegemônica. Seguindo a tendência da homogeneidade cultural poderia se construir uma visão holística dessa cultura. Mas na verdade, houve outras manifestações culturais, como a que foi desenvolvida dentro do movimento cristão primitivo. Isso quer dizer que os primeiros cristãos acabaram criando uma cultura própria, uma cultura fronteiriça ou marginal com relação a cultura hegemônica, a qual abrigava os excluídos da sociedade romana que aderiam à religião cristã.

Entretanto, esse livro de Thompson "foi criticado por supor que a experiência se traduz em consciência sem a mediação da linguagem" (BURKE, 2021, p.106). Em acordo com essa crítica, esse estudo seguiu outra abordagem, dando ênfase ao papel da linguagem na construção da "representação do mundo e da experiência com o sagrado" efetuada pelos autores dos documentos analisados (NOGUEIRA, 2015, p.120).

Isso aconteceu por entender que "a consciência só pode se relacionar à experiência por meio de uma linguagem particular que organiza a compreensão da experiência" (BURKE, 2021, p.106). Com relação a isso, essa pesquisa considera o Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem, por meio do qual promoveu uma ressignificação espiritual, cultural e social entre seus membros, conseguindo, assim, inserir-se de forma rápida e eficiente no mundo greco-romano (NOGUEIRA, 2018, p.34). Diante disso, a dissertação foi dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *As influências e contribuições dos mundos helenístico, romano e judaico para o advento do Cristianismo,* foram discutidos como o helenismo, o Império Romano e o judaísmo – principalmente o judaísmo da diáspora – criaram as condições necessárias para o aparecimento e difusão dessa nova religião na sociedade greco-romana. Foram analisados aspectos, como a fragmentação cultural – reflexo da fragmentação política - que marcou o mundo helenístico, amenizado apenas

pela unidade linguística de que este dispunha devido a imposição do grego *koiné* imposto por ocasião das conquistas de Alexandre da Macedônia.

Foram apontadas também a permanência da fragmentação cultural no mundo mediterrâneo, mesmo com a dominação dos romanos, que promoveu, por seu turno, àquele contexto, uma unidade política durante sua fase imperial, mas que continuou carente de um discurso que promovesse uma unidade cultural entre sua população. Ainda sobre as contribuições desse povo, foram assinalados também como os empreendimentos promovidos pelos romanos foram utilizados pelos cristãos para expandir sua mensagem para os lugares mais distantes daquele império. Ainda nesse capítulo, foram identificados como as crenças judaicas - especialmente dos judeus da diáspora – foram apropriadas e reinterpretadas pelos cristãos no processo de estabelecimento do Cristianismo como uma nova religião, que aos poucos foi se distanciando do judaísmo, deixando de ser tido como uma seita deste e passando a assumir cada vez mais contornos próprios.

O capítulo foi fechado ao discutir como se deu a expansão da fé cristã pelo Império Romano, destacando a importância do processo de urbanização para que esse movimento religioso se tornasse influente entre a população do império, além de apontar as tensões entre os cristãos e o mundo judaico e romano que culminara com o distanciamento do cristianismo em relação ao judaísmo e com as perseguições imperiais, respectivamente. Além disso, foram realizadas reflexões sobre o fato do Cristianismo ter sido um herdeiro das condições criadas pelo helenismo, pelo Império Romano e pelo judaísmo da diáspora.

No segundo capítulo, intitulado *Crenças e ideias religiosas no mundo greco-romano durante o advento do Cristianismo,* observou-se a diversidade religiosa e filosófica que marcou a sociedade greco-romana com a presença dos cultos tradicionais baseado em sua tradição mitológica, a presença das religiões de mistério como uma consequência do contato com os povos orientais que vinha acontecendo desde as conquistas de Alexandre Magno, a multiplicação das escolas filosóficas helenísticas, herdeiras das escolas filosóficas clássicas e o desenvolvimento do culto ao imperador que se desenvolveu durante a fase imperial romana.

Foram apontados também o desenvolvimento do judaísmo, mostrando-o como uma religião não tão homogênea como se pensa costumeiramente, mas que antes de tudo, passou por fases de desenvolvimento, nas quais alguns aspectos, tais como o profetismo, a sabedoria e o pensamento apocalíptico, foram sendo construídos e foram ganhando relevância em determinados momentos de sua história até culminar no legalismo,

característica que acabou predominando nessa religião durante os dois primeiros século da era cristã.

Além disso, foram assinalados o desenvolvimento pelo qual o Cristianismo também passou, desde o momento em que era tido como uma seita judaica, passando pela fase de distanciamento do judaísmo que coincidiu com o momento em que era considerado uma religião ilícita pelo Império Romano até chegar ao momento no qual alcançou a sua liberdade religiosa e começou a desenvolver a primeira fase de sua teologia conhecida por *Patrística.* Por último, foi realizada uma breve apresentação e análise da literatura dos Pais Apostólicos.

No terceiro e último capítulo, intitulado *Os escritos dos Pais Apostólicos: uma análise,* foi efetuada uma breve discussão sobre a relação entre religião e linguagem, apontando o Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem que acabou desenvolvendo um universo simbólico autônomo sobre o qual ressignificou a realidade social na qual estava inserido, mediante a construção simbólica (representação) sobre si mesmo e sobre o contexto social da época. Posteriormente, investigou-se nas fontes estudadas as representações específicas que elas construíram a respeito do Cristianismo Primitivo e da sociedade greco-romana, a partir das seguintes categorias: Deus, Cristo, Ressurreição, Igreja, Martírio, Mundo, e suas caracterizações da ordem cosmológica, do tempo presente e do por vir e as narrativas das ações de Cristo no mundo.

Para realizar esse estudo, foi utilizada como técnica de tratamento de dados a Análise do Discurso "uma metodologia derivada de disciplinas como a Semiótica e a Linguística" e que "se tornou um método de pesquisa dos mais difundidos no Brasil do início do século XXI". Esse método tem como seu princípio fundamental "a interpretação que vai além do conteúdo do texto" (SILVA & SILVA, 2005, pp.101-102), ou seja:

> Os analistas do discurso buscam ainda entender como os símbolos e a língua produzem os significados. Em outros termos, analisar um discurso não é ler um texto buscando as informações trazidas por ele. Esse é o método da análise de conteúdo, amplamente empregado em História e nas ciências humanas em geral. Para a Análise do Discurso, o importante não é saber o que um texto quer dizer, mas como ele diz o que diz, ou seja, como os elementos linguísticos, históricos e sociais que o compõem fazem sentido juntos. Esse questionamento vem do fato de que a língua não é autônoma, e tanto ela quanto os indivíduos são muito afetados pelas condições sociais e pelo imaginário que os cerca. Além disso, o indivíduo não tem controle sobre como essas coisas o afetam, o que o isenta de responsabilidade pelos sentidos produzidos no discurso, já que esses são diretamente influenciados pelo meio social e pelo contexto histórico, que fogem ao seu controle (SILVA & SILVA, 2005, p. 102).

Foi exatamente isso que foi feito no terceiro capítulo dessa pesquisa no qual foram analisados os discursos acerca do Cristianismo Primitivo presentes nos escritos dos *Pais*

Apostólicos, a fim de saber como esses documentos, a partir da articulação dos elementos linguísticos, históricos e sociais, construíram o sentido acerca da religião cristã primitiva.

A fim de fazer a relação entre pesquisa histórica e o ensino de história, foi realizado um estudo de caso que analisou como o Cristianismo Primitivo tem sido abordado na Escola Estadual Alcides Wanderley (local de atuação do autor da pesquisa), uma escola de ensino médio, situada na cidade de Carnaubais, estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Esse estudo e seus resultados podem ser conferidos nos apêndices.

A análise foi feita a partir da investigação da maneira como o tema tem sido abordado nos livros didáticos escolhidos e utilizados na escola desde que esse instrumento passou a ser usado no ensino médio até a última escolha do material didático, que neste caso se deu em 2021. Para isso foram analisados a abordagem historiográfica do tema presentes nesses materiais didáticos e o uso que eles fizeram de materiais complementares ao texto principal.

Percebeu-se que todos as obras estudadas apresentaram, na exposição do tema, uma sequência narrativa semelhante, apresentando uma história factual, centrada em acontecimentos marcantes e importantes personagens. Mas ela deixou de fora alguns aspectos relevantes, tais como: a maneira como os primeiros cristãos se viam dentro da sociedade greco-romana e a forma como eles interpretavam a perseguição e o martírio sofridos por parte do poder imperial.

A fim de preencher essa lacuna, foi desenvolvido como produto para intervenção na aula uma Sequência Didática. Ela foi aplicada na 1ª série, turma B, da instituição de ensino retromencionada. O objetivo desse produto foi unir o molde narrativo utilizado nos livros didáticos com as representações presentes nos documentos escritos pelos primeiros cristãos. Neste caso, as obras cristãs usadas foram *A Epístola a Diogneto* e *O Martírio de Policarpo*. A primeira fonte apresentou a visão que os primeiros cristãos tinham a respeito de si mesmos e a segunda apresentou a visão que eles tinham a respeito do martírio.

A Sequência Didática utilizada nesse trabalho seguiu um modelo sugerido pelo *Programa Inspira Digital,* na qual manteve-se a sua estrutura básica, mas foram feitas algumas adaptações pertinentes à proposta deste estudo. As fichas que foram aplicadas encontram-se nos anexos dessa pesquisa e os resultados foram expostos no final deste estudo de caso.

CAPÍTULO 1
AS INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES DOS MUNDOS HELENÍSTICO, ROMANO E JUDAICO PARA O ADVENTO DO CRISTIANISMO

"Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho"
Gálatas 4.4 a[1].

O cristianismo é um movimento religioso que surgiu no século I, na região da Judéia, uma província do Império Romano, por meio da pregação de Jesus de Nazaré e dos seus discípulos. Estes acreditavam que o seu mestre era o Messias esperado pelo povo judeu e, mais do que isso, tinham a crença que ele era o Filho de Deus e, por isso mesmo, era o Senhor e Salvador do mundo.

Após a morte de Jesus, seus discípulos foram espalhando sua mensagem por todas as regiões do império romano e até mesmo além de suas fronteiras. O movimento foi ganhando cada vez mais adeptos até ao ponto de se tornar, posteriormente, a religião oficial do império e futuramente, a religião mais seguida e influente do mundo.

Mas para que todo esse processo de ascensão e expansão dessa religião pudesse acontecer, houve muitas influências que confluíram e contribuíram para tal. Dentre essas influências, pode ser citado o helenismo, que ocorreu séculos antes da aparição de Cristo, a ação do Império Romano e a atuação do povo judeu, principalmente daqueles que viviam na diáspora. Por isso, podemos dizer que o cristianismo é herdeiro das contribuições do mundo helenístico, do mundo romano e do mundo judaico. E são justamente as influências e contribuições desses três elementos para o advento do Cristianismo que serão analisados neste capítulo.

1.1 O mundo helenístico: desintegração cultural do mundo grego clássico e integração linguística

A partir do século VIII a.C. se formaram as diversas cidades gregas, que eram chamadas pelos gregos de *pólis*. Entre os séculos VI e IV a.C. ocorreu o apogeu político, econômico e cultural dessas cidades, especialmente Atenas com a sua democracia. O

[1] SHEDD, Russell P (org). Bíblia Shedd. 2. ed. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1997.

pensamento clássico grego se desenvolveu nesse contexto, com as *pólis* assumindo um papel de protagonismo.

Naquela época, os gregos não possuíam uma unidade política, mas cada pólis se organizava como uma cidade-Estado. Apesar desse contexto de desintegração política, havia entre os gregos elementos culturais que integravam sua população: a língua comum (mesmo existindo diferentes dialetos), a mesma base religiosa e a participação nos jogos olímpicos, que eram promovidos justamente para celebrar esse espírito comum que existia entre eles.

Em função disso, os habitantes das diferentes pólis reconheciam-se como helenos. E eram as *pólis*, por sua vez, os centros onde esses elementos culturais gregos eram cultivados. Por isso, num contexto de desintegração política, essas instituições funcionaram como um elemento de coesão do tecido social grego. Podemos, então dizer, que mesmo sem haver uma unidade política, havia uma unidade cultural entre os gregos e que as *pólis* serviam como importantes núcleos dessa unidade.

Entre os séculos VIII e VI a.C. ocorreu o expansionismo grego. Durante esse período, boa parte da população grega partiu para diversas regiões do litoral do Mediterrâneo, fundando colônias para povoamento, nas quais, surgiram outras importantes cidades, fora da Hélade, mas seguindo os moldes helenos, onde "as colônias gregas, algumas das quais com centenas de anos, estavam amplamente disseminadas ao longo da costa de todo o Mediterrâneo" (NICHOLS, 2008, p. 19).

Essas colônias foram responsáveis pela disseminação dos elementos culturais gregos para regiões além da Grécia. Seguindo o padrão helênico, as colônias gregas não constituíram uma unidade política, mas integravam-se socialmente por meio apenas de seus elementos culturais comuns que eram cultivados em suas *pólis*. As *pólis* continuaram nas colônias com o mesmo papel que exerciam na Hélade, funcionando como os núcleos responsáveis pela agregação do tecido social.

Com o passar do tempo, porém, as *pólis* perderiam o seu protagonismo. Primeiramente por causa das guerras que elas travaram entre si em busca de hegemonia; posteriormente, devido a dominação macedônica, pois, Filipe da Macedônia, aproveitando-se da fragilidade causada por essas disputas internas, dominou a Grécia. Mas coube ao seu sucessor, seu filho Alexandre, acabar definitivamente com qualquer resistência que as cidades gregas ainda ofereciam ao domínio estrangeiro. Alexandre, após sufocar a resistência grega, consolidou seu poder sobre a Hélade e deu continuidade à expansão militar macedônica, partindo em direção ao Oriente, obtendo vitórias militares

na Ásia Menor, Egito, Mesopotâmia, Pérsia e em regiões da Índia. Sob sua autoridade, Alexandre deu unidade política à Grécia e construiu um verdadeiro império que se tornou um dos maiores da Antiguidade. À sombra desse império houve um grande intercâmbio cultural entre diferentes matrizes: helênica, egípcia, persa e mesopotâmica, processo esse, que ficou conhecido por helenismo, sobre o qual se edificou o mundo helenístico.

O mundo helenístico foi então, aquele que se ergueu a partir da expansão da cultura grega clássica para territórios além da Grécia e da integração desta com outras culturas diversas, principalmente aquelas que eram oriundas do Oriente. Esse processo que havia começado desde a colonização grega dos territórios ao redor do Mediterrâneo, teve seu apogeu, principalmente, por meio da expansão do Império Macedônico. Isso se deu porque o imperador "Alexandre procurou levar a cultura grega para a Ásia à medida que seu Império se expandia" (SILVA & SILVA, 2009, p. 178).

Essa difusão cultural grega foi possível, em grande medida, devido a disseminação da língua grega comum, o *koiné*, faladas nas diversas colônias desde tempos anteriores ao helenismo e levada ao Oriente pela dominação macedônica. Se por um lado, o expansionismo macedônico concedeu uma momentânea unidade política ao mundo grego, por outro, acabou ruindo a unidade cultural que havia em torno de seus elementos culturais comuns e criando "um conjunto cultural de base grega, mas com influências asiáticas diversas" (SILVA & SILVA, 2009, p. 178).

Em pouco tempo, porém, até a momentânea unidade política do mundo grego por meio do Império Macedônico se desfez, pois Alexandre morreu sem deixar descendentes. Seu império foi dividido entre quatro de seus generais. O mundo helenístico, por tanto, seguiu sem uma unidade política, mas agora com um agravante, que o diferenciava do mundo grego clássico: a desintegração cultural. O único elemento integrador que restou para esse mundo foi o *koiné*, a língua comum falada entre eles.

1.1.1 A desintegração cultural do mundo grego clássico e o mundo helenístico

Como resultado da dominação macedônica houve um declínio da participação do cidadão nos destinos das pólis, provocando uma desfiguração da participação política característica do mundo grego clássico. Em seu livro *Helenismo, Roma e Cristianismo Primitivo*, o filósofo Eric Voegelin, apontou como causa desse declínio o aumento da

ação de um fenômeno que ele chamou de apolitismo; segundo o filósofo, o fenômeno do apolitismo grego se manifestou sob duas formas:

> No pensamento grego, portanto, temos que lidar com o problema do apolitismo sob dois aspectos que frequentemente se justapõem. O primeiro aspecto é representado pelo apolitismo de fato, isto é, os sentimentos das pessoas que não tem a chance ou o desejo de governar. Esses sentimentos podem ser encontrados em todos os estratos da sociedade grega, tanto entre cidadãos como em meio à população de não cidadãos da pólis. O segundo aspecto é aquele representado pelo apolitismo formal, isto é, o *status* formal de não cidadania, seja como cidadão livre, seja como escravo (VOEGELIN, 2012, p. 101).

Isso quer dizer que havia na Grécia dois tipos de apolitismo: o real e o formal. O primeiro, se mostraria no sentimento presente em todas as camadas sociais gregas, seja entre os cidadãos ou entre os não cidadãos, e que se manifestava na não participação política daqueles que não tinham desejo ou oportunidade de participar do governo; já o segundo, se mostraria naqueles que não participavam da política porque não eram considerados cidadãos. O autor nos explica que com o tempo, a ação desses dois apolitismos, que se influenciavam mutuamente, combinaram-se, provocando o declínio na participação política entre os gregos:

> A interação entre os dois tipos de apolitismo no processo de desintegração helênica pode ser formulada da seguinte maneira: os sentimentos de apolitismo real primeiro penetram e desintegram a pólis com sua atitude espiritual paradisíaca, enquanto o *status* formal do apolitismo encontra sua expressão espiritual independente num momento em que o primeiro processo surtiu efeito em um grau tal que os grupos formalmente apolíticos podem erguer suas vozes em público (VOEGELIN, 2012, p. 105).

Essa mudança no campo político contribuiu para o enfraquecimento do papel das pólis no mundo helênico. Voegelin localiza esse fenômeno no século IV a.C., época do advento do helenismo: "o primeiro sintoma de desintegração sério do corpo social por meio do aumento de um elemento a-histórico e apolítico na população não se torna visível antes do século IV a.C." (VOEGELIN, 2012, p. 103), ou em outras palavras, as consequências do domínio macedônico e do helenismo que o acompanhou, foi o aumento do fenômeno do apolitismo que acabou por enfraquecer o protagonismo das *pólis*.

Somado a esse enfraquecimento do protagonismo das *pólis*, a dominação macedônica também provocou uma mudança na composição étnica dos filósofos. Com a expansão macedônica muitos estrangeiros foram sendo integrados ao rol dos pensadores helênicos, trazendo consigo, outras concepções, distintas das gregas:

> A civilização grega viria a se espalhar gradativamente pelo Oriente Próximo; a língua grega torna-se a língua comum do Mediterrâneo oriental na forma da *koiné;* mas as ideias expressas nessa *koiné,* ainda que evidenciando um traço de herança grega, são aqueles dos orientais e refletem a origem oriental de seus pensadores (VOEGELIN, 2012, p. 106).

Houve, portanto, uma inserção gradual de pessoas e ideias orientais, que se processou em grande medida nos dias do período helenístico. Com isso, os valores gregos começaram a mesclar-se com as mais diversas tradições culturais e como consequência disso, aqueles elementos culturais que antes faziam com que todos os gregos se reconhecem como helenos, perderam sua força agregadora, dando lugar a uma visão de mundo cosmopolita (VOEGELIN, 2012).

Nesse contexto, surgiram as novas e variadas escolas filosóficas daquele período. Essas escolas, porém, apresentaram uma nova atitude, se comparada com as escolas da época clássica, assumindo uma nova categoria:

> No período sob observação, os estrangeiros aparecem individualmente, e sua atitude fundamental de apolitismo se expressa nas tentativas de resgatar uma regra de conduta em meio aos destroços da pólis. As forças da nova vida da comunidade que se torna visível criam a forma da 'escola'; em alguns casos, como os epicureus, a escola assume as características de uma seita, que se assemelha, na sua função para com os seus membros, às comunidades cristãs e coexiste com elas por séculos (VOEGELIN, 2012, p. 106).

Em outras palavras, tanto a atitude apolítica de alguns quanto a visão de mundo cosmopolita que ocorreu entre a população helenística com o declínio das *pólis*, minaram a função de integração social que os elementos culturais gregos exerciam sobre sua população, deixando um vácuo e um sentimento de desorientação entre aquele povo. As escolas filosóficas desse período surgiram com a intenção de preencher essa lacuna. Cada escola passou a apontar aos seus membros diferentes caminhos de realização e direção, procurando exercer para com seus adeptos um papel orientador e agregador que antes era encontrado nos elementos culturais gregos cultivados nas pólis.

Em função disso, as escolas filosóficas do período helenístico apresentaram uma mudança em seus objetivos, pois "as preocupações coletivas da *pólis* cederam lugar às preocupações pessoais, a reflexão política enfraqueceu-se e a vida privada tornou-se o centro das investigações filosóficas" (COTRIN, 2016, p. 232). Ocorreu, portanto, no seio daquelas instituições, "a transição de uma teoria ética para outra psicológica", por isso, elas tentaram "oferecer uma explicação para as ações humanas por meio de uma psicologia de motivos" (VOEGELIN, 2012, p. 111).

Falando sobre as escolas filosóficas daquele período, Cotrim também reforça essa ideia quando escreve que "parece que a principal preocupação dos filósofos era proporcionar às pessoas desorientadas e inseguras com a vida social alguma forma de paz de espírito, de felicidade interior em meio às atribulações da época" (COTRIN, 2016, p.

232). Isso quer dizer que naqueles espaços ocorreu a transferência de enfoque do âmbito da política para o âmbito da psicologia.

Voegelin (2012) elucida que a explicação baseada numa psicologia de motivos já existia desde a época clássica, mas foi durante o período helenístico, com o declínio das *pólis* e por meio dessas novas escolas filosóficas que ela se tornou um fenômeno social disseminado:

> Platão tinha desenvolvido o conceito de *nosos* para indicar a desordem de um espírito que tinha perdido a sua orientação religiosa e espiritual; agora, com a ruptura da pólis, o *nosos* se torna um fenômeno social disseminado e atinge o ponto de uma deformação patológica da mente. O *nosos* da mente é, assim como o surgimento da psicologia, um sintoma da desintegração política. A principal função do *cosmion* político é, como vimos, diminuir a ansiedade existencial do homem ao dar à sua alma, pela evocação mágica da comunidade, a garantia de ter um lugar significativo em um cosmos bem-ordenado (VOEGELIN, 2012, p. 113).

Os resultados desse novo contexto podem ser resumidos da seguinte forma:

> os fenômenos sociais que acompanharam esse período foram, [...], um aumento prodigioso no número de círculos esotéricos, de clubes, de comunidades espirituais semirreligiosas e escolas de pensamento, a ascensão de novos movimentos religiosos e seitas, o aparecimento de salvadores e líderes e a fundação de filosofias de conduta (VOEGELIN, 2012, p. 114).

Isso aconteceu porque esses grupos religiosos, semirreligiosos ou filosóficos assumiram a tarefa de agregação social que antes era encontrada nas *pólis*, porém, com objetivos de cunho mais pessoal e privado e menos político e coletivo. Foi dentro desse novo contexto, portanto, que apareceram e multiplicaram-se tanto as diferentes escolas filosóficas do período helenístico, tais como os epicureus, os estoicos, os cínicos, os hedonistas, quanto as primeiras comunidades cristãs, posteriormente. Voegelin nos diz também que essa "sociedade suave, amistosa, não obstrutiva, psicologicamente sagaz e levemente parasita de pequenos homens assustados no jardim é um símbolo apropriado do final da Heláde" (VOEGELIN, 2012, p. 116).

Em outras palavras, a visão de mundo cosmopolita da sociedade helenística foi uma característica marcante daquele contexto que se formou a partir do declínio das *pólis*. Essa característica, por sua vez, tornou o mundo helenístico aberto ao aparecimento de salvadores e líderes e à formação de novos movimentos religiosos, que floresceram em grande medida naquele contexto, pois buscava-se nesses elementos por uma orientação espiritual. E quando, finalmente, os romanos conquistaram esse mundo, herdaram dele essa característica. Desse modo a sociedade greco-romana, formada a partir da mescla entre elementos culturais helenísticos e romanos, se tronou um solo apropriado para o surgimento e a disseminação do cristianismo.

A despeito disso tudo, havia no mundo helenístico um elemento agregador: a língua grega comum (*koiné*). Essa língua tornou possível a ação das comunidades religiosas, semirreligiosas e filosóficas que se proliferaram durante o período helenístico. E mesmo depois da dominação romana, ela continuou sendo a mais utilizada ao redor do Mediterrâneo, sendo ainda predominante durante o aparecimento do cristianismo e utilizada por essa manifestação religiosas como veículo de propagação da sua mensagem.

1.1.2 A integração linguística no mundo helenístico

Como já foi visto, com a dominação macedônica e o helenismo, o mundo grego perdeu aquela integração social baseada numa cultura comum que era cultivada nas suas diversas *pólis*.

Foi observado também que o Império Macedônico não conseguiu manter a unidade política por muito tempo, pois fragmentou-se logo após a morte de Alexandre. Sobrou para o mundo helenístico como elemento integrador apenas a língua grega comum (conhecida por *koiné*), que foi "um dos principais veículos de transmissão do modo de vida grego nessas cidades foi a língua, o grego "comum", imposto sobre os diversos dialetos gregos depois da conquista de Alexandre. Essa língua, que rapidamente incorporou elementos de outras culturas, foi indispensável à formação do helenismo, pois possibilitou a comunicação na diversidade étnica de cada reino" (SILVA & SILVA, 2009, p. 179).

As diversas colônias gregas já haviam levado e disseminado diferentes dialetos gregos por toda a região ao redor do Mediterrâneo. Mas quando Alexandre Magno assumiu o poder do Império Macedônico e, posteriormente, empreendeu suas conquistas militares, expandindo o poderio macedônico ao Oriente, o *koiné* foi imposto sobre os diversos dialetos e se tornou a língua predominante no mundo Mediterrâneo. Mesmo depois que o Império Macedônico sucumbiu aos romanos, o *koiné* continuou como a língua mais falada no mundo greco-romano. Isso aconteceu "por meio da assimilação dos costumes gregos por diferentes povos dentro do helenismo", ou seja, "era essa a língua universal do mundo greco-romano que era usada para todos os fins no intercâmbio popular. Quem quer que falasse seria entendido em toda parte" (SILVA & SILVA, 2009, p. 180; NICHOLS, 2008, p. 20).

Portanto, o mundo helenístico, caracterizado por uma visão de mundo cosmopolita pode ser representado pelas diferentes escolas filosóficas, pelos diversos círculos esotéricos ou comunidades espirituais semirreligiosas que surgiram em seu seio, possuía um elemento unificador, pelo menos no contexto da comunicação.

Quando o Cristianismo Primitivo surgiu e começou a se expandir pelo mundo greco-romano, foi bastante beneficiado por esse idioma, pois "os primeiros missionários, como, por exemplo, Paulo, pregaram quase sempre nessa língua, e nela foram escritos os livros que vieram a constituir o nosso Novo Testamento". Em outras palavras, a nova religião encontrou uma "língua universal" para que pudesse ser difundida e conhecida ente os diversos povos (NICHOLS, 2008, p. 20).

Vejamos agora as contribuições e influências do mundo romano.

1.2 O mundo romano: unidade política e a falta de um elemento de agregação social

Conforme já foi mencionado anteriormente, a unidade política do Império Macedônico não foi duradoura, pois após a morte de Alexandre, seus domínios foram divididos ente seus generais. Posteriormente, por ocasião da expansão territorial romana, esses reinos foram, por sua vez, subjugados.

Roma, de forma geral, entrou em contato com a cultura das várias regiões por ela conquistadas, e de forma particular, assimilou muitos elementos culturais helenísticos. Assim, os romanos se tornaram sucessores do Império Macedônico e impuseram uma unidade política ao mundo mediterrâneo. Essa unidade alcançou seu apogeu durante o início do império, entre os séculos I e III, uma época na qual os romanos desfrutaram de um período pacífico que ficou conhecido como *Pax Romana*. Por tanto, havia no mundo romano uma unidade política, mas faltava-lhe um elemento de agregação social (REIS, 2006).

1.2.1 A *Pax Romana* e a unidade política de Roma

Ao longo do seu período republicano, Roma expandiu seus domínios por meio de conquistas militares. Quando chegou a sua fase imperial ela já possuía um enorme território que alcançou sua máxima extensão em meados do século II. As medidas adotadas pelo primeiro imperador romano, Otávio Augusto, fizeram com que por todo o

território sob o domínio romano houvesse um período de paz, conhecido como *Pax Romana*. Esse momento recebeu esse título porque, apesar de haver algumas guerras esporádicas nas fronteiras, de uma forma geral, Roma não se envolveu em grandes conflitos como os do passado, "mas, com o Império Romano, os povos se unificaram, no sentido de que todos os governos tinham sido derrubados e um poder único dominava em toda a parte" (NICHOLS, 2008, p. 18). A *Pax Romana* se prolongaria até o começo do século III.

Durante esse período de paz houve um intenso desenvolvimento das atividades comerciais proporcionado pela existência de uma moeda comum, pela generalização do Direito romano e a construção de estradas que ligavam as diferentes partes do império:

> Finalmente, a administração romana, que era sábia, forte e vigilante, tornou fáceis e seguras as viagens e comunicações entre as diferentes partes do mundo. Os piratas, que estorvavam a navegação, foram varridos dos mares. Por terra, as esplêndidas estradas romanas davam acesso a todas as partes do império. Essas estradadas notáveis tinham, nessa civilização, a mesma função das nossas atuais estradas de rodagem e estradas de ferro. Essas vias de comunicação eram tão policiadas que os ladrões desistiram dos seus assaltos. Assim, a viagem e o intercâmbio comercial tiveram um extraordinário incremento (NICHOLS, 2008, p. 18).

Esse contexto proporcionado pela *Pax Romana,* consolidou o ideal imperialista romano e este, por sua vez, contribuiu para a formação da ideia de uma unidade humana, sob o domínio político de Roma:

> A ideia de "história universal" só começou a ser formulada e a ser central numa cultura com os romanos. E isso representou uma ruptura com a consciência histórica grega e uma fissura na cultura ocidental. O passado e o futuro tornaram-se assimétricos e o futuro passou a ser o centro da gravidade da história. Em Políbio, a ideia de uma "história universal" se confundia e se restringia à do Império Romano, cujo fim era a romanização de todo o mundo. O fim da história era o domínio de Roma sobre o mundo. Roma era a reunião de todos os povos mais avançados do mundo. Mas, dessa comunidade "universal", os não-romanos estavam excluídos. A ideia de uma "humanidade" que incluísse a alteridade dos não-romanos ainda não existia. Os romanos a conceberam movidos por uma incoercível motivação expansionista (REIS, 2006, p. 18).

Mas essa unidade política não dispunha de um elemento de agregação social como tinha no mundo grego clássico. Assim, o Império Romano consolidou no mundo mediterrâneo uma unidade política que havia sido buscada antes por Alexandre, mas como herdeiro do mundo helenístico, não conseguiu promover uma integração cultural entre seus habitantes, semelhante a que existia no mundo grego clássico. "Um império mundial surgira como uma organização de poder, mas não havia um povo espiritual coeso à altura dessa vasta escala organizacional. Para ser exato, o Império Romano tinha uma população, não tinha um povo" (VOEGELIN, 2012, p. 201).

1.2.2 A falta de um elemento de integração social no mundo romano

O período do domínio romano não trouxe grandes mudanças no campo do pensamento. Os filósofos romanos seguiram a tendência dos seus antecessores helenísticos. Na verdade, eles foram representantes latinos das escolas filosóficas helenísticas, como por exemplo, Sêneca, que foi maior representante latino da escola estoica, e Plotino, o maior expoente latino do neoplatonismo. Outros grandes filósofos romanos como Cícero foram apenas responsáveis por retransmitir, em grande medida, a terminologia filosófica grega para o latim. Sobre esse período da filosofia romana, pode-se mencionar que "trata-se de um período longo em anos, mas pouco notável no que diz respeito à originalidade das ideias filosóficas" onde a "atividade reflexiva esteve mais voltada à tarefa de assimilar e desenvolver as contribuições culturais herdadas da Grécia clássica, principalmente, do que a de criar novos caminhos para a filosofia" (COTRIM, 2016, p. 234).

Possivelmente, a grande "inovação" do pensamento romano foi ter criado as bases filosóficas para a ideia de unidade política:

> Com Políbio, a consciência de uma nova época começou a adquirir peso político com a expansão de Roma para a África e para o Oriente, e a ideia do destino e da finalidade na história ganhou forma. Com Cícero, a substância do *imperium Romanum* infiltrou-se na Cosmópolis estoica. César criou na sua pessoa o mito do governante do mundo; e, nas especulações de Marco Antônio e de Virgílio, a evocação da Idade de Ouro sob a liderança de uma personalidade soteriológica alcançou o clímax (VOEGELIN, 2012, p. 200).

Essa unidade política promovida pelos romanos estava baseada em seu expansionismo. Sendo assim, foi seu poderio militar que garantiu a liga meramente externa que unia sua população. Faltava, porém, um elemento que promovesse uma liga interna entre essa população. O mundo romano, então, assim como no mundo helenístico, permaneceu sem uma integração social semelhante à do mundo grego clássico:

> Sua enorme vontade de potência os fez pensar em uma 'humanidade universal', conquistada e romanizada. Em Roma, o sentido da unidade humana era político: o controle de todos os povos por um único povo. Faltava um discurso – pois os romanos eram herdeiros dos gregos – que oferecesse legitimidade metafísica a essa vontade de potência universal (REIS, 2006, p. 18).

Sendo assim, o mundo romano conseguiu promover uma unidade política, mas não dispunha de um elemento de agregação social. Esse elemento viria com o cristianismo, a partir do momento em que o império tornou essa nova fé a sua religião oficial e usou sua mensagem como justificativa para o seu domínio sobre outros povos.

> O Cristianismo, inicialmente combatido, foi depois reconhecido e incorporado como religião oficial, pois apoiaria com o sentimento religioso e o discurso teológico a conquista romana do mundo. [...]A humanidade teria então uma história comum e uma direção única: a vitória romana e a salvação cristã. [...] Os romanos iniciaram a aventura ocidental de conquista do mundo imbuídos da fé de que iriam salvá-los! A ideia de "história universal" e de um sentido histórico único para toda a humanidade começou a se elaborar como conquista, por um povo, de todos os povos. Os romanos se atribuíam essa missão divina e não poderiam falhar. Eles sintetizaram a tese judaica do "povo eleito" com o universalismo cristão do pagão-também-filho-de-Deus. Eles, povo eleito, tinham a missão, de levar aos pagãos essa verdade única da história universal: "somos todos filhos do único Deus e nós, o povo eleito de Deus, seu filho dileto, pois ele veio ao nosso mundo e nos revelou a Verdade; temos o direito divino de liderá-los na história da salvação!" (REIS, 2006, pp. 19 – 20)

Esse novo credo, entretanto, surgiu a partir das bases religiosas e espirituais de um outro povo, os judeus. Por isso, antes de examinarmos como a religião cristã conferiu unidade espiritual à população do Império Romano, será necessário analisar como o mundo judaico influenciou essa nova manifestação religiosa.

1.3 O mundo judaico: as bases religiosas do Cristianismo

O mundo judaico é oriundo do povo hebreu. Conforme a tradição, esse povo surgiu por volta do século XX a.C., a partir do clã do patriarca Abraão, que é originário da cidade de Ur, no sul da Mesopotâmia. Abraão migrou com sua família para o noroeste da Mesopotâmia, para uma região chamada Canaã. Ali sua descendência viveu por três gerações; depois disso, um neto de Abraão, chamado Israel, juntamente com sua família, mudaram-se para o Egito, devido uma seca que aconteceu em sua terra. Os hebreus viveram no Egito aproximadamente por 400 anos, durante os quais foram escravizados pelos faraós egípcios.

Depois disso, guiados por Moisés, os hebreus saíram do Egito e voltaram para Canaã, no século XIII a.C., no episódio conhecido como Êxodo. Ao chegarem em Canaã, os hebreus lutaram contra cananeus e filisteus, apossando-se da terra. Uma vez restabelecidos na Palestina, eles viveram diferentes fases políticas. Inicialmente foram governados por juízes, que eram líderes políticos, militares e religiosos; posteriormente, os hebreus adotaram a monarquia, permanecendo como reino unificado durante os

governos dos reis Saul, Davi e Salomão. Foi durante esse período que Jerusalém se tornou a capital do reino e o Primeiro Templo foi construído.

Mas depois da morte de Salomão, o reino dividiu-se em Reino do Sul, também chamado Judá, com capital em Jerusalém e Reino do Norte, também chamado Israel, com capital em Samaria. O primeiro, diferente do segundo, seguiu a dinastia de Davi. No século VIII a.C., o Reino do Norte foi assaltado pelos assírios e sua população foi deportada. O Reino do Sul permaneceu ainda até o século VI a.C., quando foram assaltados pelos babilônicos, que destruíram Jerusalém e o Templo e levaram sua população cativa para a Babilônia. O cativeiro babilônico durou até o momento em que os persas dominaram a Babilônia e permitiram que os hebreus voltassem para Palestina e reconstruíssem Jerusalém e o Templo. Muitos hebreus, porém, não retornaram para a Palestina, mas ficaram espalhados em pequenas comunidades pela Mesopotâmia. Na época que correspondeu ao cativeiro babilônico e ao retorno dos hebreus à Palestina, eles passaram a ser chamados de judeus.

Apesar de estarem livres do cativeiro, os judeus perderam sua autonomia política. O território onde habitavam tornou-se província dos diferentes impérios que dominaram o antigo oriente: os persas, macedônicos e romanos. Esse último povo, devido uma revolta judaica contra a dominação estrangeria, reagiu violentamente, sufocando a rebelião e destruindo a cidade de Jerusalém e o Segundo Templo. A partir desse momento, os judeus se espalharam pelo mundo. Esse acontecimento ficou conhecido por diáspora judaica. Semelhantemente aos cativos que não retornaram da Babilônia, os judeus da diáspora formaram pequenas comunidades ao redor do Mediterrâneo, por meio das quais, preservaram sua religião e sua língua e deixaram suas influências sobre as sociedades onde estavam inseridos.

1.3.1 A diáspora judaica

Quando os judeus foram libertos do exílio babilônico por meio dos persas (séc. V a.C.), receberam destes a permissão de retornarem à Palestina; porém, muitas famílias não voltaram, mas permaneceram na Mesopotâmia:

> De qualquer forma, está claro que na época do decreto de Ciro, a maioria dos judeus exilados pertencia a uma geração que não conhecia a sua pátria. Tinham nascido no exílio e, embora sonhassem com Jerusalém, eram o povo da Babilônia. [...] Obviamente, isto não é difícil de compreender, visto que em Babilônia eles eram relativamente prósperos, sendo doloroso reiniciar a vida em uma terra de morte e cinzas. Mas o principal ponto aqui é a grande

> adaptação e assimilação do povo. Como outros refugiados e povos deportados, os judeus demonstraram a flexibilidade da psique humana, não apenas permanecendo na terra, mas permitindo a terra penetrar-lhe (MERRIL, 2017, p. 501).

Em outras palavras, a geração por ocasião do retorno era formada por muitas pessoas novas que nunca tinham conhecido a Palestina, sendo que muitos deles se tronaram prósperos na Mesopotâmia e, por isso, não alimentavam nenhum desejo de retornarem à Canaã para começarem um novo empreendimento; além do mais, muitos demonstraram grande adaptação e assimilação à vida na Babilônia. Os judeus que permaneceram, começaram a se espalhar em "diáspora" formando as primeiras sinagogas, nas quais seus elementos religiosos e culturais foram preservados:

> A sinagoga (literalmente: reunião), como se sabe, tem sua origem no fato de que, após o exílio na Babilônia (séc. VI aC), muitas famílias judaicas não voltaram para a Palestina, mas se espalharam em 'diáspora' pelas cidades em torno do Mar Mediterrâneo ou no interior da Síria, reunindo-se com seus correligionários em 'sinagoga'. A sinagoga era uma comunidade de base, com autonomia diante das autoridades do templo de Jerusalém e com um convívio bastante democrático entre as famílias que dela faziam parte (HOORNAERT, 1997, p. 56-57).

As famílias que resolveram retornar à Palestina reconstruíram a cidade de Jerusalém e o Templo, além de resgatarem a cultura e a religião judaica em solo palestino. Apesar desse retorno após o cativeiro babilônico, os judeus já não possuíam mais uma autonomia política e foram dominados por diferentes povos a partir desse momento, como os persas, os macedônicos e o romanos. Estes últimos, como represália a uma rebelião, destruíram Jerusalém e o Templo em 70 d.C., obrigando o povo judaico a se dispersarem de novo por outras regiões.

Essa população dispersa buscou as comunidades que já existiam fora da Palestina ou formaram novas comunidades que se orientavam em torno da sinagoga, conseguindo assim, manter sua cultura e religião:

> A partir daí, os hebreus dispersaram-se pelo mundo. É a chamada diáspora hebraica. Espalhados em pequenas comunidades, preservaram elementos básicos de sua cultura (língua e religião) e alguns objetivos comuns, como o retorno a sua terra. Assim, mantiveram-se como nação, embora não constituíssem em um Estado (COTRIM, 2017, p. 81).

Essas comunidades judaicas da diáspora, que se organizavam em torno da sinagoga, foram o modelo seguido pelas primeiras comunidades cristãs:

> Esses elementos ficaram o mais das vezes preservados no cristianismo originários. Podemos supor, que as comunidades cristãs seguiam em grandes linhas o modo de vida das colônias judaicas nas grandes cidades: certamente mantinham uma grande coesão interna, baseavam-se sobretudo nos quadros familiares, praticavam a esmola, o jejum, a oração, a ceia, as festas. Davam

> assistência regular aos necessitados através de ofertas voluntárias ou de outras maneiras (HOORNAERT, 1997, p. 57).

Não somente o modelo organizacional, mas também a crenças dos primeiros cristãos tiveram como base as crenças das comunidades judaicas da diáspora. Vejamos agora, quais crenças judaicas serviram de base para a fé das primeiras comunidades cristãs.

1.3.2 As crenças dos judeus da diáspora

As características essenciais da fé judaica durante a diáspora eram duas: sua concepção de Deus e seu ideal de vida moral. Esses dois elementos diferenciava a crença judaica das demais crenças do mundo greco-romano; mas existiram também outros itens que tornavam a fé de Israel algo peculiar: a ideia de povo escolhido e a esperança na vinda de um Messias.

O fundamento da fé judaica era o seu monoteísmo absoluto. Apesar de no passado o povo judeu ter muitas vezes se afastado desse preceito e adorado outras divindades, após o retorno do exílio babilônico, porém, eles conservaram esse monoteísmo e se tornaram peculiares na região mediterrânea onde diversas divindades recebiam culto. No início da era cristã, esta fé monoteísta estava fortemente enraizada na consciência do povo (DANIEL-ROPS, 2008, pp.455- 456) e esse conceito de Deus se tornou tão forte na vida daquelas pessoas que era recebido sem nenhum questionamento:

> Para o judeu, o seu Deus representava na verdade o inverso daquele 'Deus dos filósofos e eruditos' citado por Pascal; e esse Deus se impunha à sua percepção com tanta força quanto um objeto que pudesse ser tocado ou um ser animado que pudesse ser visto. O Antigo Testamento, os livros apócrifos e os Evangelhos estão cheios de expressões que confirma essa fé decidida, para a qual a doutrina do monoteísmo é tão aparente que ninguém se lembra de demonstrar a sua verdade (DANIEL-ROPS, 2008, p. 457).

O outro cerne da fé judaica era a sua lei moral; na verdade, a ética e a crença monoteísta estavam ligadas, pois, a lei moral era entendida como uma expressão do caráter de Deus de modo que praticar a santidade era na verdade imitar o caráter santo de Deus. Este ideal era colocado diante de cada homem que desejava ser fiel à sua fé:

> Entre os aspectos mais originais dos ensinos morais judeus, existem dois que devem ser particularmente notados. O primeiro é a importância dada à virtude da castidade. [...] O segundo aspecto da doutrina ética judia, e talvez o mais surpreendente, era a sua insistência sobre as virtudes da bondade, da fraternidade e da caridade (DANIEL-ROPS, 2008, p. 465).

Enquanto entre os greco-romanos, o cultivo de virtudes era preconizado apenas por uma e outra escola filosófica, entre os judeus, isso era disseminado por meio das sinagogas das diversas comunidades judaicas que viviam em diáspora ao redor do Mediterrâneo.

Esses dois pilares da fé judaica sustentavam também sua visão peculiar que possuíam a respeito de si mesmos: a noção de que eles eram o povo escolhido de Deus. Desde a mais tenra idade, todos os judeus são ensinados por seus pais de que eles foram escolhidos por Deus a partir do patriarca Abraão, percorrendo todas as gerações, para serem adoradores do Deus único e praticantes de suas leis morais.

Todos esses elementos os tornavam diferentes dos demais povos mediterrâneos e influenciou a forma como se relacionaram com esses povos. Alguns cultivaram, movidos por um orgulho nacional, um exclusivismo que os impediam de manter uma boa relação com os demais povos com medo de serem contaminados por suas crenças e práticas; mas outros judeus, por outro lado, entendendo que a função do povo escolhido seria abençoar os demais povos com seu conceito de Deus e sua lei moral, adotaram uma atitude mais universalista, se relacionando bem com os demais povos.

A crença de que eles eram o povo escolhido de Deus se chocava com o fato de que por séculos eles estavam sob dominação estrangeira; mas essa situação alimentou uma outra crença importante para o judaísmo e que o tornava ainda mais peculiar: a esperança na vinda de um Messias:

> Nas proximidades da era cristã, tornou-se comum chamar este ente pelo título que as Sagradas Escrituras empregavam para aqueles homens providenciais usados por Deus para servir a seus propósitos particulares, os reis de Israel, os sumo-sacerdotes e até mesmo governantes estrangeiros, como Ciro o persa, que haviam sido benfeitores do Povo Escolhido, o título o "Ungido do Senhor" – *meshiah* em aramaico e *christos* em grego. Uma grande e fervorosa corrente de esperança flutuou em direção a esta misteriosa figura, uma esperança imensa que animou os corações dos crentes, geração após geração (DANIEL-ROPS, 2008, p. 474).

Segundo essa crença, haveria de chegar um escolhido de Deus que traria uma época de justiça e paz, inicialmente sobre Israel, mas que transbordaria e atingiria todas as nações. Até essa concepção diferenciava os judeus das outras religiões antigas, pois "em lugar de estabelecer sua idade de ouro na noite remota do passado distante, os judeus olhavam para o futuro, na expectativa da sua chegada" (DANIEL-ROPS, 2008, p. 474).

Todos esses elementos da fé judaica: a crença monoteísta, a lei moral, a ideia de povo escolhido e a esperança messiânica foram assimiladas e adaptadas pelo Cristianismo Primitivo. Essa assimilação e adaptação foi possível, porque esses conceitos estavam

bastante disseminados pelo mundo mediterrâneo. Vejamos como se deu essa disseminação.

1.3.3 As Escrituras Judaicas e a pregação dos judeus da diáspora

O modelo das sinagogas adotado pelas comunidades judaicas da diáspora, permitiu manter sua organização, servindo também de modelo para as primeiras comunidades cristãs. Mas outros elementos também foram cruciais tanto para a manutenção do Judaísmo quanto para a nutrição do nascente Cristianismo: as Escrituras judaicas e a pregação dos judeus da diáspora.

Diferentemente das reflexões filosóficas dos gregos, as crenças judaicas não foram oriundas "de qualquer operação mental de raciocínio ou dedução lógica, mas em vista de uma revelação" (DANIEL-ROPS, 2008, p. 457); essa revelação se encontrava em seus livros sagrados, escritos por seus antigos profetas e que fazem parte da primeira parte da Bíblia cristã, conhecida por Antigo Testamento. A respeito da relação entre os judeus e suas Escrituras Sagradas:

> Esta era uma das singularidades mais marcantes de Israel, essa nação especial: eram o Povo do Livro, mas livros, no plural, não eram produzidos por eles. Um povo cuja existência inteira era regulamentada por um Escrito, mas que desdenhosamente rejeitava tudo que (com Verlaine) pudesse ser considerado "simples escrito". Não existe um único livro conhecido em Israel que trate de qualquer assunto profano, ou cujo objetivo seja apenas distrair. Impossível imaginar um Teócrito ou Catulo judeu, menos ainda um Ovídio, Apuleius ou Petrônio. Josefo não foi inteiramente exato ao declarar que Israel não possuías outro livro senão a Bíblia, mas é perfeitamente verdadeiro que nada possuíam além de sua literatura sagrada. O que liam então os judeus? A resposta é simples: liam a Bíblia, isto é, o Antigo Testamento e escritos ligados à Bíblia (DANIEL-ROPS, 2008, p. 321).

Como já foi mencionado, na época do nascimento do Cristianismo, as comunidades judaicas já se encontrava há muitos anos espalhado pela maior parte da extensão territorial controlado pelo Império Romano. Suas sinagogas podiam ser encontradas em quase todas as cidades do antigo mundo greco-romano. A vinculação com essas sinagogas garantiu a transmissão quase natural da Bíblia (NICHOLS, 2008; HOORNAERT, 1997). Essa Bíblia se encontrava na língua grega, como consequência da expansão e difusão desse idioma no mundo mediterrâneo desde a época do expansionismo macedônico promovido por Alexandre:

> A extensão da difusão da língua grega pode ser melhor ilustrada pela necessidade de os judeus na diáspora (*i.e.,* fora de Israel) traduzirem a Bíblia hebraica para o grego, já no século III a.C., devido ao crescente desuso do hebraico mesmo entre as geral e solidamente fechadas e integradas

> comunidades judias. Essa tradução do que chamamos o AT foi conhecida nos tempos romanos como Septuaginta, da palavra latina para "setenta". A tradição conserva que setenta (ou setenta e dois) eruditos foram comissionados para produzir tal tradução [...] (BLOMBERG, 2009, p. 25-26).

Essas Escrituras eram centrais no culto judaico que acontecia nas sinagogas, pois diferentemente das cerimônias religiosas promovidas pelas religiões greco-romanas e até do elaborado ritualismo que marcava o culto no Templo de Jerusalém, nas sinagogas judaicas era "o culto despojado de pompas rituais, centrado na sóbria leitura de textos" (HOORNAERT, 1997, p. 58). Esses Escritos Sagrados dos judeus supriram o Cristianismo nascente, pois antes deste movimento produzir seus próprios livros, "encontrou, prontos para o seu uso, os antigos manuscritos que lhe foram de grande ajuda" pois "as Escrituras judaicas eram lidas regularmente nas reuniões dos primitivos cristãos" (NICHOLS, 2008, p. 21).

O Antigo Testamento não era conhecido apenas pelas comunidades judaicas, mas também por numerosos povos não judeus. Isso aconteceu devido ao trabalho missionário realizado em muitos lugares. Esses missionários judeus faziam muitos prosélitos entre os não judeus, tornando conhecidos os elementos de sua religião, tais como, a crença monoteísta, a lei moral e a esperança da vinda de um Messias. Essa "missão judaica foi uma precursora muito útil das missões cristãs, porque espalhou, extensivamente, entre os gentios, certos elementos religiosos básicos que são essenciais tanto ao Cristianismo como ao Judaísmo" (NICHOLS, 2008, p. 22).

Diante do exposto, foi possível perceber que os elementos característicos do mundo judaico foram decisivos para a formação do Cristianismo Primitivo. O modelo das sinagogas das comunidades judaicas da diáspora ofereceu o modelo organizacional das primeiras comunidades cristãs. As crenças judaicas ofereceram o conteúdo que serviu de base para a construção da fé cristã e as Escrituras hebraicas, juntamente com a pregação missionária dos judeus, disseminaram e popularizaram essas crenças entre a população não judaica que formava a sociedade greco-romana.

Depois de analisar como o mundo helenístico, o mundo romano e o mundo judaico contribuíram para a formação e difusão do Cristianismo Primitivo na sociedade greco-romana, importa agora analisar de que modo aconteceu a penetração dessa nova fé naquele ambiente.

1.4 O Cristianismo Primitivo: expansão, urbanização da fé e tensões com o mundo antigo

Sob as influências dos mundos helenístico, romano e judaico, surgiu o movimento cristão. Esse movimento se espalhou por todo o Império Romano e até mesmo para regiões além de suas fronteiras.

Com essa expansão, a fé cristã foi penetrando no tecido social do mundo greco-romano e interagindo com ele, ora de forma tranquila, por meio da assimilação de alguns de seus elementos, ora passando por tensões que pode ser observada no distanciamento em relação ao mundo judaico e as perseguições promovidas tanto pelas autoridades judaicas quanto pelas romanas; porém, em meio a essas interações, as crenças e valores cristãos foram sendo recebidos pelas mais diferentes classes sociais greco-romanas. Estas crenças e valores foram aos poucos ressignificando os modelos culturais daquela sociedade e promovendo uma unidade espiritual em sua população em torno desses novos conteúdos e significados. Vejamos como se deu esse processo.

1.4.1 As missões cristãs primitivas: a expansão do Cristianismo

Em seus primeiros anos, o Cristianismo se limitou aos territórios da província romana da Judéia; mas devido as perseguições inicialmente promovidas pelas lideranças judaicas os primeiros crentes se espalharam para outras regiões da Palestina e expandiram a nova fé por esses lugares. Depois, apareceram os primeiros missionários, tanto os mais conhecidos pela tradição cristã, como é o caso de Paulo, quanto os missionários anônimos. Esses obreiros levaram a crença cristã para outras províncias do Império Romano, como Ásia Menor (atual Turquia), Grécia, Roma e provavelmente à territórios mais distantes como a Espanha (NICHOLS, 2008).

Esses missionários cristãos primitivos tiveram duas importantes influências: as missões judaicas e o próprio exemplo de Jesus e seus apóstolos. As missões judaicas foram as precursoras das missões cristãs. Pode se dizer que as missões cristãs primitivas foram uma continuidade das missões judaicas da diáspora, diferindo em seu conteúdo ao apresentar Jesus como a mensagem central. Além disso, “Jesus de Nazaré e seus discípulos eram pregadores itinerantes que tinham como objetivo pregar sua mensagem a todo o povo de Israel” (NOGUEIRA, 2015, p. 38).

Desse contexto, floresceu dentro do movimento cristão a figura dos missionários itinerantes, viajantes que iam de comunidade em comunidade pregando e ensinando sobre a religião cristã. A visita desses mensageiros se tornou algo corriqueiro e até esperado pelas primeiras comunidades cristãs. Foram esses peregrinos ou "profetas" itinerantes os responsáveis por espalhar a mensagem cristã pelo mundo rural do império e por formar a mentalidade cristã no início do Cristianismo. Esses missionários se valeram das várias sinagogas espalhadas pelas diferentes províncias do império como pontos de apoio para seus trabalhos, pois eram nesses locais onde eles eram recebidos e divulgavam a nova fé. As primeiras comunidades cristãs, na verdade, se formaram em torno dessas instituições e seguiram seu modelo organizacional:

> Foi aproveitando-se da experiência de quinhentos anos de diáspora judaica que o movimento se espalhou até além das fronteiras do Império Romano, na Mesopotâmia e no interior do Egito, e também além do "muro de Adriano na Britânia", na Escócia e na Irlanda. O cristianismo atingiu regiões onde os soldados romanos nunca tinham pisado. Em ambientes de hostilidade ou pelo menos de marginalização o princípio da diáspora e da disseminação de núcleos não-burocratizados provou ser eficiente. Nas questões organizatórias costumava seguir o modelo tradicional judeu, adaptando-o as condições concretas (HOORNAERT, 1997, p. 59 – 60).

Além da atuação dos missionários itinerantes, outro elemento que contribuiu para a disseminação da fé e a formação da mentalidade cristã primitiva e que precisa ser mencionado, foi sua rica produção literária que se manifestou em diferentes gêneros literários. Dentre estes, merece destaque a comunicação epistolar (NOGUEIRA, 2015).

Seguindo a tradição paulina, muitos líderes das comunidades cristas primitivas fizeram uso desse gênero para ensinar e aconselhar os fiéis. Ao lado da pregação sobre o Messias Jesus feita pelos missionários itinerantes, essa literatura foi a grande responsável por transmitir as doutrinas cristãs às comunidades primitivas, gerando um conjunto de códigos que mantinhas essas comunidades unidas (NOGUEIRA, 2015).

A pregação dos missionários itinerantes, segundo o modelo das missões judaicas da diáspora e o exemplo de Jesus e seus apóstolos, juntamente com a intensa produção textual cristã segundo, principalmente, o modelo de comunicação epistolar, foram os grandes responsáveis pela expansão do cristianismo para as mais diversas províncias do Império Romano. Inicialmente, a mensagem cristã atingiu principalmente as áreas rurais, mas com o tempo ela começou a penetrar os centros urbanos, provocando uma urbanização dessa nova religião. Essa mudança de configuração contribuiu para o triunfo da fé cristã no mundo greco-romano (NOGUEIRA, 2015).

1.4.2 A urbanização da fé cristã: penetração no tecido social, ressignificação cultural e integração social

Os missionários itinerantes, e muitos deles anônimos, espalharam a fé cristã inicialmente pelo mundo rural. Mas ao longo dessa expansão missionária, essa característica essencialmente rural foi mudando, pois as missões cristãs foram alcançando grandes centros urbanos do império e assumindo cada vez mais um caráter urbano:

> Uma das causas da penetração e da difusão do cristianismo no império, ao longo do tempo, da sua vitória, deve ser indubitavelmente buscada no abandono - que se realiza nos primeiros anos de sua difusão, em particular após a missão paulina - do seu contexto rural originário, onde parece sobretudo atestada a presença do seu fundador para assumir uma clara fisionomia urbana. Foi essa uma virada decisiva (FILORAMO & RODA, 1997, p. 9).

Essa transformação pela qual o movimento cristão passou, garantiu o seu triunfo ao atingir as principais cidades do império e consequentemente as mais diversas classes sociais:

> Soube transformar-se, abandonado as suas raízes rurais e, no raio de poucos decênios, adotando um tipo de associação cultural aberta à missão e ao proselitismo nas cidades. Dirigindo-se a judeus helenizados e a gentios, através da constituição de células urbanas que giravam em torno de comunidades domésticas, essa associação foi capaz de espalhar-se pelas principais cidades do alto império. A assunção de uma forma urbana revelou-se, pois, para o cristianismo das origens, escolha decisiva (FILORAMO & RODA, 1997, p. 16).

Ao se espalhar tanto pelas áreas rurais quanto pelas áreas urbanas, a nova religião foi atraindo muitos adeptos. A grande maioria de convertidos vinham das camadas mais baixas da sociedade romana. Dos distritos rurais foram atraídos os pequenos camponeses endividados, das cidades foram atraídos os homens livres decadentes e de ambos os lugares grande número de escravos. A mensagem cristã de uma libertação no céu trouxe para o rol do cristianismo muitas pessoas dentre as camadas de laboriosos e fatigados (ENGELS E LUXEMBURGO, 2011); essa mensagem alcançaria até mesmo a corte imperial, conforme escreveu Giordani: “os arautos do Evangelho anunciavam com entusiasmo a nova doutrina do amor ao próximo conseguindo adeptos desde os mais humildes escravos até os que residiam na ‘casa de César’” (1959, p. 29).

Mas esse triunfo foi possível porque em meio a esse movimento de urbanização, o cristianismo assimilou e se adaptou as características mais significativas da sociedade da época, num processo de osmose:

> Vem à tona, assim, o perfil de um cristianismo capaz de mostrar-se, dependendo da situação, conservador ou potencialmente revolucionário, mas em geral distante de mensagens políticas, de qualquer tipo de “teologia da libertação”, inclinado a um processo de osmose com a sociedade

> contemporânea, cristianismo que encontra no processo de urbanização o veículo principal para sua difusão e na consequente adaptação à estratificação social reinante uma das características mais significativas no plano social (FILORAMO & RODA, 1997, p. 8 – 9).

É certo que esse processo de osmose não aconteceu isento de confrontos e o próprio movimento cristão, via na vida da cidade uma série de perigos que podiam ameaçar a identidade da nova religião (FILORAMO & RODA, 1997); apesar desse receio, a osmose continuou acontecendo e aos poucos começou a haver a conquista do espaço urbano pelos cristãos, até se tornar efetiva na época de Constantino. A expansão cristã pelos grandes centros urbanos do império provocou, com o tempo, uma alteração até mesmo na própria configuração dessas cidades:

> o que é ainda mais significativo, estava tomando forma um novo tipo de cidade (como testemunham – para citar apenas dois dentre muitíssimos casos - Timgad, na África, ou Salona, no Ilírico), onde se prefigurava a conquista do espaço urbano pelos cristãos. Essa conquista já estava completada em três capitais cristãs: Milão, Roma e Constantinopla, com suas basílicas dedicadas aos mártires; desse modo, violava-se aquela separação entre vivos e mortos característica da cidade imperial romana. Havia outros sinais tangíveis, sobretudo no plano urbanístico, que acompanhavam a progressiva tomada do poder por parte das hierarquias eclesiásticas, que estavam em condições de substituir de fato – no nível político-administrativo e no ideológico-cultural – as antigas hierarquias municipais (FILORAMO & RODA, 1997, p. 15 – 16).

Mas o triunfo que o Cristianismo obteve por meio desse processo de urbanização da fé não se deu apenas por sua penetração no tecido social do mundo greco-romano, mas principalmente devido a sua ação de ressignificação cultural que passou a operar-se dentro desse cristianismo urbanizado:

> O cristianismo antigo não teve um modelo próprio de cidade; claro de cidade terrena. Ele foi sendo construído lentamente, por uma espécie de processo – como dizia Spengler – de pseudomorfose, isto é, de esvaziamento a partir de dentro das formas de vida e dos modelos culturais pagãos, que progressivamente iam sendo substituídos por conteúdos e significados cristãos. A cidade cristã não substituiu repentinamente a cidade pagã, mas por assim dizer a conquistou aos poucos, a partir de dentro, deslegitimando gradativamente o poder simbólico do seu "centro" e construindo paralelamente formas alternativas de poder, como o episcopal, que se localizavam em novos centros sagrados e geravam, por sua vez, novas formas de gestão do sagrado, com significativos aspectos econômicos e sociais (FILORAMO & RODA, 1997, p. 9).

A fim de trazer sentido para a imensa massa de desiludidos da sociedade romana que adentravam em seus arraiais, o cristianismo desenvolveu um sistema semiológico próprio, a partir de uma nova semântica e de novas formas de conceber o mundo, visando dar um novo significado a realidade social que se apresentava dura aos seus adeptos. Isso foi feito por meio da transmissão de um conjunto de códigos gestuais, metafóricos e de

sistemas narrativos expressos especialmente – mesmo que não unicamente – em sua intensa produção textual (NOGUEIRA, 2018).

O Império Romano, que inicialmente tentou sufocar a nova religião por meio das perseguições, acabou por oficializá-la. Aproveitando-se do processo de osmose do Cristianismo para com a sociedade greco-romana e a ressignificação cultural que o primeiro operou sobre o segundo, o império passou a utilizar o "sentimento religioso" e o "discurso teológico" (REIS, 2006) da religião cristã para legitimar o seu domínio sobre os outros povos. Com isso, o Cristianismo se tornou o elemento de integração social que o expansionismo e a unificação política romanas não conseguiram promover:

> A função principal do cristianismo, tanto quanto a sua ascensão pertencente a história das evocações políticas, foi a criação de uma substância nova da comunidade que seria enxertada, com graus variados de sucesso, na base da população do Império Romano, e mais tarde nas tribos da Grande Migração (VOEGELIN, 2012, p. 201).

Entretanto, é importante esclarecer que todo esse processo de osmose, ressignificação cultural e integração social que o Cristianismo promoveu na sociedade greco-romana não se deu sem tensões, mas foi por meio de conflitos, distanciamentos, adaptações e resistências que ele se operou.

1.4.3 Tensões com o mundo antigo: distanciamento do modelo judaico e perseguições por parte das autoridades judaicas e romanas

O movimento cristão surgiu entre os judeus que aceitaram Jesus como o Messias de Israel; mas à medida que o novo credo ia sendo espalhado pelo Império Romano, muitas pessoas não-judias iam aderindo à nova fé. Com o tempo, por causa desse processo, os não-judeus passaram a ser predominantes nas comunidades cristãs. Essa mudança que aconteceu de forma espontânea e não planejada foi decisiva para que o Cristianismo assumisse formas próprias.

Esse novo caráter ficou evidente a medida em que a nova religião abandonava elementos que eram distintivos do judaísmo, como as restrições alimentares e a circuncisão, vistos com antipatia por parte dos não-judeus, e com a reformulação da ideia de povo escolhido, que deixou de ser entendido como a nação de Israel e passou a ser interpretado como a comunidade de todos os crentes em Jesus:

> O que fez com que o movimento de Jesus, além de não obedecer às antigas leis dietéticas e higiênicas que afastavam os judeus do convívio geral, foi se distanciando aos poucos das posições assumidas pelo judaísmo oficial, foi a entrada sempre mais pronunciada de não-judeus nas comunidades, ao ponto

> que com o tempo muitas contavam com uma maioria de pagãos, como a comunidade de Roma, por exemplo, já no século II. A partir desse momento, o cristianismo mostrou uma cara própria: não participou dos programas nacionalistas de cunho judaico, não tomou abertamente posição contra o poderio romano e não foi anti-helênico na mesma medida do judaísmo ortodoxo, no qual o anti-helenismo se juntou a uma postura xenófoba. Enquanto o judaísmo rabínico das sinagogas mantinha-se à parte da sociedade, em "gueto", o cristianismo foi se abrindo ao mundo. Esse processo de desjudaização e cristianização do movimento de Jesus não tinha nada de premeditado ou planejado, mas pelo contrário operava-se no dia-a-dia dos grupos, na medida em que os judeus foram substituídos por não-judeus (HOORNAERT, 1997, p. 62 – 63).

Essa nova característica da religião cristã provocou o seu distanciamento do modelo judaico e ao mesmo tempo atraiu a perseguição por parte de suas autoridades, que passaram a expulsar os cristãos das sinagogas e depois caçá-los e prendê-los (um exemplo dessa atitude foi do apóstolo Paulo antes de sua conversão). Essas perseguições por parte das autoridades judaicas, porém, não impediram o avanço do novo credo, pelo contrário, contribuiu com sua expansão para grande parte da Palestina, pois à medida que fugiam para outras terras além da Judéia, os perseguidos plantavam a nova fé onde se estabeleciam.

Nesse sentido, a fé cristã deixou ser uma religião de aspecto regional e passou a ser uma religião de caráter universal, não restrita ao povo judeu, mas aberta à entrada de pessoas oriundas de outros povos; mas, em outro sentido, isto é, no que diz respeito a sua devoção e fidelidade, o movimento cristão continuou exclusivista. Os cristãos se opunham à religião oficial de Roma, ao culto às divindades tradicionais dos romanos e à pessoa do imperador. Essa oposição gerava uma negação às diversas instituições romanas, como por exemplo, a recusa em servir ao exército romano, por ser visto como uma instituição pagã (COTRIM, 2017). Essa atitude exclusivista dos cristãos, com o tempo, gerou conflitos com as autoridades romanas:

> O governo permitia a livre prática de muitas religiões. Porém, o Cristianismo era diferente das outras religiões. Os crentes prestavam obediência e lealdade supremas ao seu Salvador. E, para os romanos, o Estado era a suprema força, e a religião era uma forma de patriotismo. Os deuses reconhecidos pelo Estado eram cultuados com o objetivo de beneficiar o governo e a nação. Qualquer adepto de outra religião estava disposto a prestar tributo aos deuses nacionais, ao mesmo tempo que realizava o próprio culto. Mas o Cristianismo era exclusivista. Não condescendia em prestar culto a outra divindade. Os cristãos sustentavam a inutilidade dos deuses, exceto o que eles adoravam. De modo nenhum prestariam culto aos deuses romanos por ordem do Estado. Jamais colocariam César acima de Cristo. Podemos entender por que, aos olhos dos governos romanos, o Cristianismo parecia um ensino desleal e perigoso para o Estado e para a sociedade. Assim, os cristãos foram acusados de anarquistas, sacrílegos, ateus e traidores. O governo, então, hostilizava o Cristianismo porque o considerava uma ameaça ao Estado supremo (NICHOLS, 2008, p. 42).

Além dessa violência por parte do Império à atitude cristã de exclusivismo com ralação a fé e ao culto, havia um estranhamento da sociedade romana com relação a mensagem cristã:

> Em todas as épocas da História Romana, encontramos o domínio do mais fraco pelo mais forte, a admiração pela força bruta, pela violência. Esta predileção pela força estava em pleno vigor quando o Cristianismo, a religião dos fracos e dos desamparados, penetrou na capital do Império. Os problemas fundamentais da sociedade então vigente só poderão ser compreendidos se tivermos em vista este sentimento quase inato na alma romana. Para o cidadão romano, o conceito de pessoa humana encontrava sua raiz no princípio da força, isto é, no princípio da desigualdade social. Entre o poderoso e o fraco, na sociedade de Roma, existiam barreiras quase sempre instransponíveis (GIORDANI, 1959, pp. 20-21).

Em contrapartida, no período de seu nascimento "a Cristandade começou como uma mensagem de consolação aos deserdados e pobres. Trazia uma doutrina que combatia a desigualdade social e o antagonismo entre ricos e pobres; ensinou a comunidade de riquezas" (ENGELS E LUXEMBURGO, 2011, p. 47). Eram concepções de mundo antagônicas, onde a hostilidade entre ambas seria inevitável.

É certo que, inicialmente, enquanto o movimento cristão era visto por parte das autoridades romanas como uma seita judaica, não sofreu perseguição, mas gozou de liberdade; no entanto, a partir do momento em que o seu caráter exclusivista foi se manifestando, essa situação se inverteu. Ao lado disso, havia a penetração dessa mentalidade cristã de igualdade social nas várias camadas da sociedade romana, alimentando ainda mais a hostilidade das autoridades. Com isso, desde o governo do imperador Nero, o Império passou a promover perseguição a esse novo credo. Essa situação se prolongaria e só cessaria a partir do governo do imperador Constantino que concedeu liberdade de culto aos cristãos em 313, por meio do Edito de Milão. É importante destacar que essas perseguições que ocorreram entre o governo desses dois imperadores não aconteceram de forma contínua, mas variava de acordo com as atitudes dos imperadores ou governantes locais. De qualquer forma, durante esse período a nova religião foi tratada como ilegal.

Nesse contexto de hostilidade, surgiu por parte do império a prática do martírio e, dentro do rol cristão, a figura dos mártires. As autoridades romanas passaram a torturar e matar cristãos de forma pública e como espetáculo para ser assistido pela população a fim de desencorajar os crentes, fazendo-os desistirem da fé, e ao mesmo tempo, amedrontar a população do Império para não aderirem à nova religião. Muitos cristãos, porém, resistiram a toda tortura e aceitaram a morte, ao invés de negar suas crenças, inspirando muitas pessoas a se tornarem cristãs. Por causa disso, essas pessoas se tornaram figuras

veneráveis dentro desse movimento religioso onde "a maneira heróica com que muitos cristãos resistiram aos sofrimentos, nos martírios públicos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus" (COTRIM, 2017, p. 128).

Com isso, apesar de toda hostilidade, perseguição, tortura e perigo de morte, o cristianismo resistiu e conseguiu um número crescente de convertidos, de modo que, por ocasião do Edito de Milão, o número de cristãos já era bastante expressivo em todo o império. Foi assim então, que se deram as tensões entre o mundo cristão primitivo com os mundos judaico e greco-romano. Distanciamento do primeiro, penetração social e ressignificação espiritual e cultural com relação ao segundo e perseguição por parte do dois. A despeitos dessas oposições, o movimento cristão se expandiu, alcançando os grandes centros urbanos do Império Romano.

1.4.4 Sobre a herança dos mundos helenístico, romano e judaico se ergueu o Cristianismo Primitivo

Por ocasião do advento do cristianismo, havia um contexto propício para o seu crescimento e expansão:

> Quando da aparição pública de Jesus, o tempo estava certamente 'maduro' para algo acontecer – na atmosfera da tensão escatológica da Judeia e dentro do mundo helenístico com a sua consciência epocal a quem nem os cultos locais degradados nem a maquinaria da administração romana podiam satisfazer no que diz respeito à substância espiritual (VOEGELIN, 2012, p. 201).

O mundo helenístico garantiu ao cristianismo a unidade linguística por meio do *koiné*, através do qual, os pregadores itinerantes levaram a mensagem cristã às mais diversas áreas do Império Romano, por onde as primeiras comunidades estavam distribuídas, e através da qual também, os líderes pastorais escreveram sua literatura epistolar, a fim de doutrinar e animar os novos crentes a permanecerem e se desenvolverem na nova fé.

Esse mundo legou também uma acepção de mundo cosmopolita que tornou, por um lado, sua população receptiva à novos líderes e novas concepções religiosas, e por outro, levou muitas pessoas daquela época a procurarem uma mensagem de cunho mais universal, que trouxesse alguma unidade para superar aquele contexto de fragmentação cultural, encontrando na fé cristã a resposta a esse desejo.

Os romanos trouxeram no bojo do seu expansionismo a unidade política por meio do império e da *Pax Romana*, mas não dispôs de um elemento de agregação social. O cristianismo se valeu dos benefícios oriundos da *Pax Romana* para espalhar sua mensagem nas mais diversas regiões do império:

> A mobilidade artesanal e comercial existente dentro das fronteiras do império era grande, pois usavam-se as "vias" romanas, por terra e por mar com tanta desenvoltura que IRINEU, ele mesmo artesão, escreveu, acerca da "paz romana" e das facilidades que se criavam para a comunicação ente cristãos, o seguinte: "O mundo tem paz por causa dos romanos, e nós nos movemos sem medo pelas estradas e pelo mar, por onde quisermos (HOORNAERT, 1997, p. 60).

Com a expansão de sua mensagem pelas províncias romanas e sua aceitação por parte da população daquela sociedade, o cristianismo se tornou o elemento de agregação social a partir do momento em que o império usou sua mensagem como justificativa para o seu domínio sobre outros povos.

Essa mensagem que os cristãos pregaram e espalharam pelo Império Romano foi herdada dos judeus, onde as crenças judaicas foram a base das doutrinas cristãs. Foi utilizando as Escrituras e elementos distintos da fé judaica, como o monoteísmo, a lei moral, a ideia de povo escolhido e a esperança na vinda de um Messias, que os cristãos ergueram seus dogmas, adaptando-os à ideia de que Jesus era o Messias esperado e a comunidade cristã era o novo povo de Deus.

Essa peculiaridade da fé cristã, venceu o exclusivismo judaico, distanciou essas duas tradições religiosas, ao mesmo tempo em que atraiu muitas pessoas não-judias, que se tornaram adeptas do cristianismo. Além disso, o movimento cristão nascente se apropriou do modelo das sinagogas dos judeus da diáspora para organizarem suas primeiras comunidades e, a partir delas, se expandirem pela sociedade greco-romana.

Diante de tudo o que foi exposto, pode-se concluir que o mundo cristão primitivo foi herdeiro de três mundos anteriores a ele: o helenístico, o romano e o judaico. E sobre a herança desses três mundos foi que o cristianismo surgiu, foi nutrido e conseguiu se espalhar por diversos lugares, deixando de ser uma seita judaica, ou então, mais uma dentre as várias manifestações religiosas existentes no Império Romano, para se tornar um movimento religioso de cunho universal.

CAPÍTULO 2
CRENÇAS E IDEIAS RELIGIOSAS NO MUNDO GRECO-ROMANO DURANTE O ADVENTO DO CRISTIANISMO

> Pois mesmo que haja os chamados deuses, quer no céu, quer na terra, (como de fato há muitos "deuses" e muitos "senhores"), para nós, porém, há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos.
>
> 1 Coríntios 8. 5 – 6[2].

O mundo mediterrâneo da época na qual nasceu o Cristianismo apresentou uma intensa variedade religiosa e filosófica. Antigas visões de mundo e concepções passaram a conviver com novos cultos que se proliferavam ao redor do Mediterrâneo. Esse contexto apresentou como características principais o pluralismo e o sincretismo; em outras palavras, havia naquele mundo uma variedade de crenças e cosmovisões e, muitas delas, acabaram mesclando-se com outras. Vejamos como se deu essa dinâmica no mundo greco-romano e no mundo judaico e como o Cristianismo se comportou nesse contexto.

2.1 O mundo greco-romano

Ao lado das crenças tradicionais baseadas na sua mitologia, o mundo greco-romano viu nascer a partir do helenismo, uma variedade de crenças e ideias religiosas. Por influência das crenças orientais nasceram as religiões de mistério, surgiram as diferentes e variadas escolas filosóficas e apareceu o culto ao imperador durante a fase imperial romana. Observemos mais detalhadamente cada um desses elementos.

2.1.1 Mitologia e culto tradicional

É possível que a origem dos deuses gregos tenha surgido a partir do aprimoramento do animismo. Inicialmente, adoravam-se forças da natureza e objetos divinizados. Depois esses seres passaram a ser vistos de forma distinta e com categorias antropomórficas, sendo considerados os responsáveis pelo comportamento normal e

[2] BARKER, Kenneth (org.) Bíblia de estudo NVI. São Paulo: Editora Vida, 2003.

anormal dos corpos celestes e dos fenômenos da natureza. Com o aperfeiçoamento dessa mitologia, o panteão dos deuses gregos se organizou e se estruturou, alcançando seu ponto mais alto de popularidade durante o século V e VI a. C (BLOMBERG, 2009).

Esse tipo de culto foi assumindo um caráter coletivo e estatal. Coletivo porque as divindades foram sendo associadas às *pólis*, apresentando uma íntima relação entre os deuses e as cidades gregas, na medida em que cada *pólis*, apesar de não negar as demais divindades, adotava uma divindade protetora; e estatal porque sob o controle do Estado apareceu a figura do sacerdote ou sacerdotisa, profissionais subordinados ao governo das cidades, responsáveis pelas cerimônias e sacrifícios, pelas adivinhações e oráculos e pelas festas periódicas anuais.

Quando os romanos dominaram a Grécia não possuíam um panteão organizado e estruturado como o dos gregos, mas foram paulatinamente adotando as divindades destes, dando-lhes nomes latinos. Isso pode ser explicado devido a sua "indiferença com relação à metafísica" e seu "interesse apaixonado pelo concreto, o particular e o imediato". Para eles, o mais importante era encontrar o ritual mais eficaz para manter a norma ideal que "manifestava-se no ciclo anual, na sequência ordenada das estações," pois "toda inovação radical equivalia a um ataque à norma; em última análise, implicava o risco de um retorno ao caos". (ELIADE, 2011, pp. 108 e 109). A religiosidade romana, portanto, tinha como suas principais características o pragmatismo e, assim como os gregos, o caráter social:

> O gênio religioso romano distingue-se pelo pragmatismo, pela busca da eficácia e sobretudo pela 'sacralização' das coletividades orgânicas: família, *gens*, pátria. A famosa disciplina romana, a fidelidade aos compromissos (*fides*), a dedicação ao Estado, o prestígio religioso do direito traduz-se pela depreciação da pessoa humana: o indivíduo contava tão somente na medida em que pertencia ao seu grupo (ELIADE, 2011, p.109).

O caráter social da religiosidade romana vinha do "respeito pelos relacionamentos naturais (isto é, *ordenados segundo a norma*) entre os seres humanos". Essa atitude de respeito pela ordem natural das coisas foi chamada de *pietas. "*Ao lado da *pietas* com relação aos deuses, existia a *pietas* com os membros dos grupos a que se pertence, a cidade e finalmente a todos os seres humanos" (ELIADE, 2011, pp. 109 e 110).

Ao lado do culto público, gozando de autonomia e importância, existia também o culto privado. Este era dirigido pelo *pater famílias* e tal como acontecia na Índia antiga, tinha o fogo doméstico como seu centro, ao qual eram oferecidos sacrifícios diários onde "o culto endereçava-se aos penates e aos lares, personificações mítico-rituais dos antepassados, e ao *genius,* espécie de 'duplo' que protegia o indivíduo" (ELIADE, 2011, p.110).

No entanto, desde as conquistas de Alexandre Magno e do helenismo, as pólis foram perdendo sua identidade agregadora e o indivíduo foi alcançado certo grau de autonomia em relação ao grupo, minando com isso o culto tradicional. Além disso, a urbanização, a mobilidade populacional e o entrosamento cultural alcançado principalmente durante a *pax romana* foram quebrando as diversas tradições locais ao longo do mundo mediterrâneo.

Finalmente, o advento da era cristã fortaleceu o declínio da religião tradicional greco-romana. Isso aconteceu por causa de dois motivos principais: as conversões e a oficialização da religião cristã. Durante a expansão da mensagem cristã pelo império, muitos se converteram e abandonaram o culto aos antigos deuses. E quando o imperador Teodósio oficializou o Cristianismo, a tradicional religião greco-romana foi proibida e com isso foi decaindo, permanecendo apenas nas áreas rurais mais isoladas.

2.1.2 As religiões de mistério

O pensamento grego antigo caracterizava-se por ser aristocrático e etnocêntrico, no qual os não helênicos eram considerados bárbaros. Os gregos acreditavam numa superioridade cultural e racial. Mas as conquistas de Alexandre minaram o exclusivismo grego. Com o contato com outros povos, o crescimento do comércio e da intercomunicação entre diversos grupos, o pensamento grego se tornou menos exclusivista, pois o exclusivismo racial foi superado, permanecendo apenas o exclusivismo cultural. Ao dominarem os gregos, os romanos assimilaram sua cultura. A política expansionista romana continuou com o intercâmbio cultural com os povos do oriente. Esse contexto causou a decadência da religiosidade tradicional greco-romana, que era caracteristicamente coletiva e estatal, ao mesmo tempo em que promoveu um avivamento das antigas culturas do Oriente Próximo que se mesclaram com essa religião tradicional, dando origem as religiões de mistério, um tipo de religiosidade que apresentou a tendência de substituir aquela religiosidade tradicional (GONZALEZ, 2015, pp. 45 e 46). Vejamos a respeito da origem, características e exemplos desse tipo de religiosidade.

Conforme Blomberg (2009), os cultos de mistérios tiveram sua origem em locais como Pérsia, Egito, Frígia e até mesmo na Grécia. Elas surgiram a partir das antigas cerimônias tribais e ritos de fertilidade. Com o helenismo, esse tipo de religiosidade

expandiu e se popularizou no contexto greco-romano, pois muitas pessoas buscaram nos mistérios algum tipo de refúgio espiritual que não encontravam mais na religiosidade tradicional que naquele momento encontrava-se em decadência.

Blomberg (2009) também escreveu que eles possuíam como características gerais as reuniões regulares, privadas e secretas, os ritos de iniciação, as refeições sacramentais e forte liderança interna. Nas reuniões aconteciam as cerimônias de purificação, a instrução mística dos fiéis, a contemplação de objetos sagrados, a representação da história divina, na qual celebrava-se a morte e a ressurreição anual dos deuses da natureza. Mas só podiam participar dessas cerimônias os iniciados. Por isso existiam os ritos de consagração aos novos membros. Esses ritos de iniciação eram cerimônias secretas que tinham o objetivo de levar o iniciado a ter uma comunhão ou união com o deus adorado. As refeições sacramentais tinham o objetivo de tornar o fiel participante do poder e da imortalidade da divindade (BLOMBERG, 2009). Todos os ensinamentos e liturgias só podiam ser realizados pelas lideranças desses grupos. Ainda sobre as características dessas religiões:

> Sabemos que o postulante se comprometia por juramento a guardar segredo sobre tudo o que veria e ouviria durante as cerimônias. Aprendia em seguida a história sagrada (o *hieròs logos*) que narrava o mito da origem do culto. Provavelmente o mito já era conhecido pelo neófito, mas era-lhe comunicada uma nova interpretação, esotérica; isso equivalia à revelação do verdadeiro sentido do drama divino. A iniciação era precedida por um período de jejum e maceração, depois do qual o noviço era purificado por lustrações. [...] De uma forma que não foi esclarecida, o neófito, participava ritualmente de um argumento litúrgico articulado em torno da morte e da ressurreição (ou renascimento) da divindade. Em suma, a iniciação realizava uma espécie de *imitativo dei*. A maioria das indicações fragmentárias de que dispomos refere-se à morte e à ressurreição simbólica do mista. Durante as cerimônias, o neófito contemplava ou manipulava certos objetos sagrados. Era-lhe comunicada, ao mesmo tempo, a interpretação do simbolismo desses objetos; tratava-se provavelmente de uma exegese esotérica que explicitava e justificava seu valor salvífico. Em determinado momento de sua iniciação, o mista participava de um banquete ritual. [...] Graças à iniciação, o neófito tornava-se igual aos deuses. Apoteose, deificação e "desmortalização" (*apathanatismós*) são as concepções familiares a todos os mistérios (ELIADE, 2011, p. 247 – 248).

Eram exemplos dessa religiosidade, o culto a Ísis e Osíris que era popular no Egito, o culto a Mitra que era popular na Pérsia, o culto a Átis e Cibele, que era popular na Frígia, e o culto a Dionísio, que era popular na Grécia. Com exceção do último, os demais eram de origem oriental (ELIADE, 2011).

Para muitos historiadores essas religiões foram o tipo de religiosidade mais característico do período helenístico. Isso acontecia devido ao contexto individualista e cosmopolita promovido pelo helenismo, pelo sincretismo religioso ser a nota dominante daquele tempo e pela oferta de igualdade que era oferecida aos seus membros diante da

sociedade estratifica greco-romana. Nesses cultos, senador e escravo poderiam adorar juntos como iguais ao participarem das mesmas cerimônias (ELIADE, 2011; BLOMBERG, 2009).

Havia algumas semelhanças entre esse tipo de culto e o Cristianismo Primitivo. Entre elas estava a liturgia, que em ambas as vertentes possuíam ritos de iniciação e refeições sacramentais comunitárias. A celebração da morte e renascimento anual dos deuses da natureza eram análogas a morte e a ressurreição de Cristo; mas a principal similaridade se encontrava na promessa de salvação, que constituía o elemento central para o cristianismo e ao mesmo tempo a principal novidade e característica das religiões helenísticas. Por isso, é possível que muitos tenham se chegado à religião cristã por causa dessas aproximações. (ELIADE, 2011; BLOMBERG, 2009).

Mas não foram só as religiões de mistério que encontraram solo fértil naquela sociedade. No mesmo contexto, surgiram algumas escolas filosóficas que pretendiam trazer respostas às pessoas inseridas naquele ambiente.

2.1.3 As escolas filosóficas helenísticas

Já foi dito que por causa do helenismo a função agregadora das pólis gregas ruiu. Criou-se naquela sociedade um ambiente mais cosmopolita. As consequências disso foram a perda da independência nacional e o fortalecimento do individualismo. Essas características afetaram a filosofia da época, que deixou de se preocupar com a participação do cidadão na vida em sociedade e passou a se ocupar com a participação do indivíduo nesse novo contexto de cosmopolitismo. É importante destacar que naquela sociedade na qual o sincretismo é uma característica dominante houve a combinação de ensinamentos de diferentes fontes. Assim, as filosofias da época não se separavam de questões religiosas. Com isso, surgiram muitos sistemas filosóficos de caráter religioso que buscavam falar ao indivíduo daquele período, propondo visões de mundo que trouxessem crenças adequadas e providenciasse normas de comportamento adequado para conduzi-lo na vida. Como exemplos dessas escolas filosóficas, podem ser citadas o neoplatonismo, o estoicismo, o epicurismo, o cinismo, o ceticismo, o neopitagorismo e, pode ser citado também, o hedonismo. É importante tratar sobre cada uma delas, ainda que de forma sintetizada.

O neoplatonismo recebeu suas influências das ideias de Sócrates e Platão. No período helenista a Academia de Platão não existia mais. Mas seus ensinos continuaram presentes naquela sociedade, influenciando seus adeptos, os neoplatônicos. Basicamente, a principal ideia defendida por esta escola era o dualismo entre matéria e espírito. O neoplatonismo propunha como salvação a fuga do mundo material para o mundo espiritual, por meio do conhecimento do bem mais elevado (Mente Suprema). O pecado seria, por tanto, a ignorância com relação a esse bem. A salvação resultaria na imortalidade incorpórea da alma (BLOMBERG, 2009).

O estoicismo foi a escola fundada por Zenão por volta do século III a.C. Para essa escola tudo consistiria em matéria, com exceção da alma do mundo (razão ou *logos*). O objetivo dos estoicos seria evitar os extremos das emoções ou da paixão e buscar o autocontrole, a tranquilidade e a estabilidade em todas as circunstâncias. Alcançar-se-ia esse objetivo por meio da razão e da racionalidade que conduziria o fiel à unificação com a Mente que preenche o universo. Um dos estoicos mais famosos foi Sêneca que apregoava o cultivo das virtudes e o distanciamento da acumulação de posses materiais (BLOMBERG, 2009).

O epicurismo foi fundado por Epicuro (341 – 270 a.C.) também por volta do século III a.C. Era uma filosofia de caráter mais transcendentalista que afirmava que a chave para a vida seria a maximização do prazer e a minimização da dor (BLOMBERG, 2009). O objetivo seria implantar a *ataraxia*, ou seja, a paz de espírito e a felicidade a longo prazo nas almas de seus membros:

> Em contraste com a Academia e o Liceu, a escola de Epicuro não é um lugar para treinamento intelectual e pesquisa científica; os ensinamentos do fundador assumiram, mesmo durante sua vida, a forma de um dogma a ser aceito sem dúvidas e transmitido inalterado de geração em geração. Como consequência, a escola, que continuou viva durante quatro séculos, adquiriu o caráter de uma seita; por causa desse caráter, ela foi enfileirada com as primeiras comunidades cristãs e, junto com elas, foi acusada de ateísmo. Seu apelo não se dirigia aos intelectuais, mas às almas preocupadas e sensíveis, e recebe mulheres e crianças na comunidade (VOEGELIN, 2012, p. 113).

O cinismo foi fundado por Antístenes por volta do século IV a.C., mas o cínico mais famoso foi Diógenes de Sínope. O objetivo dos cínicos era a busca pela vida simples e não convencional. Rejeitava os confortos populares, a fartura, o prestígio social e a riqueza. Confiavam na mendicância para viver (BLOMBERG, 2009). Essa atitude era motivada pela indiferença para com as instituições sociais da época:

> O novo credo, porém, não era revolucionário no sentido que a desvalorização da vida da pólis não conduziu a demanda por reformas. Os cínicos não reclamaram, por exemplo, a abolição da escravatura; eles estavam perfeitamente dispostos a viver na condição de escravos porque a escravidão

> era um tema indiferente ao sábio. Tão pouco reivindicaram a abolição da propriedade privada ou da riqueza; eles simplesmente preferiam viver como mendigos, pois uma vida de pobreza assegura a autossuficiência ao homem (VOEGELIN, 2012, p. 109).

O ceticismo foi fundado por Pirro de Elis (c. 360 – 270 a.C). Essa escola buscou desafiar os "dogmatismos" de sua época, pois rejeitava a concepção de que a verdade absoluta pudesse ser conhecida. Para os céticos, a moralidade somente consistia em viver de acordo com as normas aceitas por uma determinada sociedade. Sua atitude era de agnosticismo. Indiferentes em apoiar qualquer causa, buscavam a suspensão do julgamento, a prática da bondade e o livramento das perturbações (BLOMBERG, 2009).

O neopitagorismo surgiu no século I d.C., como um revivescência do antigo pitagorismo. Os neopitagóricos formavam comunidades que combinavam investigação matemática, misticismo, numerologia, vegetarianismo e uma crença na reencarnação (BLOMBERG, 2009).

O hedonismo foi a escola fundada por Aristipo de Cirene (ca. 435 – 365 a.C.), que "encontra o motivo fundamental da ação na busca por *hedone*, prazer" (VOEGELIN, 2012, p. 111).

2.1.4 O culto ao imperador

Conforme já mencionado, o helenismo causou o enfraquecimento da religiosidade tradicional e promoveu o sincretismo cultural no mundo mediterrâneo. Uma outra consequência importante desse processo foi o aumento do prestígio dos imperadores romanos em detrimento das divindades tradicionais e a prática, importada do oriente, da divinização desses governantes. Segundo Blomberg (2009), no oriente a adoração era levada mais a sério, enquanto no ocidente, o louvor aos soberanos era visto mais como um ato de patriotismo ou reconhecimento de grandes poderes ou feitos. Isso pode ser explicado pelo fato de que durante séculos, os soberanos orientais tinham sido endeusados. Ainda sobre essa questão:

> A adoração ao Imperador não se originou em Roma; pelo contrário, é mais um exemplo que mostra como o mundo romano foi invadido pelas religiões orientais. O Egito adorava seus faraós; os persas se curvavam ante seus soberanos; os gregos adoravam seus heróis. Estas são as fontes de onde brotou a adoração aos imperadores no Império Romano (GONZÁLEZ, 2015, pp. 55-56).

Mas o louvor aos soberanos não esteve isento de críticas, principalmente pelos aristocratas romanos que se opunham à implantação de costumes e religiões orientais. Por

parte da população em geral, esse tipo de culto sofreu indiferença, pois não satisfazia suas aspirações religiosas. Levou anos para que essa prática se firmasse no ocidente. Alguns imperadores levaram isso mais a sério que os seus súditos, como por exemplo, Dominiciano, que procurou estabelecê-la numa escala mais ampla. Mas seu intento teve curta duração. E na maior parte do mundo greco-romano ela não demonstrou vitalidade. É possível que o conflito com o Cristianismo tenha se dado porque os romanos usavam-na como critério de lealdade política, interpretando como traição ou insubordinação a recusa dos cristãos em venerar o imperador (GONZÁLEZ, 2015, p. 56).

2.1.5 Conclusão

A religiosidade greco-romana foi marcada pela pluralidade de tendências e movimentos, tanto de caráter religioso propriamente dito, quanto de caráter filosófico e até mesmo político. Havia muitas possibilidades para a população mediterrânea. Outra característica que se sobrepôs naquele período foi o sincretismo, pois essas tendências acabaram se mesclando e se combinando, dando origem as mais variadas crenças e ideias religiosas e filosóficas presentes naquele contexto. Sobre isso, Blomberg (2009, p.74) exemplifica da seguinte forma: "um cavaleiro romano poderia, por exemplo, adorar o imperador e os mitos tradicionais nos momentos apropriados a cada ano, estudar um pouco de filosofia por um lado e participar de um culto de mistério uma noite por semana". Assim, pode-se afirmar que o sincretismo foi a característica dominante daquele tipo de religiosidade, pois naquela época não havia separação entre filosofia, religião e política.

Depois da tratar do mundo greco-romano, é importante tratar agora do mundo judaico.

2.2 O mundo judaico

O judaísmo antes da destruição do templo pelos romanos em 70 d.C. apresentou uma diversidade considerável. Isso aconteceu devido as mudanças políticas e sociais pelas quais a nação judaica passou ao longo de sua história e as influências que a religiosidade judaica sofreu durante o período de exílio na Babilônia e da dominação grega e romana na palestina. O judaísmo pré-70 também foi impactado com o sincretismo

que dominou o período helenístico e romano. Essa situação levou a religiosidade judaica a apresentar ao longo de sua história diferentes tendências, tais como o profetismo, a incipiente escatologia, a literatura de sabedoria, a crença apocalíptica e o legalismo. Vejamos como se deu esse processo.

2.2.1 O profetismo

O profetismo em Israel surgiu no contexto de ascensão da monarquia israelita, onde essa monarquia:

> ficou centralizada nas cidades, semelhante em sua estrutura à pólis helênica, sendo as classes ricas detentoras do equipamento militar custoso, tal como os cavalos e os carros de guerra. O campo circunvizinho tornou-se semelhante ao grego, com dívidas e empobrecimento crescente do campesinato e dos montanheses (VOEGELIN, 2012, p. 150).

As consequências dessa mudança política e social foi, internamente, a violação do código social da relação entre ricos e pobres estabelecido desde o Israel primitivo. Além disso, externamente, existia a constante ameaça de invasão por parte dos poderosos impérios vizinhos.

Diante desse novo cenário apareceram os profetas. A principal característica desse profetismo era a prática de uma profecia do desastre, que atacava a política externa dos reis, o reaparecimento dos cultos às divindades das nações vizinhas e a violação da lei social. A base para a atuação profética era a religiosidade monoteísta e a ideia de aliança entre o Deus de Israel e seu povo eleito, segundo a qual o povo promete obedecer à lei de Iahweh e Iahweh promete fazer de Israel a nação santa e preferi-la a todos os outros povos (VOEGELIN, 2012, p. 151).

O profetismo também trouxe a concepção de que a história estava carregada de significado religioso:

> sobretudo desde os profetas, [...], os acontecimentos históricos, transformando e modelando o destino político de Israel, eram também suscetíveis de constituir momentos importantes na história da salvação. Para os hebreus, a política nacional não se distinguia da atividade religiosa: a pureza ritual, e, portanto, a salvaguarda de Israel, era solidária da autonomia política (ELIADE, 2011, p. 228).

Porém, com o fim da monarquia israelita devido à dominação de Israel pelos babilônicos, o movimento profético sofreu um declínio que culminou com a sua extinção anos mais tarde. No vácuo deixado pelo enfraquecimento e posterior desaparecimento do

profetismo, outras características começaram a aparecer na religiosidade de judaica. Vejamos.

2.2.2 A incipiente escatologia

Os profetas proclamavam que as derrotas e as calamidades sofridas por Israel eram fruto de sua transgressão à aliança com o seu Deus. Mas a partir do exílio na Babilônia, o profetismo começou a declinar. Os últimos profetas começaram a desenvolver uma nova visão dentro da religiosidade israelita: uma incipiente visão escatológica da realidade. Com ela, surgiu também um novo conceito, o de Servo Sofredor, inspirado nas vivências e nos sofrimentos de Israel.

O Deutero-Isaías ou Segundo Isaías, um texto de um desconhecido profeta do exílio, produzido no final desse período, foi um divisor de águas que trouxe essa nova perspectiva religiosa baseada no sentimento escatológico. Eliade (2011) aponta como diferença entre a mensagem desse material e a dos profetas anteriores, o seu otimismo e sua interpretação da história contemporânea. O Deus de Israel, autor da Criação e da história, executaria em prol do seu povo cativo na Babilônia uma libertação, um novo êxodo. Mas esse acontecimento não beneficiaria exclusivamente os judeus, pois a partir dessa libertação, Israel deveria se tornar a nação privilegiada e dominante e essa redenção incluiria as outras nações.

A inclusão das outras nações se daria porque o Deus de Israel renovaria sua aliança que dessa vez deveria ser eterna e a redenção do povo deveria ser irrevogável. Em outras palavras, o Deutero-Isaías apregoava a chegada de um novo tempo:

> O Segundo Isaías apresenta a inauguração da nova época como uma história dramática, que comporta um série de atos prodigiosos determinados por Deus: 1) a destruição da Babilônia por Javé (43:14-15; etc.), por seu instrumento, Ciro (41:24; etc.), ou por Israel (41:14-16); 2) a redenção de Israel, isto é a libertação dos exilados (49:25-26), a travessia do deserto (55:12-13), a chegada a Jerusalém (40:9-11) e a reunião do todos os que estavam dispersos pelo mundo (41:8-9); 3) a volta de Javé a Sião (40:9-11); 4) a transformação do país por meio de reconstruções (44:26) e a multiplicação da comunidade (44:1-5), mesmo mediante mudanças de tipo edênico (51:3); 5) a conversão das nações a Javé e o repúdio dos seus próprios deuses (51:4-5) (ELIADE, 2011, p. 221).

Foi nesse contexto que emergiu a imagem do Servo Sofredor, narradas nas canções do Segundo Isaías. O sentido dessa figura é controverso. Na opinião de Eliade (2011) é provável que ela personifica a elite judaica deportada. Voegelin (2012) destaca que para alguns acadêmicos ela é uma personificação de Israel, enquanto para outros é

uma personificação de um salvador pessoal. Porém o que deve ser destacado é a nova perspectiva da religiosidade judaica representada por essa figura. Nas palavras de Voegelin (2012, p. 159): "uma ideia emerge claramente, sem paralelo em qualquer outra civilização: a ideia de que o mundo será salvo pelo sofrimento de um servo inocente e sem culpa". Essa ideia se reflete numa mudança de visão:

> Este significado mais profundo, o de sofrer sem culpa, somente ganha sentido num plano do mundo em que o sofrimento se transforma em meio de redenção para o mundo inteiro. Nessas circunstâncias, a fé pode ser mantida, o sofrimento pode tronar-se suportável e a identidade pessoal, dependente da aliança, pode ser preservada com a máxima tenacidade (VOEGELIN, 2012, p.159).

A perspectiva escatológica trazida pelo Segundo Isaías, continuou com os últimos profetas que atuaram depois do exílio. Ageu e Zacarias, que pregaram durante o período de dominação persa no contexto da reconstrução dos muros de Jerusalém e do templo, apregoavam a iminência do *echaton* (a nova era). A instauração dessa nova era seria "antecedida de grandiosas alterações históricas (a queda de Babilônia, o ataque das nações contra Jerusalém, seguida da destruição daquelas)" e a renovação da Criação que comportará certos elementos paradisíacos: 'inumeráveis riquezas, fertilidade sem-par, desaparecimento das doenças, longevidade, paz entre homens e animais, eliminação das impurezas, etc. Mas o centro do Universo restaurado em sua perfeição inicial será Jerusalém, verdadeiro centro do mundo'" (ELIADE, 2011.p. 224).

Segundo as profecias escatológicos, esse mundo restaurado seria governado por Deus ou por um rei escolhido por ele, chamado de o "Ungido" (*mâsiah*). Surge, então, na religiosidade judaica, essa importante figura. O Messias, no entanto, não seria um ser sobrenatural, mas um mortal, descendente do rei Davi que se assentaria em seu trono e reinaria com justiça. Mais tarde, o Cristianismo se apropriaria desses elementos e os reinterpretaria, fundindo as duas imagens, a do Servo Sofredor e a do Messias, atribuindo-os à pessoa de Jesus.

Desde então, a expectativa escatológica nunca sumiu da religiosidade judaica, sendo retomada no período helenístico por meio da crença e da literatura apocalíptica. Mas o atraso do *eschaton* trouxe outro elemento que foi agregado ao judaísmo daquele período: a personificação da sabedoria divina.

2.2.3 A literatura de sabedoria

Alguns anos depois que os persas permitiram que os judeus retornassem para a Palestina a fim de reconstruir os muros de Jerusalém e o templo, chegou a dominação grega e com ela, o helenismo. Com o helenismo, a língua, a cultura e as instituições gregas expandiram-se ao redor do Mediterrâneo. Entre os judeus, alguns grupos aderiram ao processo de helenização, enquanto outros se posicionaram contra:

> As diferentes orientações ideológicas e religiosas que dividiram o povo judeu desde a conquista de Alexandre (332 a.C.) até a transformação da Palestina em província romana (69) deixaram sua marca em muitas obras escritas em Jerusalém ou nas comunidades judaicas que se estabeleceram durante a diáspora [...] A personificação da sabedoria (*hokma*) alinha-se entre as mais originais criações religiosas desse período (ELIADE, 2011, p. 228).

Desde antes, enquanto se encontrava sob dominação persa, os judeus foram influenciados pela religião de seus dominadores e conceberam a existência de seres intermediários ente Deus e o ser humano. Durante o período helenístico, essa ideia foi fortalecida e culminou com a personificação da sabedoria e sua promoção à categoria de autoridade suprema, como mediadora da revelação de Deus, se tronando um emissário quase divino de Deus à humanidade. Essa tendência pode ser percebida na literatura sapiencial que foi produzida naquele período, como o livro de Provérbios, escrito, provavelmente em meados do século III a.C. e em alguns salmos (ELIADE, 2011).

No entanto, as interpretações acerca dessa sabedoria se tornaram diversas e muitas vezes contraditórias ao longo da evolução do judaísmo, como por exemplo, nas *teodiceias*, obras que tentaram explicar a relação entre Deus e o mal. O Eclesiastes e o Eclesiástico são os exemplos desse tipo de literatura. O primeiro, também conhecido por *Coélet*, foi uma obra que rompeu com a doutrina da retribuição e se concentrou na tensão entre a desesperança e a resignação. Apesar de não negar a existência de Deus e nem se revoltar contra ele, insistiu na inexplicabilidade de seus atos, em oposição à teologia da literatura sapiencial (ELIADE, 2011, p. 229).

O segundo, o Eclesiástico (ou *Siráquida*), obra de Ben Sira, foi escrito provavelmente entre 190 e 175 a.C. por um escriba (*soper*), professor de sabedoria e se dirigia aos jovens hebreus impressionados pelo helenismo. Nela o autor retorna à doutrina da retribuição, ao lembrar que para os obedientes da Lei não está determinada a mesma sorte reservada aos perversos. Ele também se posiciona contra a influência helenística ao identificar a sabedoria com a Torá, a devoção e o culto, pois pra ele, a sabedoria é o dom exclusivo feito por Deus a Israel, rejeitando com isso, a noção universalista presente na

literatura sapiencial anterior que, reconhecendo a origem divina da ordem cósmica e da vida moral, via a sabedoria como acessível aos homens independente de sua religião. Ele também identifica o sábio com o escriba que se concentra no estudo das Escrituras, criticando aqueles que eram contrários à sabedoria bíblica, os apóstatas e apoiadores do helenismo (ELIADE, 2011).

Ao lado da literatura de sabedoria, também se apresentou nesse período a crença e a literatura apocalíptica.

2.2.4 A crença apocalíptica

Durante a dominação dos selêucidas, sob o reinado de Antíoco IV Epífano, o confronto com o helenismo atingiu seu ponto máximo:

> Os filo-helenos clamavam por uma reforma radical, a fim de transformar o judaísmo bíblico numa religião de tipo 'moderno', comparável às outras criações sincretistas contemporâneas. Em 167 a.C., aproveitando-se de uma tentativa de revolta fracassada por parte dos Oníadas, os adversários destes aconselharam Antíoco a ab-rogar a Torá por meio de um decreto real. O templo de Jerusalém foi transformado num santuário sincretista de Zeus Olímpio identificado com o Baal fenício. Proibia por decreto, sob pena capital, a observância do sabá e das festas, a prática da circuncisão e a posse de livros bíblicos. Ergueram-se, em toda a Palestina, altares aos deuses dos gentios, e os habitantes foram obrigados a lhes trazer sacrifícios (ELIADE, 2011, p. 232).

Um sacerdote da família dos Hasmoneus, chamado Matatias, aderiu à revolta armada. Ele foi apoiado por um grupo de zelotes, conhecidos por os "piedosos" (*hassidin*). Depois de sua morte, seu filho Judas Macabeu continuou com a guerra. Os macabeus conquistaram o templo em 164 a.C., restabelecendo o culto. Em 128 a.C. conquistaram a liberdade política. Os Hasmoneus reinaram sobre os judeus até 63 a.C. quando a Palestina foi dominada pelos romanos (ELIADE, 2011).

Com a dominação romana, o perigo da influência estrangeria, antes representada pelo helenismo, agora continuava com o romanismo. Um grupo se inspirou nos apoiadores dos macabeus e atuou contra a domínio romano, promovendo algumas revoltas. Mas os romanos conseguiram reprimir todas, pondo fim a esse grupo. Com relação aos zelotes do século I d.C., Blomberg (2009, p.73) afirma o seguinte: "os zelotes esperavam repetir o milagre dos macabeus e estavam convencidos de que Deus honraria os esforços militares para subverter Roma, porém provaram que estavam tragicamente equivocados". Mas foi a crença apocalíptica e não a luta armada que prevaleceu na

concepção religiosa dos judeus no tempo da transição do período helenístico para o romano.

No período entre a ofensiva de Antíoco Epífano e a conquista romana da Palestina, os "piedosos" (*hassidin*) desenvolveram uma percepção apocalíptica dos eventos históricos, caracterizada por uma perspectiva cósmica e religiosa, responsável por uma compreensão unitária da história. Em decorrência disso, eles produziram os primeiros escritos apocalípticos, Daniel e a porção mais antiga de Enoc. Posteriormente, outras obras foram aparecendo. Essas obras prediziam o juízo iminente de Deus, para o qual, os "piedosos" deveriam se preparar. Para tal, formaram comunidades fechadas que cultivavam a obediência à lei e insistiam na urgência do arrependimento. Com relação a característica que marcou esse tipo de literatura:

> Daniel e os Apocalipses judaicos apresentaram um elemento desconhecido nas outras tradições: os acontecimentos que constituem a história universal já não refletem o ritmo eterno do ciclo cósmico e já não dependem dos astros; desenvolvem-se de acordo com o plano de Deus. Neste plano preestabelecido, Israel desempenha o papel central; a história precipita-se para o seu fim, em outros termos, é iminente o triunfo definitivo de Israel. Esse triunfo não será apenas de ordem política; efetivamente, o término da história equivale à salvação de Israel, salvação desde sempre determinada por Deus e inscrita no plano da história, não obstante os pecados de seu povo (ELIADE, 2011, p. 234).

A crença no fim do mundo apregoado pela apocalíptica judaica trazia alguns elementos característicos: o fim viria por meio de acontecimentos cataclísmicos e fenômenos cósmicos aterrorizantes. Nesse contexto, deveria haver a ressurreição dos mortos e o juízo final, depois do qual, o mal seria eliminado para sempre. Esses dois últimos elementos são provavelmente influências da religiosidade persa. Nos escritos apocalípticos também aparece a figura do "Filho do Homem", que em Daniel, "simboliza o povo de Israel no momento supremo do triunfo escatológico" (ELIADE, 2011, p. 235).

Outro elemento que apareceu nos escritos apocalíptico posteriores, foi a personificação do mal. Provavelmente, a partir da influência persa, a figura de Satanás desenvolveu-se, chegando ao ponto desse personagem encarnar o princípio do mal e se tronar o adversário de Deus. Era o desenvolvimento do dualismo cósmico, um dos pressupostos principais da visão apocalíptica. (ELIADE, 2011). Além disso, se desenvolveu nesse momento também, a concepção de duas idades ou dois reinos. O mundo era agora governado pelo poder do mal. Porém, a idade do mal, agora presente, deveria dar lugar ao reino de Deus que seria estabelecido brevemente, no fim da história:

> Efetivamente, está escrito: 'o Altíssimo não criou uma única idade, mas duas' (IV Esdras, 7:50). Nessa idade, o 'reino de Satanás' está fadado a triunfar. [...] Seu poder chegará ao auge com a aproximação da era messiânica, quando se

> irão multiplicar as catástrofes e os fenômenos aberrantes [...]. Entretanto, na batalha escatológica, Javé vencerá Satanás, aniquilará ou subjugará todos os demônios, extirpará o mal e edificará em seguida o seu Reino, concedendo vida, alegria e paz eterna (ELIADE, 2011, p. 236).

O presente estava marcado pela luta entre o bem e o mal, mas estava se aproximando o tempo quando, depois de uma imensa guerra acompanhada de eventos cataclísmicos, Deus vencerá definitivamente o mal e estabelecerá uma nova era, na qual, ele estará presente, governando sobre seus eleitos.

Com a crença apocalíptica, as tentativas para estabelecer o reino de Deus na terra cedem lugar à expectativa da intervenção divina para conduzir à era messiânica. Mas essa expectativa não deveria ser completamente passiva, pois, "era responsabilidade de um grupo seleto de judeus dentro da nação preparar o advento da era vindoura através da intensa obediência à Lei" (BLOMBERG, 2009, p. 64).

Os principais representantes dessa tendência apocalíptica foram os essênios. De acordo com Blomberg (2009), esse grupo teria surgido como um protesto mais radical contra a helenização e romanização de Israel. Fundado por um líder anônimo, chamado em sua literatura de "mestre da justiça", o grupo afastou-se das grandes cidades e dos centros da vida religiosa, política e econômica da Palestina – o templo, por exemplo -, por considerá-los incorrigivelmente corruptos e impuros e formou várias comunidades no entorno desses centros urbanos e no deserto da Judeia. Houve diversas comunidades, mas a mais conhecida foi a que se estabeleceu em Qumran. O interesse deles era a pureza cerimonial, para isso exerciam uma rígida disciplina - algumas comunidades chegavam a proibir o matrimônio -, realizavam alguns ritos de purificação - banhos ou batismos para lavar os pecados cometidos no dia anterior -, e se dedicavam a orações diárias, trabalho, estudo e adoração pública. Eles possuíam uma vívida visão apocalíptica. Consideravam-se o legítimo povo da nova aliança e aguardavam a iminente restauração de Israel por meio de dois messias, um sacerdotal, que traria a purificação da comunidade e um real que guerrearia e venceria os ímpios, estabelecendo definitivamente o reino de Deus em torno de uma Jerusalém renovada.

Renunciando a ideia de que uma ação social ou revolução trariam a era messiânica, esses grupos acreditavam que essa nova era só poderia vir por meio da intervenção sobrenatural de Deus. Caberia à eles apenas se afastar da vida em sociedade e cultiva um estilo de vida comunitário, em torno de rituais de purificação e da forte devoção à Lei.

Suas comunidades foram destruídas pelos romanos durante o assalto à Jerusalém em 70 d.C. A visão apocalíptica e as práticas decorrentes dela, desapareceram com a queda desse grupo. Mas a influência dessa crença, principalmente o zelo pela Lei, contribuiu para o progresso da tendência que se tornaria dominante na religiosidade judaica: o legalismo.

2.2.5 O Legalismo

As raízes do legalismo encontram-se ainda durante a dominação persa, quando os judeus receberam a permissão de retornar à Palestina para reconstruir os muros da cidade e o templo e promoveram uma reforma legalista, liderada por Neemias, governador da Judeia, nomeado pelos persas por volta de 430 a.C. e Esdras, considerado o primeiro escriba ou doutor da lei, que retornou à Jerusalém com outros exilados libertos. A partir deste último, a figura do escriba se tornou o modelo ideal da conduta religiosa. Ele estabeleceu a prática da leitura solene e, com ela, a religiosidade judaica passou a dispor das escrituras santas, que continham a Lei (Torá), confundidas, muito cedo, com os livros do Pentateuco. Com isso, a transmissão oral dos ensinos foi substituída pelo estudo e pela explicação desses textos (ELIADE, 2011).

Nessa reforma foram restabelecidos a circuncisão, o símbolo da aliança entre o povo de Israel e seu Deus, a observância do sabá (*Sabbath*), prova de fidelidade à aliança e a "Lei de Santidade", código atribuído a Moisés, que "regulamenta os sacrifícios de animais, as relações e as proibições sexuais, o calendário das festas, os detalhes do culto, insistindo na pureza e nas impurezas rituais" (ELIADE, 2011, p. 226). Com essa reforma, houve a consolidação do legalismo na religião de Israel.

Os ataques de Antíoco Epífano contra a religião dos judeus fortaleceram a tendência legalista dessa religiosidade. Grupos descendentes daqueles "piedosos" mencionados anteriormente promoveram a exaltação da Lei (*Torá*). Sobre isso, Eliade explica da seguinte forma: "o 'zelo contra a Torá' que animava os adeptos de Antíoco incentivou o 'zelo pela Torá', e acabou por consolidar a ontologia da Lei. A Torá foi elevada à categoria de uma realidade absoluta e eterna, modelo exemplar da Criação". A fixidez da Torá fez com que o legalismo fosse paulatinamente sobrepondo a mentalidade escatológica e contribuindo para o desaparecimento progressivo da literatura apocalíptica

que foi substituída, posteriormente, pela mística rabínica. A tendência legalista triunfou sobre as demais (ELIADE, 2011, pp.240 e 241).

O triunfo do legalismo mudou o caminho do próprio judaísmo. Desde a época do profetismo a religiosidade judaica apresentou uma tensão entre grupos "universalistas" e "particularistas". A partir do século II a.C., no período da diáspora, devido ao estabelecimento de comunidades judaicas em vários lugares ao redor do Mediterrâneo e ao trabalho missionário empreendido por elas, o judaísmo caminhava para se tornar uma religião universal. Mas depois da tentativa de helenização por meios violentos, combatida pela revolta dos macabeus, os judeus adquiriram um trauma com os povos estrangeiros que os fez abandonar sua missão universal e se voltar para a manutenção da sua identidade nacional, fortalecendo e popularizando a corrente nacionalista, que se baseava na noção de "povo eleito". Diante disso, "o primeiro dever do povo judeu era, por tanto, manter intacta a sua identidade, até ao fim da história" (ELIADE, 2011, p. 241). Cabia à Lei, o papel decisivo na defesa dessa identidade. Com isso, o legalismo se consolidou como a marca principal da religião de Israel.

Dois grupos que, assim como os essênios e zelotes, descenderam dos apoiadores dos macabeus, foram os saduceus e os fariseus. Esses grupos não promoveram a luta armada contra Roma, nem seguiram a crença apocalíptica, antes se caracterizaram por sua tendência legalista. O primeiro era composto pela aristocracia e pela elite rica de Israel. Muitos eram oriundos de famílias sacerdotais. Inclusive o nome do grupo é provavelmente uma referência a família sacerdotal dos "Zadoques". Eles rejeitavam a lei oral e aceitavam apenas os ensinos que pudessem ser comprovados pelo pentateuco. Contrários ao influxo de elementos advindos de religiosidade estrangeira, rejeitavam alguns ensinos de influência persa, como a imortalidade da alma após a morte, a ressurreição do corpo e a existência de anjos e demônios. Mas, diferentemente dos seus ascendentes, sua posição contrária aos estrangeiros se restringia apenas ao campo religioso, pois no campo político não protestaram contra o domínio romano. Por serem de classe sacerdotal controlavam o templo e eram ligados ao culto ritualístico e ao sistema de sacrifícios que lá eram praticados. Por causa dessa característica, eles não sobreviveram a queda de Jerusalém e a destruição do santuário em 70 d.C (BLOMBERG, 2009; ELIADE, 2011).

O segundo grupo surgiu da oposição à união entre o poder real e sacerdotal (religioso) praticado no reinado dos hasmoneus. Era formado por leigos que buscavam criar um muro de proteção em torno da Torá e a aplicação desta em cada área da vida do

povo. Por causa disso, eles criaram as leis orais que posteriormente seriam codificadas dando origem a Mixná. Diferentemente dos saduceus eles se posicionavam contra a dominação romana, mas em geral eram contrários à luta armada, antes, procuravam ensinar às leis de Deus afim de que ele suscitasse um salvador como resposta à obediência do povo. Aceitaram aqueles elementos oriundos da religiosidade persa que foram rejeitados pelos saduceus. Eles estavam menos ligados ao templo e mais ligados às sinagogas que se espalharam tanto na Palestina quanto em outras províncias ao redor do Mediterrâneo. Por isso, continuaram existindo mesmo depois da destruição do santuário. Aliás, eles foram o único grupo a sobreviver após a queda de Jerusalém, sendo os principais influenciadores do judaísmo rabínico que se organizaria após 70 d.C. Através dos cultos realizados nas sinagogas, baseados em orações e hinos, mas principalmente na leitura e explicação das Escrituras, eles contribuíram com a sobrevivência do judaísmo. A obediência à Lei gradualmente substituiu a adoração no templo. O culto na sinagoga promoveu à exaltação da Torá e por meio dela a tendência legalista se solidificou na religião judaica (BLOMBERG, 2009; ELIADE, 2011).

2.2.6 Conclusão

Na opinião de González (2015), essa diversidade de tendências na religiosidade judaica não representava a banalização da religião, mas pelo contrário, representava sua vitalidade. Sobre isso, Blomberg (2009, p.66) afirma que "o judaísmo de modo crescente se propunha como uma opção religiosa para o mundo gentílico". Com o passar do tempo algumas doutrinas foram se destacando e se consolidado, conferindo uma espécie de unidade essencial para a religião de Israel, a saber: o monoteísmo ético, a ideia de povo escolhido e a esperança messiânica.

No entanto, Blomberg (2009) assevera que os grupos religiosos que surgiram no período do helenismo e atuaram durante o tempo da dominação romana, incluíam, provavelmente, apenas cerca de cinco por cento da população no tempo de Jesus. A maior parte do povo, chamada por antigas fontes judaicas de *Am-ha-Aretz* ("o povo da terra"), não estavam ligados a nenhuma dessas seitas:

> A vasta maioria dos judeus em Israel não era alinhada a qualquer grupo especial. Era formada por simples fazendeiros e pescadores, artesãos e comerciantes, tentando ganhar seu sustento. Estes sem dúvida acreditavam no Deus de Israel e tentava seguir as leis básicas do AT, oferecendo sacrifícios no templo de Jerusalém para o perdão dos pecados quando podiam viajar até lá. Mas não se preocupavam com as inúmeras tradições orais e a legislação

> adicional que haviam se desenvolvido em torno da Bíblia (BLOMBERG, 2009, p. 68).

Em outras palavras, a religião judaica era uma parte essencial na vida dos judeus antigos. Essa religiosidade cativou até mesmo pessoas que não faziam parte do povo de Israel. Dentre os antigos israelitas, a grande maioria não estava ligada a nenhuma seita religiosa da época, mas eram apenas simples trabalhadores que compartilhavam algumas crenças comuns, como o monoteísmo ético, a ideia de povo escolhido e a esperança messiânica. Foi a partir dessas crenças e em meio a esse grupo de pessoas que nasceu e cresceu o Cristianismo Primitivo.

2.3 Cristianismo Primitivo: das origens à liberdade religiosa e a sistematização inicial da teologia cristã

O movimento de Jesus surgiu a partir de suas pregações. Esse judeu desconhecido começou a pregar sua mensagem depois da atuação de João Batista, que segundo Eliade (2011, p. 291), foi "líder de uma seita milenarista" que "anunciava a iminência do Reino, mas sem reivindicar o título de messias", reconhecendo em Jesus, de acordo com a tradição cristã, esse papel.

Ainda de acordo com Eliade (2011), Jesus ensinava e pregava tanto nas sinagogas quanto em ambientes ao ar livre, como montes, planícies e praias. Ele usava os métodos tradicionais de seu tempo, como as linguagens figuradas das parábolas. Reportava-se à história sagrada de Israel e às personagens bíblicas mais populares. O conteúdo de sua mensagem expressava a esperança escatológica que dominava a religiosidade judaica em sua época, predizendo a iminente transformação do mundo. Seu ensino começou a preocupar os dois grupos religiosos mais populares entre os judeus: os saduceus e fariseus. Esses dois grupos uniram-se e prenderam Jesus por meio da guarda do sumo sacerdote.

Segundo os Evangelhos sinóticos, o sinédrio, uma espécie de "supremo tribunal" que julgava as questões relacionadas coma religião, condenou Jesus por blasfêmia e o envio a Pôncio Pilatos, o prefeito de Judeia, que o condenou por sedição, entregando-o à morte por crucificação. Depois de sua execução seus discípulos se dispersaram. Para Eliade (2011, p. 295), seu nome e sua mensagem só não caíram no esquecimento devido ao ensino em torno de sua ressurreição que apareceu entre seus seguidores após o seu suplício, onde em suas palavras: "não há dúvida de que a pregação de Jesus, e talvez até

seu nome, se teriam perdido no esquecimento sem um episódio singular e incompreensível, exterior à fé: a ressurreição do supliciado".

Fundamentado na crença da ressurreição, o Cristianismo originário sobreviveu e espalhou pela sociedade greco-romana, passando por algumas fases: inicialmente visto como uma seita judaica, depois, separado do judaísmo, passou por um momento que foi considerado uma religião ilícita e por isso foi perseguida pelas autoridades romanas, até que recebeu a liberdade religiosa por meio do Édito de Milão, emitido pelo imperador Constantino em 313 d.C. Ao longo dessas fases, personagens decisivos foram aparecendo e foram também desenvolvidos os ensinos e concepções que caracterizaram a primeira etapa de sua teologia, a patrística.

2.3.1 Uma seita judaica

O cristianismo viu no servo sofredor, anunciado pelo Deutero-Isaías, a antecipação do messias. Alinhados com os pontos culminantes do pensamento religioso hebraico, os primeiros cristãos começaram então a proclamar que por meio das provações desse servo sofredor viria a salvação universal. Porém, diferentemente do judaísmo, identificaram essa figura com Jesus:

> a pregação de Jesus e o desenvolvimento do cristianismo são solidários do mesmo fermento espiritual característico das esperanças messiânicas e das especulações escatológicas judaicas entre a revolta dos macabeus e a destruição do segundo Templo (ELIADE, 2011, p. 238).

A lembrança dos atos de Jesus e de seus sofrimentos que circulavam de forma oral dentro das primeiras comunidades cristãs, foram reunidas e redigidas nos primeiros Evangelhos, escritos entre 70 e 90 d.C. Essa atitude revelou um elemento essencial do cristianismo: a memória. "É a lembrança de Jesus que constitui o modelo de todo o cristão" (ELIADE, 2011, p. 296). Por tanto, a memória dos feitos e do suplício de Jesus e a expectativa da sua segunda vinda se tornaram características da religiosidade das primeiras comunidades cristãs. A essa altura o cristianismo pode ser classificado da seguinte forma:

> Cumpre ter em conta que os primeiros cristãos, judeus de Jerusalém, constituíam uma seita apocalíptica dentro do judaísmo palestino. Estavam na espera iminente da segunda vinda de Cristo, a *parusia*; o que os preocupava era o fim da história, e não a historiografia da espera escatológica (ELIADE, 2011, p. 296).

A citação acima permite perceber também que os primeiros cristãos continuaram inseridos nas comunidades judaicas, frequentando o templo e participando das reuniões nas sinagogas, mas guiados pela nova perspectiva centrada na pessoa de Jesus:

> Aparentemente, os fiéis seguem ainda a disciplina religiosa tradicional (circuncisão das crianças do sexo masculino, purificações rituais, repouso do sabá, orações no Templo). Mas, em suas frequentes reuniões, perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no parir do pão e nas orações, nos ágapes e preces de louvor (ELIADE, 2011, p. 301).

Como exemplo disso, pode ser citado a eucaristia, o ato cultual mais importante para os cristãos primitivos. O ritual foi inspirado na liturgia judaica doméstica, principalmente a consagração do pão e do vinho, mas ressignificado, a fim de reatualizar a presença de Cristo e antecipar o banquete messiânico do fim dos tempos (ELIADE, 2011).

Depois do evento de Pentecostes, a pregação dos discípulos passou a concentrar-se na ressurreição de Jesus. Eles apresentavam-se como testemunha desse acontecimento e o apontavam como o evento escatológico anunciado pelos profetas. De acordo com Voegelin (2012, p.217) "as visões [do Ressurreto] pelos discípulos nos dias que se seguiram à morte de Jesus constituem os atos evocativos fundamentais da comunidade cristã.

Paulo e o seu círculo deram continuidade a essa mensagem em sua teologia e *querigma* (pregação). Mas com o círculo paulino, houve um "desenvolvimento importante da ideia de comunidade cristã que pode ser descrita tecnicamente como transição da ideia escatológica para a apocalíptica" (VOEGELIN, 2012, p. 220). Seria uma fase de transição onde:

> A expectativa escatológica do reino implicou que o Messias apareceria num dado ponto do tempo no futuro próximo e substituiria a ordem atual do mundo pelo reino de Deus. A ideia apocalíptica implica que o Messias apareceu e que o seu reino está realmente estabelecido como a comunidade entre ele, o Ressurreto, e os seus crentes. O novo éon começou e, no devido tempo, a segunda aparição de Cristo trará o julgamento para os pecadores. O sentimento escatológico não desapareceu completamente, mas o sentimento apocalíptico, a crença na comunidade revelada, está crescendo e vai finalmente esconder a expectativa do fim dos tempos na linha principal da evolução cristã (VOEGELIN, 2012, p. 221).

Em outras palavras, "a Ressurreição é o sinal do novo éon; tem a finalidade de mostrar 'luz para o povo e aos gentios' (Atos 26,23) e prepará-los para a Ressurreição geral e o Juízo" (VOEGELIN, 2012, p. 221). A visão sobre a ressurreição abriu caminho para que a comunidade cristã projetasse a expectativa escatológica para um futuro mais distante e se ajustasse às vindicações deste mundo. A mensagem cristã, então, se difundiu

da periferia da Galileia até alcançar o centro do mundo mediterrâneo ainda na geração de Jesus – pois Jesus e Paulo foram contemporâneos.

Esse processo de difusão foi precipitado pela expulsão dos judeus helenistas de Jerusalém após a morte de Estevão, o primeiro mártir da fé cristã. Isso aconteceu pela hostilidade que a comunidade cristã de Jerusalém suscitava nos sumos sacerdotes e saduceus. Os fariseus, por seu turno, até toleravam os convertidos de origem hebraica, mas se mostravam hostis aos convertidos oriundos das comunidades judaicas da diáspora (helenistas), pois criticavam o afastamento destes com relação ao templo e a lei:

> Já se vislumbra certa tensão entre "hebreus" e "helenistas". Os primeiros são mais conservadores e legalistas, apesar de esperarem a *parusia*. Seguem fielmente o código judaico das prescrições rituais e representam por excelência o movimento designado pelo termo de judeo cristianismo. É sua estrita obediência à lei que Paulo se recusa a admitir. Na verdade, compreende-se mal um legalismo rabínico praticado justamente por aqueles que proclamavam a ressurreição de Cristo e se apresentavam como testemunhas da ressurreição. Os "helenistas" constituíam um pequeno grupo de judeus estabelecidos em Jerusalém e convertidos ao cristianismo. Não tinham em grande estima o culto celebrado no Templo. [...] A dispersão dos helenistas precipita o processo de missão entre os judeus da diáspora e, excepcionalmente, em Antioquia, entre os pagãos (ELIADE, 2011, p. 301).

Na comunidade de Antioquia, na Síria, organizou-se a primeira comunidade de prosélitos oriundos do paganismo. A parir dela, a mensagem cristã expandiu-se para o mundo helenístico. Paulo foi uma figura essencial para essa expansão. Ele também trouxe novas perspectivas para o movimento cristão, como a importância essencial atribuída à graça. "Para são Paulo, a salvação equivale à identificação mística com Cristo. Aquele que está na fé tem Jesus Cristo dentro de si. A redenção é operada por um dom gratuito de Deus: a encarnação, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo" (ELIADE, 2011, p. 304). Os judeus não poderiam alcançar a salvação pela obediência à lei pois "estar sob a lei equivale a estar 'sujeito aos rudimentos do Mundo' (Gálatas 4:3)". Os pagãos, mesmo com a possibilidade de conhecer Deus por meio da Criação, se perverteram na idolatria e se perderam. Assim, "tanto para os judeus como para os pagãos, a redenção é operada exclusivamente pela fé e pelos sacramentos" (ELIADE, 2011, p. 304).

À medida que o Apóstolo penetra no mundo helenístico, sua teologia apresenta algumas adaptações. Ele desenvolve sua ideia dualista de um homem carnal e um homem espiritual. O cristão deveria despojar-se do primeiro e se revestir do segundo. Outro traço desse dualismo pode ser percebido na contraposição entre Deus e o mundo: "o cosmo é dominado pelo mal em decorrência da queda do homem, mas a redenção equivale a uma segunda Criação, e o mundo recuperará sua perfeição inicial" (ELIADE, 2011, p. 306).

Outra adaptação pode ser percebida com relação à espera escatológica, que assumiu uma valorização ambivalente do presente: "a história prossegue e deve ser respeitada", "a espera da *parusia* não deve perturbar a vida das comunidades cristãs. Paulo insiste na necessidade de trabalhar para merecer o pão que se come (II Tessalonicenses, 3:8-10), e pede respeito às leis vigentes, submissão as autoridades e o pagamento de tributos e impostos devidos (Romanos, 13:1-7)" (ELIADE, 2011, p. 307).

A guerra dos judeus contra Roma que terminou em 70 d.C. com a destruição de Jerusalém e do templo, contribuiu para o aumento da influência da teologia paulina na comunidade cristã primitiva e o afastamento do cristianismo com relação ao judaísmo. A respeito desse último aspecto, deveu-se ao fato de os judeus-cristãos terem se recusado a envolver-se na guerra contra os romanos. Isso representou a desvinculação da igreja cristã do destino nacional de Israel. Além disso, durante a guerra houve um ressurgimento do entusiasmo apocalíptico entre os cristãos. Mas após o conflito sentiu-se um retardo na *parusia*. A igreja reagiu a isso dando algumas respostas:

> Essencialmente, as respostas dadas podem ser classificadas em três categorias: 1) reafirma-se de maneira ainda mais firme, a iminência da *parusia* (por exemplo, Epístola de Pedro); 2) a *parusia* é recuada para um futuro mais distante, e oferece-se uma justificativa teológica para esse intervalo de tempo prolongado: é o período reservado à atividade missionária da Igreja (por exemplo, os Evangelhos de Mateus e Lucas); 3) a *parusia* já se realizou, pois a crucificação e a ressurreição de Jesus constituem de fato o verdadeiro "acontecimento final" (*eschaton*) e a "nova vida" já é acessível aos cristãos (por exemplo, o Evangelho de João). É a terceira explicação que acabará por se impor (ELIADE, 2011, p. 312).

A prevalência dessa terceira explicação fez emergir uma nova perspectiva:

> A convicção de que a vida espiritual pode progredir e se completar *neste mundo*, e de que a história pode ser transfigurada; em outras palavras, a convicção de que a existência histórica é suscetível de alcançar a perfeição e a beatitude do Reino de Deus. É certo que o Reino será "evidente" em primeiro lugar aos crentes, mas toda a comunidade cristã pode tronar-se o modelo exemplar de uma vida santificada e, portanto, um estímulo à conversão (ELIADE, 2011, p. 313).

Com o desligamento do judaísmo e o atraso da *parusia*, a igreja passou a ser identificada com o Reino de Deus. Essa perspectiva foi se espalhando pelo mundo greco-romano. Porém, essa nova concepção vai mudar as relações entre o Estado romano e a igreja cristã, pois enquanto ligada ao judaísmo, ela era oficialmente permitida pelo poder imperial, mas agora ela tinha se tornado uma religião ilícita.

2.3.2 Uma religião ilícita

O império romano dava liberdade de culto ao judaísmo. Enquanto o cristianismo foi visto como uma seita judaica, gozou dessa liberdade estatal; mas após a destruição de Jerusalém e do templo, que desligou a igreja da religião judaica, a primeira deixou de contar com a autorização oficial, passando a ser vista como uma religião ilícita. Isso, desencadeou as perseguições aos cristãos. Segundo Eliade, inicialmente a igreja cristã foi perseguida por causa da hostilidade da opinião pública por praticar uma religião clandestina. Depois a perseguição se deu porque o cristianismo foi considerado uma religião antinacional (ELIADE, 2011). Como religião clandestina, o cristianismo era:

> Suspeito de todas as espécies de crimes, desde a orgia e o incesto até o infanticídio e a antropofagia. Para a elite pagã, a essência da teologia cristã – a encarnação do salvador, seus sofrimentos e sua ressurreição – era simplesmente ininteligível (ELIADE, 2011, p. 320).

O exclusivismo dessa nova religião de salvação – que apregoava que Jesus era o único salvador e o único senhor do universo – dificultou a sua relação com as religiões politeístas e com o poder imperial, pois as autoridades acusavam o cristianismo de ateísmo e lesa-majestade. Um imperador (Septímio Severo) tentou proibir o proselitismo da igreja, enquanto outro (Décio) obrigou todos os súditos a oferecer sacrifícios as divindades do império. O último imperador a perseguir a igreja foi Diocleciano. Ele resolveu "destruir essa religião exótica e antinacional, justamente para reforçar a ideia do Império; queria dar novo ânimo às velhas tradições religiosas romanas e, sobretudo, exaltar a imagem quase divina do imperador" (ELIADE, 2011, p. 320).

Nesse contexto de perseguição apareceram as figuras dos confessores e mártires. Esses personagens foram homens e mulheres que se dispuseram a dar a sua própria vida como testemunhas da fé. Eles se tornaram, então, modelos para os demais cristãos, permitindo que a igreja passasse vitoriosamente por aquele período. Mas as perseguições imperiais não foram a única ameaça ao cristianismo:

> Para a missão cristã, as perseguições constituíam o maior risco; mas não era o único perigo que ameaçava a Igreja. Os mistérios de Ísis e Mithra, o culto do *Sol invictus* e o monoteísmo solar representavam uma competição temível, sobretudo porque gozavam da proteção oficial. Além disso, um risco mais sutil ameaçava a Igreja de dentro para fora: as diferentes heresias [...] (ELIADE, 2011, p. 320).

De acordo com a citação anterior, além das perseguições imperiais, foram ameaças ao cristianismo os cultos de mistérios, o culto do *Sol invictu* reintroduzido pelo imperador Aureliano e as heresias que surgiram no seio da igreja.

Diante desse contexto, surgiram as figuras dos apologistas. Eles foram teólogos e polemistas que trabalhavam em defesa da fé cristã diante das críticas emitidas pelos pagãos, "já antes das grandes perseguições, por volta do fim do século II, vários teólogos e polemistas cristãos tentaram justificar e defender sua religião diante das autoridades e da *intelligentsia* pagã" (ELIADE, 2011, p. 320). Essas figuras produziram um relativo número de literatura, por meio da qual, se pode conhecer o cristianismo daquele período.

Mesmo com essas ameaças, através do trabalho e das obras dos missionários, teólogos e polemistas, o cristianismo penetrou na sociedade greco-romana e paulatinamente foi assumindo características de uma religião universal.

2.3.3 Uma religião universal

A despeito das ameaças a igreja cristã continuou se expandindo pelo império romano. O desligamento do judaísmo e o contato com a sociedade greco-romana transformaram o cristianismo numa religião universal. Com relação ao primeiro aspecto:

> os primeiros missionários judeu-cristão-helenísitco [...] deixaram de insistir na circuncisão, na observância ritual da lei e em normas alimentares, aspectos agora considerados irrelevantes para a salvação final. Acentuando a abertura universal da mensagem cristã – diferentemente do judaísmo -, conseguiram reunir numerosos "tementes", separando o elemento religioso do elemento nacional (PANDOVESE, 2015, p. 157 – 158).

Com isso, o cristianismo passou a ser mais atrativo do que o judaísmo, atraindo prosélitos de todos os povos e classes.

E com relação ao segundo aspecto, aparece duas tendências que atuaram paralelamente e que se complementaram, resultando na universalização da religião cristã:

> A principal tendência, e a mais antiga, manifesta-se na assimilação e revaloração dos simbolismos e argumentos mitológicos de origem bíblica, oriental e pagã. A segunda tendência, ilustrada sobretudo pelas especulações teológicas a partir do século III, esforça-se por "universalizar" o cristianismo com o auxílio da filosofia grega, em particular da metafísica neoplatônica (ELIADE, 2011, p. 347).

A partir dessa última citação, pode-se deduzir que a universalização da religião cristã é fruto do processo pelo qual a nova religião assimilou elementos de tradições religiosas pré-cristãs e os ressignificou, integrando-os num argumento cristão. Somado a isso, a utilização de ferramentas da filosofia grega, especialmente do neoplatonismo, por parte dos defensores do cristianismo (apologistas), a partir do século III, a fim de explicar e defender as suas crenças diante dos questionamentos pagãos, tornou a religião cristã acessível a esse público. Além do mais, os elementos assimilados pelo cristianismo foram

"argumentos específicos à religiosidade cósmica, já tendo, porém, sofrido uma reinterpretação no contexto bíblico" (ELIADE, 2011, p. 349); em outras palavras:

> Pode-se falar de um "cristianismo cósmico", porque, de um lado, o mistério cristológico é projetado sobre a totalidade da natureza, e porque, de outro, os elementos históricos do cristianismo são desprezados; insiste-se, em contrapartida, na dimensão litúrgica da existência do mundo. A concepção de um cosmo remido pela morte e pela ressurreição do salvador, e santificada pelos passos de Deus, de Jesus, da Virgem e dos santos, permitia que se reencontrasse, ainda que esporádica e simbolicamente, um mundo cheio das virtudes e belezas de que o mundo histórico se via despojado pelas guerras e pelos terrores por elas causados (ELIADE, 2011, p. 350).

Isso quer dizer que ao se apropriar de elementos típicos de uma religiosidade cósmica e relacioná-los com os eventos da vida de Jesus, o cristianismo tornou sua mensagem mais compreensível ao mundo greco-romano.

Portanto, o afastamento do judaísmo com seu nacionalismo, a assimilação de elementos presentes na religiosidade greco-romana e a projeção do "mistério cristológico" sobre a natureza em detrimento de seus elementos históricos tornaram possíveis a universalização da religião cristã. Essa universalização, pode-se dizer, se consolidou a partir de 313, por meio do Édito de Milão do imperador Constantino.

2.3.4 A liberdade religiosa

No final do século III houve uma tendência ao monoteísmo e universalismo na religiosidade do império romano. Isso se deveu ao "fascínio exercido pela noção do Um e pela mitologia da unidade" decorrentes dos "numerosos sincretismos religiosos, os mistérios, o desenvolvimento da teologia cristã do *logos,* o simbolismo solar aplicado, ao mesmo tempo, ao imperador e ao *Imperium*" (ELIADE, 2011, p. 354).

No século IV essa tendência se tornou dominante e se consolidou com a conversão de Constantino ao cristianismo e o seu Édito de Milão que deu liberdade religiosa à religião cristã.

Antes da sua conversão Constantino era um adorador do *Sol invictus* vendo nesse culto o fundamento do seu império. Mas para ele o sol não seria o deus supremo, mas apenas o símbolo mais perfeito de Deus onde "A subordinação do Sol ao Deus supremo foi, muito provavelmente, a primeira consequência de sua conversão ao cristianismo" (ELIADE, 2011, p. 355). As consequências da conversão do imperador podem ser resumidas nas seguintes palavras:

> A conversão de Constantino assegurou a cristianização oficial do Império. Os primeiros símbolos cristãos começaram a aparecer nas moedas desde 315, e as últimas imagens pagãs desapareceram em 323. A Igreja recebeu um estatuto jurídico privilegiado; em outras palavras, o Estado reconhece a validade das sentenças do tribunal episcopal, inclusive em matéria civil. Alguns cristãos galgam os mais altos cargos e multiplicam-se as medidas restritivas contra os pagãos. Sob o governo de Teodósio o Grande (379 – 395), o cristianismo converte-se em religião de Estado e o paganismo é definitivamente proibido; os perseguidos transforma-se em perseguidores (ELIADE, 2011, p. 356).

A consequência da conversão de Constantino foi a transformação da religião cristã em uma religião lícita. Como desdobramento dessa licitude, o cristianismo se tornou uma religião de Estado nos dias do imperador Teodósio, e atrelado a isso, veio a proibição e a perseguição das demais manifestações religiosas do mundo greco-romano.

De religião ilícita à religião lícita. Do desprezo das autoridades romanas à religião de Estado. De perseguida à perseguidora. E nesse ínterim, devido principalmente ao confronto com as heresias, a igreja começou a sistematizar a sua teologia.

2.3.5 A sistematização inicial da teologia cristã

A teologia cristã foi se sistematizando a partir do século II a medida em que foi enfrentando as heresias. Inicialmente houve o enfrentamento com as seitas gnósticas. Esse grupo possuía uma cosmovisão dualista, vendo a matéria como algo mau, criado por uma divindade inferior, e por isso, negavam a encarnação de Cristo:

> A primeira teologia sistemática é consequência das crises que, ao longo do século II, abalaram Grande Igreja. Criticando as "heresias" das seitas gnósticas – em primeiro lugar, o dualismo anticósmico e a recusa da encarnação, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo – é que os Padres foram elaborando paulatinamente a doutrina ortodoxa. Em essência, a ortodoxia baseava-se na fidelidade à teologia veteritestamentária. Eram os gnósticos considerados heréticos por excelência justamente porque repudiavam, no todo ou em parte, os próprios princípios do pensamento hebraico. Com efeito, havia incompatibilidade entre as ideias gnósticas – a preexistência da alma no seio do Um original, o caráter acidental da Criação, a queda da alma na matéria etc. – e a teologia, a cosmogonia e a antropologia bíblicas. Ninguém podia proclamar-se cristão sem partilhar as doutrinas do Antigo Testamento referente à gênese do mundo e à natureza do homem: Deus iniciara a obra cosmogônica criando a matéria e concluiu-a criando o homem, corpóreo, sexuado e livre, à imagem e semelhança de seu Criador (ELIADE, 2011, p. 344).

A sistematização dessa teologia permitiu se criar as noções de ortodoxia e heresia, de modo que:

> Define-se, em suma, a ortodoxia: 1º) pela fidelidade ao Antigo Testamento e a uma tradição apostólica testada pelos documentos; 2º) pela resistência aos excessos da imaginação mitificante; 3º) pela reverência em relação ao pensamento sistemático (em relação, portanto, à filosofia grega); 4º) pela importância atribuída às instituições sociais e políticas, em síntese, ao

> pensamento jurídico, categoria específica ao gênero romano (ELIADE, 2011, p. 346).

A ortodoxia exaltava a Criação e aceitava a história, mesmo que ela fosse marcada pelo terror da perseguição e precisasse ser redimida pela *parusia*. Ela também reconhecia a encarnação de Jesus Cristo (teologia do *lógos*) como a última e mais perfeita hierofania (manifestação de Deus) e associava esse acontecimento a história sagrada de Israel. Esse movimento da teologia cristã demonstra o esforço da igreja em "sublinhar o caráter universal da mensagem cristã" e "paralelamente ao esforço no sentido de assimilar à filosofia grega" (ELIADE, 2011, p. 352).

Depois do embate com as seitas gnósticas, a igreja enfrentou a heresia de Ário, um bispo de Alexandria do início do século IV. Esse enfrentamento motivou os Padres a sistematizarem uma doutrina da religião cristã, ou seja, a doutrina da trindade:

> Desde os começos da Igreja, os cristãos conheciam Deus sob três figuras: 1º) o Pai, Criador e Juiz, que se revelava no Antigo Testamento; 2º) o Senhor Jesus Cristo, o Ressuscitado; 3º) o Espírito Santo, que tinha o poder de renovar a vida e de instituir o Reino (ELIADE, 2011, p. 353).

Mas Ário negou a consubstancialidade das três pessoas divinas. Ele pregava que o Pai era a única pessoa incriada, mas o Filho e o Espírito Santo haviam sido criados posteriormente pelo Pai. Sua doutrina logrou um momentâneo sucesso entre os bispos, mas foi rejeitada no Concílio de Niceia, em 325. Foi adotado o símbolo que rejeitou o arianismo, baseado na doutrina da consubstancialidade (*homoúsios*) elaborada pelo bispo Atanásio e que foi "resumida por santo Agostinho na expressão: *una substantia – tres personae* (ELIADE, 2011, p. 354).

Assim, no confronto com as heresias a teologia cristão foi se desenvolvendo. Os grandes responsáveis pelo início da sistematização dessa teologia foram os chamados Padres da Igreja. Eles foram os líderes das primeiras comunidades cristãs, considerados sucessores dos apóstolos e que buscaram, por meio de suas atuações pastorais e de seus escritos, afastar os fiéis da heresia e encaminhá-los na ortodoxia. Para a igreja primitiva "a ortodoxia era solidária da sucessão apostólica: os apóstolos tinham recebido o ensinamento diretamente de Cristo e o haviam transmitido aos bispos e a seus sucessores" (ELIADE, 2011, p. 345).

E foi por causa dessas figuras que a primeira fase da teologia cristã ficou conhecida por Patrística.

2.3.6 A Patrística

A primeira fase da teologia cristã recebeu o nome de Patrística porque os seus formuladores eram chamados de Padres ou Pais. Esse título foi atribuído inicialmente aos apóstolos e depois aos bispos das igrejas por "considerar a iniciação e a instrução na fé uma real paternidade espiritual" (PANDOVESE, 2015, p.18). Posteriormente a atribuição desse título se estende à outras figuras:

> A partir do século IV, o uso do termo se estendeu a todos os que, mesmo não sendo bispos, eram considerados representantes autorizados da tradição eclesiástica. Em seguida, foi aplicado também aos iniciadores e legisladores da vida monástica e aos ascetas. No plural, passou a designar os bispos reunidos em concílio, dotados de autoridade na transmissão e no esclarecimento da fé (PANDOVESE, 2015, p. 18).

Em outras palavras, com o tempo, os Padres ou Pais passaram a ser considerados aqueles líderes eclesiásticos com autoridade de avaliar, segundo seu ensinamento, a ortodoxia ou heresia de uma doutrina. "O conceito de 'Padre', seja em sentido particular, seja em sentido coletivo, que se imporá na Igreja dos primeiros séculos refere-se, pois, àqueles que, no nível da fé ou da disciplina, cunharam a vida da comunidade católica" (PANDOVESE, 2015, p. 19).

É mister que se esclareça quais critérios a igreja usava para considerar alguém como "Padre". A definição clássica que foi utilizada, veio de um monge chamado Vicente de Lérins, que viveu no final do século IV e início do século V. Ele "os distingue por antiguidade, ortodoxia da doutrina, santidade de vida e aprovação por parte da Igreja na qual viveram e morreram" (PANDOVESE, 2015, p. 19).

Essas figuras que receberam a aprovação da Igreja e foram reconhecidos por sua ortodoxia, santidade e antiguidade foram os responsáveis por elaborar e posteriormente sistematizar a teologia cristã:

> Com os Padres atingiram-se algumas metas basilares na estrutura doutrinal e eclesial do cristianismo que é preciso pelo menos referir: 1. O esclarecimento dos fundamentos da fé expressa nos primeiros quatro concílios (Niceia 325; Constantinopla 381; Éfeso 431; Calcedônia 451); 2. Vinculado ao primeiro aspecto, a tentativa de dar à fé forma e expressão num discurso humano, criando novos conceitos e a língua "católica" que ainda hoje falamos; 3. A fixação do cânon neotestamentário; 4. A passagem da improvisação litúrgica a normas estáveis de celebração (a partir da metade do século IV), substancialmente praticados ainda hoje (2015, p. 36).

A teologia dos Pais, no entanto, apesar de representar o início da sistematização teológica cristã, não deve ser entendida como um sistema amplamente elaborado, conforme acontecerá em épocas posteriores – como na Escolástica, por exemplo – mas,

antes de tudo, deve ser entendida como uma síntese centrada em tópicos essenciais. Na opinião de Pandovese (2015, p.36), "a época patrística conheceu e praticou o que chamamos de *hierarquia das verdades,* reconhecendo o que é essencial para o cristão e remetendo-o a esse núcleo". Por isso, em seu livro *Introdução à Teologia Patrística,* ele listou os traços que "caracterizam" a teologia dos Padres:

1. a *concentração no essencial*, fixando-se nas questões fundamentais da fé e dispensando as questões periféricas;
2. a preferência por uma *teologia de símbolos,* em detrimento à uma teologia de conceitos, baseado em sua consciência da transcendência e incompreensibilidade de Deus, jamais redutível a um sistema de lógica humana;
3. uma *teologia bíblica,* pois a valorização do símbolo feita pelo Padres só podia nascer de um contato com as Escrituras, cuja unidade fundamental eles percebem, pois tem Deus por autor;
4. teologia como *experiência de Deus,* mas do que como palavra sobre Deus, baseado na acepção do "teólogo" como um místico, e;
5. o *caráter pastoral de sua teologia,* que não nasce como especulação acadêmica, não possui caráter e linguagem esotéricos, mas se firma no interior de uma atividade de serviço pastoral e procura corresponder às exigências concretas da comunidade.[3]

O fundamento dessa característica se encontra no fato de que:

> Segundo os Padres, a principal atividade do sacerdote não é cultural, mas o mistério do anúncio. O ministro do culto cristão é, antes de mais nada, o anunciador da Palavra e, uma vez que este se fez carne, o anúncio se estende a todos os aspectos concretos da vida humana e deve iluminar a todos. Não é de admirar, pois, que a teologia dos Padres fale a língua dos cristãos comuns e conserve uma instância pastoral tão clara, ou melhor, nasça e se desenvolva a partir dessa instância (PANDOVESE, 2011, p.39).

Esses traços característicos da teologia patrística estão presentes e na verdade foram os elementos modeladores do primeiro corpo documental desse período – usados como fontes na presente pesquisa – os escritos dos *Pais Apostólicos*.

[3] PANDOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. 3 ed. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2015, pp. 36 – 38.

2.3.7 Os escritos dos Pais Apostólicos

Os escritos dos *Pais Apostólicos* são obras de alguns autores cristãos do final do primeiro e início do segundo século que chegaram aos nossos dias. Segundo González (2015, p.58), esse termo apareceu pela primeira vez no século XVII. Ele ainda afirma que "eles receberam esse título porque, na ocasião, acreditava-se que eles tinham conhecido os apóstolos. Em alguns casos parece realmente possível, enquanto em outros foi um mero produto de imaginação". De qualquer forma, "ao lado do Novo Testamento, são as fontes mais antigas que possuímos como testemunho da fé cristã" (HÄGGLUND, 2016, p. 13).

Essas obras seguiram a tendência sintética e o caráter pastoral da teologia cristã da época no qual foram produzidas. Não há nesses escritos uma uniformidade de gêneros literários, mas são formadas basicamente por cartas e homilias, de natureza incidental (HÄGGLUND, 2016).

Com isso, seu valor é mais restrito no que diz respeito as apresentações doutrinárias, concentrando-se mais em sua antiguidade, pois "contribuíram de forma notável para elucidar o conceito de fé e os costumes da Igreja que prevaleceram nas primeiras congregações" (HÄGGLUND, 2016, p. 13), além de tornar possível o vislumbre dos "problemas produzidos pelas divisões internas, pela perseguição e pelos conflitos tanto com o Judaísmo quanto com o paganismo" (GONZÁLEZ, 2015, p. 58 – 59).

Fazem parte desse conjunto de obras os seguintes escritos:

1. A Primeira Epístola de Clemente, escrita em Roma, por volta de 95;
2. As Epístolas de Inácio; sete cartas a vários destinatários, escritas por volta de 115, durante a viagem de Inácio à Roma, e para sua morte de mártir já prevista;
3. A Epístola de Policarpo, escrita em Esmirna, por volta de 110;
4. A Epístola de Barnabé, provavelmente escrita no Egito, por volta de 130;
5. A Segunda Epístola de Clemente, escrita em Roma ou Corinto, por volta de 140;
6. O Pastor de Hermas, escrito em Roma, por volta de 150;
7. Fragmentos de Papias, escrito em Hierápolis, na Frígia, por volta de 150, citado nas obras de Eusébio e Irineu (entre outros);

8. A Didaché (“Os Ensinamentos dos Doze Apóstolos”), escrita na primeira metade do século II, provavelmente na Síria[4]; e

9. A Epístola da Diogneto.

Exceto pela última, todas as outras obras foram endereçadas a outros cristãos. É possível perceber por meio desta lista, que há uma predominância no gênero literário epistolar. Pandovese (2015, p.28) explica essa tendência com as seguintes palavras: “o exemplo de Paulo torna-se normativo na Igreja primitiva, na qual, o gênero literário epistolar acaba por ser o preferido”. Ele também menciona que era costume das primeiras comunidades cristãs se reunirem e transmitirem essas cartas entre si:

> Foram sobretudo as comunidades cristãs que reuniram as cartas e as transmitiram como expressão de comunhão e de um “patrimônio comum” a ser compartilhado: cartas de uma Igreja à outra de teor predominantemente dogmático ou eclesial, ou às vezes cartas de ilustres personalidades cristãs (PANDOVESE, 2015, p. 28).

Apesar da predominância do gênero epistolar, havia outros gêneros, como um “manual de disciplina, um tratado exegético e teológico, uma coleção de visões e profecias e uma defesa do Cristianismo” (GONZÁLEZ, 2015, p. 59).

De acordo com Hägglund (2016, p.14) a característica geral dessas obras foi o moralismo. O Evangelho era exposto como a nova Lei e a vida cristã correspondia à obediência a essa nova Lei. Ele explica o motivo dessa tendência da seguinte forma: “isso acontece em parte porque se dirigem a novas congregações cujos membros recentemente abandonaram o paganismo. Fazia-se necessário substituir seus antigos hábitos com praxe e costumes cristãos”.

Para os Pais Apostólicos a justiça correspondia à conduta cristã apropriada. Diferentemente dos escritos de Paulo, havia nos Pais Apostólicos pouca ênfase na justificação pela fé. O centro dessas obras não era a graça, mas a nova vida que Cristo ensinou e capacitou o cristão a viver. A salvação corresponderia ao conhecimento da verdade trazida por Jesus, pois ele era o “Revelador enviado por Deus a fim de que possamos conhecer o Deus verdadeiro e assim sermos libertos da servidão da idolatria e da falsa antiga aliança” (HÄGGLUND, 2017, p. 15) – uma alusão crítica a religiosidade greco-romana e ao judaísmo da época. Em outras palavras:

> Entre os Pais Apostólicos esse conceito neotestamentário de graça é substituído por outro, no qual a graça é considerada um dom que Deus outorga ao homem por intermédio de Cristo. Esse dom, que algumas vezes é situado na mesma categoria do conhecimento que chegou até nós mediante Cristo, é

[4] HÄGGLUND Bengt. *História da Teologia*. 8 ed. Trad. Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 2017, p. 13.

> imaginado como sendo um poder interno associado com o Espírito Santo, pelo qual o homem pode buscar a justiça e andar no caminho da nova obediência. A graça é, por conseguinte, o pressuposto necessário à salvação, mas não no sentido neotestametário – que a justiça é o dom de Deus outorgado aos que creem em Cristo. Os Pais Apostólicos, pelo contrário, dizem que a graça confere poder pelo qual o homem pode alcançar a justiça e, afinal, ser salvo (HÄGGLUND, 2017, p. 15-16).

Tudo isso mostra que apesar da proximidade temporal entre o Novo Testamento e os Pais Apostólicos, o segundo apresentou uma mudança de ênfase em comparação com o primeiro. Hägglund (2017, p.16) explica essa mudança aludindo ao fato de que os autores desses escritos buscavam "providenciar uma influência que contrabalanceasse a moralidade pagã que dominava o ambiente no qual viviam as pessoas a quem esses escritos eram dirigidos".

Seguindo uma teologia de símbolos – característico da teologia cristã desse período –, apresentado um caráter pastoral nessa teologia e com objetivos exortativos, essas obras construíram representações sobre Deus, sobre Cristo, sobre a ressurreição, sobre a Igreja, sobre o martírio, sobre o mundo, sobre a ordem cosmológica e sobre o tempo, com o objetivo de adaptar à nova religião ao contexto no qual estava inserida e expressá-la em diferentes linguagens, "mesmo defendendo um axioma difícil de aceitar, tanto internamente como no diálogo *ad extra*, ou seja, 'a salvação vem dos judeus' (Jo 4, 22)" (PANDOVESE, 2015, p. 151). A partir dessas representações é possível que os pesquisadores atuais compreendam parte do Cristianismo Primitivo e sua relação com o mundo greco-romano. A análise dessas representações é o que ocupa o próximo capítulo.

2.3.8 Conclusão

O cristianismo caminhou de uma seita judaica para uma religião de Estado. No caminho enfrentou ameaças externas**,** como as perseguições imperiais, e internas, como as heresias. No percurso, por meio desses enfrentamentos, foi sistematizado sua teologia. Os responsáveis pelo desenvolvimento inicial dessa teologia foram chamados de Padres ou Pais. Eles produziram muitas obras depois do Novo Testamento. Dessas, as mais antigas receberam o título de Pais Apostólicos.

Nesses escritos, encontram-se as representações que as primeiras comunidades cristãs criaram a respeito de elementos de sua fé, como Deus, Cristo, ressurreição, Igreja, martírio, mundo, ordem cosmológica e tempo. Essas representações ajudaram os primeiros cristãos a explicarem sua existência e conviverem com aquele mundo. E essas

mesmas representações permitem aos pesquisadores atuais compreenderem o cristianismo originário e sua relação com a sociedade na qual estava inserido. Essa será a proposta do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3
OS ESCRITOS DOS PAIS APOSTÓLICOS: UMA ANÁLISE

"Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. [...] A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo".

Carta a Diogneto 6.1 e 7[5].

Os estudos sobre a religião no Brasil têm apresentado um novo enfoque que destaca a relação entre religião e linguagem. Pode-se perceber essa tendência nas palavras de Nogueira (2015, p. 7) onde ele menciona que "os estudos de religião no Brasil, em especial nos programas de Ciências da Religião, tem descoberto um renovado interesse pelas relações entre linguagem e religião, ou, se quisermos colocar de outra forma, pela religião como uma forma de linguagem". Essa nova perspectiva sobre a religião permite a elaboração de uma definição e o seu estudo por meio de novas abordagens[6].

Corroborando com essa perspectiva, Theissen apresenta uma definição – que não é a única possível – seguindo essa nova abordagem:

> Ora, nas Ciências da Religião, de modo geral, discute-se o que venha a ser precisamente religião. A definição que se segue não pode e não pretende reivindicar ser a única definição possível; ao contrário, que ela, dentro do espectro de definições possíveis, não apresenta nenhuma formulação extremista: Religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última. A primeira parte da definição diz o que é a religião: a saber, uma linguagem cultural de sinais (THEISSEN, 2009, p. 13)

Para ele, o sistema religioso de sinais caracteriza-se pela combinação de três elementos: mito, rito e etos. O primeiro, correspondendo as explicações, em forma de narrativa, daquilo que determina fundamentalmente o mundo e a vida; o segundo correspondendo aos padrões de comportamento repetitivos com os quais as pessoas interrompem suas atividades cotidianas, a fim de apresentar a outra realidade significada no mito; e o terceiro correspondendo ao comportamento ético, que pode, em extensão diversa, ser integrado na linguagem religiosa de sinais. Segundo ele, esses elementos se

[5] FRANGIOTTI, Roque. Epístola a Diogneto. In _____. *Padres Apologistas*. 5 ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2018, pp. 23 e 24.

[6] É importante lembrar que a religião possui outras definições possíveis, que vem sendo aplicadas desde o momento em que ela passou a ser abordada em termos científicos. C.f. BUARQUE, Virgínia A. Castro; ALVES, Herinaldo de Oliveria. *As especificidades do religioso na história das igrejas cristãs:* uma interface entre história e teologia. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano I, n. 3, p. 79 – 94, jan. 2009.

ligam dessa maneira apenas na religião (THEISSEN, 2009, pp. 14 e 16). Nogueira se aproxima dessa perspectiva, porém, com uma ênfase maior nos mitos e metáforas:

> As tradições religiosas versam sobre o mundo basicamente de duas formas: por meio de narrativas labirínticas e de imagens fantásticas. Trata-se do mito e das metáforas religiosas. [...] Narrativas e metáforas se unem para formar as representações labirínticas das linguagens da religião. [...] Trata-se de uma experiência cognitiva ímpar que nos conduz a uma abordagem nova do mundo (NOGUEIRA, 2009, p. 117 – 118).

Em outras palavras: é por meio da utilização de uma forma imaginativa (mitos e metáforas) que a religião versa sobre o mundo (NOGUEIRA, 2015, p. 115).

Os dois autores também se aproximam na explicação da razão pela qual as linguagens religiosas privilegiam o uso dessa forma imaginativa (mitos e metáforas) em suas explicações sobre a realidade:

> O ser humano não pode existir em seu ambiente tal qual o encontra. Ele precisa modificá-lo. De um lado, ele faz isso mediante o trabalho e a técnica e, de outro lado, mediante a interpretação. A compreensão do mundo dá-se por meio de um sistema de interpretação (THEISSEN, 2009, p. 14).

Nogueira (2015, p. 120), por sua vez, afirma que as representações religiosas "são formas de apropriação do mundo, de humanização simbólica do mesmo."

Isso quer dizer que para ambos os autores, é característico do ser humano interpretar ou dá sentido à realidade e ao mundo. E a linguagem religiosa é uma das formas, pelas quais, os ser humano faz essa interpretação, atribuindo sentido à sua realidade.

O segundo autor, porém, vai além nessa questão. No livro *Religião e Linguagem: abordagens teóricas e interdisciplinares,* no quarto capítulo intitulado *Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo,* ele aborda o tema da fantasia e imaginação das tradições religiosas em analogia com as formas artísticas (e literárias) de tratamento do real, pois para ele, representações religiosas e artísticas tem, por tanto, uma origem comum na história do *Homo sapiens:*

> O ser humano se constitui em sua origem como um ser de cultura, que passou a mediar o mundo por meio de uma "segunda realidade", a realidade simbólica, por meio da qual ele desenvolve a habilidade de relacionar coisas ausentes, de criar conexões imaginárias entre objetos, seres e situações. Essa capacidade elementar de simbolizar, desenvolvida em relação à aquisição da linguagem, conduziu à e, ao mesmo tempo, foi impulsionada pela origem da cultura humana no Paleolítico Superior por meio de formas religiosas e artísticas elementares [...] (NOGUEIRA, 2015, p. 119).

Isso quer dizer que a fim de interpretar e dá sentido à realidade, o ser humano cria uma segunda realidade, de caráter simbólico; e esse último aspecto é análogo à linguagem religiosa e à linguagem artística e literária.

Seguindo esse raciocínio, Nogueira apontou a ficcionalidade como conceito central nesse processo de criação de uma realidade simbólica, estando "no cerne da imaginação religiosa e literária"; no entanto, é importante destacar que ele buscou superar a noção de ficção e de realidade presentes no senso comum. Segundo ele, o senso comum considera "o mundo real como equivalente ao visível, material e verificável" e define a ficção "como o que não existe, o que é inventado, ou como mentira". Ele diz que essa perspectiva desconsidera o fato de que "o conceito de realidade também é construído historicamente". Sendo assim, ficcionalidade, para ele, corresponde a uma "forma de conhecimento de mundo" que o torna compreensível e, nesse sentido é que a ficcionalidade da religião é análoga à ficcionalidade literária (NOGUEIRA, 2015, pp. 120, 123 e 125).

Apoiando-se nessa perspectiva, ele diz que "a realidade é basicamente um fluxo caótico e amorfo de eventos. Nós a ordenamos por meio de modelos de interpretação, que tomamos por realidade" (NOGUIRA, 2015, p. 125). E é por meio da religião, arte e literatura que o ser humano constrói esses modelos de interpretação da realidade.

Tratando especificamente da religião, Nogueira afirma que o seu caráter ficcional se encontra no fato de que ela "tem uma dificuldade fundamental para falar sobre o real e sobre o mundo cotidiano", apresentando por isso, "uma resistência ao tratamento convencional da realidade". Por isso, para falar sobre o mundo e a realidade, as linguagens religiosas "discursam sobre mundos, personagens e ações imaginários e fantásticos". Com isso, "as estruturas imaginárias religiosas ainda nos fornecem modelos, esquemas e repertórios que ajudam a conceber e modelar a realidade" (NOGUEIRA, 2015, pp. 116, 117 e 137). Por isso, essa característica aproxima a ficcionalidade religiosa da ficcionalidade artística e literária.

Portanto, o argumento de Nogueira é que "o conhecimento humano repousa em grande medida sobre modos ficcionais de apreensão e construção do mundo" e que "as linguagens da religião se constituem num grande sistema ficcional de conhecimento do mundo e de nós mesmos" (NOGUEIRA, 2015, p. 124).

Dentro dessa perspectiva, a religião não seria abordada "como um conjunto de dogmas ou realidades transcendentes", mas "como um sistema expressivo, como um sistema de linguagem, composto por estruturas narrativas, metafóricas e gestuais", devendo ser analisada mediante uma abordagem "semiótica e cognitiva" (NOGUEIRA, 2015, pp. 120 e 123); portanto, essa pesquisa utilizará a perspectiva de abordagem do Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem.

3.1 A abordagem do Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem

Anteriormente foi dito que, por meio da linguagem e da cultura, o ser humano busca dá sentido à realidade, ou, em outras palavras, é mediante esses discursos que permeiam a sociedade que o ser humano apreende o mundo; portanto, o sentido da realidade é uma construção social e cultural. Os textos e símbolos religiosos tem uma grande participação nessa constituição, pois as estruturas imaginárias religiosas "nos fornecem modelos, esquemas e repertórios que ajudam a conceber e modelar a realidade" (NOGUEIRA, 2015, p. 137).

Essa característica da religião permite que ela seja estudada como um sistema de linguagem. A pesquisa sobre o Cristianismo Primitivo pode seguir essa abordagem, pois a vasta produção literária produzida nos primórdios dessa religião possui um potencial de criação de modelos de compreensão e imaginação do mundo. Essa criação de modelos de compreensão e imaginação do mundo é possível devido ao caráter imaginativo e ficcional dos textos religiosos, característica análoga entre a literatura religiosa e literária, onde os "os produtos ficcionais religiosos podem servir para questionar os modelos de realidade de uma dada cultura, mostrar que são apenas construções, que seus modelos podem ser invertidos, e podem propor novas percepções de construções de mundo" (NOGUEIRA, 2015, p. 140).

Foi esse exercício que os documentos do Cristianismo Primitivo fizeram dentro da sociedade greco-romana, permitindo, em sua opinião, um ágil diálogo cultural que acabou promovendo uma rápida e eficiente inserção da nova religião no mundo mediterrâneo (NOGUEIRA, 2015).

Esse processo de inserção aconteceu, em grande medida, por causa do conjunto de códigos (gestual, metafórico, de sistemas narrativos, dentre outros) que o Cristianismo Primitivo transmitiu aos seus adeptos, não exclusivamente, mas principalmente, por meio de sua literatura. Esses elementos teriam sido articulados como um sistema de linguagem. Por meio desse sistema foi comunicado práticas, memórias, ensinos e modelos de administração que permitiu às primeiras comunidades cristãs se manterem unidas mediante a produção de códigos visuais, rituais, de práticas sociais e intensa produção textual (NOGUEIRA, 2018, pp. 34 e 38).

A fim de examinar o Cristianismo Primitivo como um sistema de linguagem é necessário se debruçar sobre a sua produção literária, pois "infelizmente não restaram vestígios sobre o Cristianismo Primitivo na cultura visual, em seus artefatos, arquitetura e de outras produções materiais nos séculos I e II"; mas, por outro lado, o Cristianismo Primitivo deixou um acervo considerável de textos escritos, ricos na variedade de gêneros literários, em linguagem e em imaginação narrativa. Essa riqueza se deve a adaptação de gêneros helenísticos e judaicos que geraram uma intensa rede textual por meio da qual os cristãos expressaram sua visão de mundo (NOGUEIRA, 2018, pp. 34, 35 e 37). Nesse sentido:

> O Cristianismo Primitivo apesar de ser um fenômeno cultural, social e religioso do Império Romano, não podendo ser estudado isoladamente em relação a este, também desenvolve um sistema semiológico próprio, mesmo que em tensão com as vertentes centrais da cultura. Ele se porta como uma realidade social a partir de uma nova semântica e de novas formas de versar sobre o mundo (NOGUEIRA, 2018, p. 42).

Seguindo essa perspectiva, a análise a seguir não abordará dogmas ou sistemas teológicos, "mas sim as linguagens religiosas como formas privilegiadas de representação do mundo e da experiência com o sagrado" que se expressam em suas formas narrativas e em suas metáforas recorrentes (NOGUEIRA, 2015, p. 120).

Conforme estabelecido na introdução, as fontes utilizadas serão os Escritos dos Pais Apostólicos, corpo documental produzidos por lideranças das primeiras comunidades cristãs entre os anos 90 e 150. Apoiada nessa perspectiva sobre a ficcionalidade, tratada como "um processo narrativo por meio do qual textos orais e literários jogam com tradições e normas de uma dada sociedade", será analisada o caráter imaginativo e ficcional que perpassa essas fontes a fim de compreender as formas de apreensão de mundo do Cristianismo Primitivo daquele período, a partir do "estudo de categorias mais específica ao grupo, que lhe destacam a marginalidade" tais como as representações de Deus, de Cristo, da ressurreição, da igreja, do martírio, do mundo, das religiões mediterrâneas, do tempo presente e do por vir, construídas pelas primeiras comunidades cristãs e que se acham presentes nesses documentos (NOGUEIRA, 2018, pp. 42 e 41).

O caráter imaginativo e ficcional pode constituir um problema para uma historiografia tradicional, mas se baseia num espaço privilegiado de estudo na perspectiva de uma história cultural que é a dimensão seguida neste trabalho, em cujo primado do narrativo, do ficcional e do imaginativo sobre o doutrinário é um critério fundamental, pois, mediante esses elementos é que os documentos do Cristianismo Primitivo

construíram as representações que lhe permitiram apreender o mundo e a realidade a sua volta. Passemos à análise.

3.2 Uma análise dos escritos dos *Pais Apostólicos*

Antes de passar para a análise propriamente dita é necessário falar do contexto no qual a primeira literatura cristã depois do Novo Testamento foi produzida.

No começo da era cristã, a escrita já contava com um avançado desenvolvimento. Todas as linguagens religiosas, inclusive a do cristianismo, usavam algum tipo de alfabeto, "na sua maioria derivadas do antigo alfabeto fenício" (GONZÁLEZ, 2020, p. 19). Ao lado dos vestígios arqueológicos, essa literatura produzida pelas primeiras comunidades cristãs, escrita originalmente em grego *koiné*, permitiu ampliar o conhecimento sobre a época de formação dessa religião.

A primeira literatura cristã depois do Novo Testamento foram os escritos dos Pais Apostólicos. Esse corpo documental escrito em diferentes gêneros, apresentou a predominância do gênero epistolar:

> Numa época em que a transmissão da mensagem cristã era eminentemente oral, a carta servia para substituir a comunicação oral quando remetente e destinatário estavam separados. As primeiras cartas cristãs não foram escritas para os pósteros, mas para servirem às exigências do momento (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 32).

A citação esclarece que a carta foi o gênero que substituiu a comunicação oral da mensagem cristã e que estava voltada para as exigências do momento. Por causa desse último aspecto, elas contribuem para o conhecimento da fé e da vida no seio das primeiras comunidades cristãs, além dos desafios por elas enfrentados. Algumas dessas cartas (por apresentar elementos homiléticos) podem ser consideradas homilias que deveriam circular entre as igrejas, espalhando a mensagem cristã por diversos lugares; algumas dessas obras apresentavam em seu conteúdo certas peculiaridades, onde "boa parte dos materiais sermonários da antiguidade apresentam-se em documentos que incluem visões, sonhos e outros elementos semelhante" (GONZÁLEZ, 2020, p. 18).

Mas outras necessidades que foram aparecendo na igreja emergente ao longo do tempo, impulsionou a criação de outros tipos de gêneros, dando origem a uma literatura ampla e variada; por exemplo, por não haver uma clara organização eclesiástica, começou a ser produzido manuais de instruções, dotados de conselhos, diretrizes e exortações morais a fim de regular o governo das igrejas e o culto. Além disso, as perseguições por

parte do poder estatal, “cuja forma legal e oficial ainda estava em processo de desenvolvimento, pairava sobre a igreja (GONZÁLEZ, 2020, p. 25).

Havia também acusações por parte dos pagãos e internamente havia divisões e divergências de opiniões, onde esse contexto induziu às igrejas a desenvolverem o gênero apologético. Essas defesas da fé apareceram no século II e continuaram durante outros momentos na história do cristianismo. Ao lado desse gênero surgiu também as “atas” de martírios, que circulavam amplamente entre as primeiras comunidades, já que as perseguições produziram o suplício de cristãos e esses personagens passaram a ser considerados heróis da fé

Com relação a doutrina, esses documentos não ofereceram nenhuma sistematização, pois na época de sua produção não havia parâmetros para distinguir entre ortodoxia e heresia. Eles não podem ser considerados, portanto, como um sistema de doutrinas. No entanto, essas obras foram responsáveis por apresentar uma espécie de ensaio doutrinal, principalmente para o combate dos ensinamentos heréticos.

Foi a partir dessas necessidades enfrentadas entre o final do século I e meados do século II, que as comunidades cristãs produziram esse conjunto literário que recebeu o nome de Pais Apostólicos e que é formado pelas seguintes obras: Epístolas de Clemente de Roma, Epístolas de Inácio de Antioquia, Epístolas de Policarpo, Epístola de Barnabé, A Didaquê, Fragmentos do Papias de Hierápolis, Epístola a Diogneto e O Pastor de Hermas.

Tudo o que foi exposto até aqui, permite concluir que esse corpo documental possui uma relevância para o conhecimento do cristianismo das origens. Além disso, seu caráter assistemático – do ponto de vista doutrinal – e o uso de elementos como visões e sonhos em seu conteúdo, torna-o um espaço privilegiado para o estudo das formas de apreensão de mundo do Cristianismo Primitivo na perspectiva de uma história cultural (NOGUEIRA, 2015). Essa será, portanto, a análise feita logo a seguir.

3.2.1 Análise dos escritos de Clemente de Roma

Existem poucas informações sobre Clemente. Escritores antigos como Orígenes e Eusébio, o identificaram como colaborador do trabalho pastoral de Paulo, descrito em Filipenses 4.3; outros apontaram relações entre ele e Pedro.

Por conta dessas supostas relações com os apóstolos, paulatinamente foram atribuídas a ele outras literaturas, como a Epístola aos Hebreus, por exemplo, e alguns acontecimentos extraordinários, como os conflitos com Simão Mago. O certo é que Clemente foi bispo de Roma no final do século I (GONZÁLEZ, 2020) e "o único texto que pode ser historicamente relacionado com ele é conhecido como *Primeira Epístola de Clemente*" (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 158); apesar disso, a pesquisa analisará os dois escritos que tradicionalmente são atribuídos à ele.

Começando pela *Primeira Epístola de Clemente (*com relação à sua autoria), onde Clemente não é mencionado como autor, mas o escrito "apresenta-se como uma carta da igreja em Roma à de Corinto" (GONZÁLEZ, 2020, p. 31), e que, "o estilo e a unidade do pensamento pressuponham a personalidade de um autor, que poderia ter sido um Clemente" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 161), a quem a epístola foi atribuída.

Conforme González (2020), as poucas informações sobre Clemente, somados aos indícios internos da própria carta, permitem datá-la pelos anos 95 e 96 d. C. Esse escrito traz as marcas do estilo epistolar, onde o autor faz constantes referências ao Antigo Testamento, utilizando a tradução grega (Septuaginta) e outros escritos judaicos, mas emprega recursos da retórica grega em sua argumentação e formas: Com relação as várias formas que aparecem na carta:

> No interior da carta, apresenta-se uma variedade de formas: afinidades com a homilia sinagogal, em particular em 4-38 com os exemplos de virtudes e vícios (e cf. 45; 55); afinidades com a diatribe cínico-estóica (exemplos tirados da vida militar, do corpo humano: 37-38); exegese moralizante (por exemplo 13-16; 56) parêneses; oração litúrgica (59,3-61,3) (MORESCHINI & NORELLI, ano 2014, p. 159-160).

Essa característica permite perceber, que o autor dominava tanto a tradição hebraica quanto os termos da cultura helenística, além de apontar para o fato de que em Roma, o cristianismo estava alcançando os judeus procedentes do oriente de língua grega:

> O autor, sem ser um judeu-cristão, atesta um cristianismo fortemente arraigado na tradição teológica e exegética do judaísmo da diáspora; maneja a retórica e a filosofia popular do helenismo, mas de um modo que pode muito bem ser-lhe mediado pela sinagoga helenística (MORESCHINI E NORELI, 2014, p. 160).

Ainda conforme os autores, o que motivou a produção da carta foi "a deposição dos presbíteros em Corinto (44,3; 47,6), sem que fossem, no entanto, acusados de alguma culpa em particular (44, 3-6)" (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 160), indicando assim, que "a Igreja em Corinto não tinha solucionado os conflitos e as contendas que estão ressaltados na correspondência de Paulo com ela" (GONZÁLEZ, 2020, p. 31); em

vista disso, foi produzida uma epístola de caráter pastoral e exortativo. Mas quais elementos ficcionais, imaginativos ou narrativo podem ser percebidos nesse documento que permitem perceber as formas de apreensão de mundo dos cristãos que viveram no final do século I? É o que será analisado a seguir.

A fim de superar as disputas e promover a unidade no meio da comunidade, o autor os exorta a seguirem a paz e a harmonia, usando a criação de Deus como modelo dessas virtudes. Na apresentação desse exemplo modelar, ele usa uma espécie de "cosmologia" cristã, que explicava a organização do universo da seguinte forma:

> Os céus movimentam sob sua direção e pacificamente a ele obedecem. Dia e noite percorrem sua rota que lhes determinou sem nenhuma interferência mútua. O sol, a lua e as constelações de estrelas deslizam harmoniosamente em suas rotas predeterminadas às suas ordens e sem nunca sofrer nenhum desvio. Por vontade dele e sem discórdia ou alteração nenhuma de seu decreto a terra torna-se frutífera nas épocas adequadas e produz alimento abundante para homens e animais e todos os seres que nela vivem. As insondáveis, abissais profundas e as indestrutíveis regiões do mundo inferior estão sujeitas aos mesmos decretos. A bacia do mar sem fim por disposição dele está construídas para conter o acúmulo das águas, de modo que o mar não ultrapasse as barreiras que o cercam, mas se comportem exatamente como ele determinou. Pois ele disso: "Até aqui você pode vir, além deste ponto não; aqui faço parar suas ondas orgulhosas" (Jó 38.11). O oceano que o homem não consegue cruzar, e os mundos além dele, são governados pelos mesmos decretos do Mestre. As estações – primavera, verão, outono e inverno – se sucedem pacificamente. Os ventos de seus diferentes pontos cumprem suas tarefas no tempo apropriado e sem dificuldade. Fontes perenes, criadas para o prazer e a saúde, nunca deixam de oferecer seus seios que dão vida ao homem. As menores criaturas convivem em harmonia e paz. Todas essas coisas o grande Criador e Mestre do universo determinou que existissem em paz e harmonia. Assim ele derramou suas bênçãos sobre todas elas, mas de modo mais abundante sobre nós que nos refugiamos em sua compaixão por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja atribuída glória e majestade para todo o sempre. Amém (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 20.1 – 12)[7].

Os elementos de uma cosmologia cristã estão bem presentes aqui, ou seja, Deus como um projetista que criou todas as coisas do nada, de forma sobrenatural. Cada elemento desse universo criado desempenha a função para qual foi formado, seguindo harmoniosamente o ciclo estabelecido por seu criador. As referências aos relatos da criação presentes no Antigo Testamento são evidentes.

O uso dessa "cosmologia" tinha por objetivo apontar para a ordem existente no universo como modelo para a ordem que deveria existir, tanto na sociedade quanto na igreja; mas para que uma perfeita harmonia fosse alcançada seria necessário que a ordem estabelecida seguisse uma hierarquia. O autor, se assemelhando ao apóstolo Paulo, faz

[7] MATOS, Alderi Souza de. In _____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 21.

uso da analogia do exército e do corpo humano como arquétipos dessa harmonia que advém da hierarquia:

> Nem todo mundo é general, coronel, sargento, e assim por diante. Mas cada um por sua vez executa as ordens do imperador e dos generais. Os grandes não podem existir sem os pequenos, nem os pequenos sem os grandes. Todos estão interligados, e isso é uma vantagem. Tomemos, por exemplo, nosso corpo. A cabeça não pode prescindir dos pés. Nem, de modo semelhante, podem os pés seguir vivendo sem a cabeça. "Os membros do corpo que parecem mais fracos são indispensáveis" (1 Co 12.22), e são valiosos para o corpo inteiro. Sim, eles todos agem harmoniosamente e estão unidos em singular obediência à totalidade do corpo (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 37.3-5)[8].

A partir dessa comparação, percebe-se que o autor considerava a característica hierárquica da sociedade greco-romana como algo natural e até necessário para a manutenção da ordem e da harmonia social. Era natural existir o senhor e o servo, o pequeno e o grande. Cada um deles, apesar de terem seus próprios papéis sociais, estavam interligados, de modo que a sociedade só funcionaria bem se houvesse a cooperação de ambos. E essa harmonia oriunda de uma hierarquia natural, presente tanto no cosmos como na sociedade humana, deveria estar presente também na igreja.

Pode-se dizer, então, que o objetivo dessa analogia era construir uma ideia de cristão como aquele que tem um espírito manso e humilde, e não vive se rebelando contra as autoridades, mas satisfeito com sua condição, contribuindo assim com a harmonia que deveria existir na comunidade cristã. Esse estilo de vida manso, humilde, satisfeito e obediente, seria recompensada com a ressurreição. Para falar sobre a ressureição, ensino que ocupa lugar central à fé cristã, mas que sofria desprezo por parte dos pagãos, o autor não sistematiza, mas continua com o uso de analogias. Duas simbologias são utilizadas: a analogia com a natureza e uma narrativa sobre a fênix (a ave lendária presente em algumas culturas antigas). Com relação a analogia com a natureza, ele segue o exemplo de Paulo, usando o universo agrícola como modelo:

> Tomem as safras como exemplo. Como e de que maneira se faz a semeadura? Sai o semeador e lança cada semente no chão. No chão as sementes estão secas e desprotegidas, e elas se deterioram. Mas depois a maravilhosa providência do Mestre as ressuscita de sua deterioração, e de uma única semente resultam muitas outras e dão muitos frutos (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE 24.4-5)[9].

Mas o autor supera o apóstolo, pois acrescenta na sua analogia um exemplo oriundo da ordem cósmica:

[8] Ibid., p. 27.
[9] Ibid., p. 23.

> Consideremos, amados, como o Mestre continuamente nos mostra que haverá uma ressurreição futura. Disso ele fez o Senhor Jesus Cristo o primeiro exemplo, ressuscitando-o dentre os mortos. Observemos, amados, a ressurreição nas estações naturais. O dia e a noite mostram a ressurreição. A noite passa e chega o dia. O dia vai embora e a noite volta (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 24.1-3)[10].

Essas duas analogias se aproximam do pensamento hebraico. Mas ele fecha os exemplos usando a narrativa sobre a fênix, um mito conhecido na sociedade greco-romana:

> Observemos o fantástico símbolo que vem do Oriente próximo de nós, isto é, da Arábia. Lá existe uma ave chamada fênix. É a única de sua espécie e vive quinhentos anos. Quando se aproxima o tempo de sua partida e morte, ela constrói um ninho funerário com incenso, mirra e outras especiarias; e quando chega a sua hora, ela entra no ninho e morre. Sua carne se decompõe produzindo um verme, o qual se nutre das secreções da criatura morta e desenvolve asas. Quando está plenamente desenvolvido, ele apanha o ninho funerário contendo os ossos de seu predecessor e consegue carregá-los da Arábia até a cidade egípcia de Heliópolis. E em plena luz do dia, para que todos possam ver, pousa no altar do sol e ali deposita os ossos; em seguida empreende a viagem de volta para casa. Os sacerdotes conferem então as datas em seus registros e descobrem que o fato se deu depois de um lapso de quinhentos anos (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 25.1-5)[11].

A partir desse último exemplo, pode-se perceber nesse trecho a apropriação de um elemento da cultura popular mediterrânea para explicar uma crença fundamental para o cristianismo. O mito da fênix pode ser considerado como cultura popular por causa, dentre outros pressupostos, de seu caráter não sistemático, mas antes de tudo, fortemente metafórico e narrativo e de ampla circulação, cruzando fronteiras e influenciando amplos setores da sociedade. O trecho mostra também outro pressuposto da cultura popular, o fato de que ela "coexiste com a retórica de exclusividade de grupos religiosos". Foi o que aconteceu nesse exemplo de apropriação, pois a retórica de exclusividade do cristianismo que "propunha reformas e mudanças de paradigma em sua sociedade" não o isentou de "processos sincréticos na sociedade, no âmbito da cultura popular" (NOGUEIRA, 2018, pp.59-61).

O uso dessas analogias tinha dois objetivos: primeiro, construir, a partir da crença na ressurreição, a ideia de um renascimento, de uma vida a partir da morte. Essa ideia corrobora com a caracterização que o cristianismo faz do tempo presente, como tempo escatológico, pois, segundo a fé cristã, esse tempo presente estaria morrendo e em breve, daria lugar à um novo tempo, um tempo de "imortalidade e indestrutibilidade" (HÄGGLUND, 2016, p. 15); em segundo lugar, a ressurreição poderia ser deduzida a

[10] Ibid., p. 23.
[11] Ibid., p. 23.

partir de exemplos encontrados no cosmos, na agricultura e até mesmo na cultura pagã, sendo por isso, uma crença razoável que merecia toda a credibilidade. Rejeitar a ressurreição, seria rejeitar a concepção escatológica do tempo presente.

Essa vida a partir da morte foi alcançada por meio do sacrifício e da ressurreição de Jesus. Cristo, então, é representado como o Servo Sofredor. Essa crença, que originalmente surgiu no meio do judaísmo e que foi apropriada pelo cristianismo, apregoava a salvação de muitos (igreja) por meio do sofrimento de um (Jesus). A fim de fortalecer o seu argumento, o autor faz alusão as ações sacrificiais praticadas por alguns reis pagãos, voltando a usar elementos culturais mediterrâneos para defender uma crença cristã:

> Tomemos alguns exemplos pagãos. Em tempos de peste muitos reis e governantes, instigados por oráculos, entregaram-se à morte para resgatar seus súditos com seu próprio sangue. Muitos deixaram suas cidades para pôr fim a uma revolução (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 55.1)[12].

Toda essa obra encontra seu fundamento em Deus. O autor não faz um discurso sistemático sobre a divindade, mas por meio de uma oração que aparece no final da carta é que se pode entender o conceito de Deus presente nesse escrito:

> [...] [Ó Deus, tu] abriste "os olhos do coração" (Ef 1.18) para que nós entendêssemos que apenas tu és o mais alto dos altíssimos, e sempre permaneces santo entre os santos. Tu humilhas o orgulho do arrogante, anulas os planos das nações, exaltas os humildes e humilhas os orgulhosos. Tu fazes ricos e fazes pobres; tu matas e trazes de volta à vida; somete tu és o guardião dos espíritos e o Deus de toda a carne. Tu enxergas nas profundezas: tu avalias os feitos dos homens; tu ajudas os que correm perigo e salvas os que estão em desespero. Tu és o Criador de todos os espíritos e zelas por eles. Tu multiplicas as nações da terra, e dentre todas elas escolheste aquelas que te amam por meio de Jesus Cristo, o teu amado Filho. Por meio dele tu nos educaste, fizeste-nos santos e nos honraste (PRIMEIRA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 59.3)[13].

Percebe-se, a partir desse trecho, que para construir sua noção a respeito da divindade, o autor baseou-se na ideia de Deus encontrada no Antigo Testamento (HÄGGLUND, 2016, p. 17): o único, criador de todas as coisas e governante supremo de todas as circunstâncias que ocorrem no universo. Essa noção faz jus ao título que ele empregou durante todo o conteúdo da carta: o Mestre, que algumas vezes variou para o Mestre do universo. Tudo isso, permite a conclusão de que a concepção de Deus apresentada pelo autor foi a de um projetista de um plano que envolvia tanto a criação e a manutenção do universo e de todos os seres que o compõe quanto a salvação da igreja.

[12] Ibid., p. 33.
[13] Ibid., pp. 35-36.

Essa noção a respeito da divindade se assemelha a noção platônica do *demiurgo*, que era bem conhecida na sociedade greco-romana.

A fama de Clemente na igreja antiga fez com que outros escritos fossem atribuídos a ele, dentre os quais, o próximo documento que será analisado*: a Segunda Epístola de Clemente*.

Esse documento não é de autoria de Clemente e nem se trata de uma carta, mas de um sermão ou homilia. Corroborando com esse último aspecto, "embora contenha algumas características da 'carta de informação' (por exemplo, 'sabei': 5,5; 9,2; 16,3), o escrito não é uma epístola, mas uma prédica". Esse documento procede de Roma, "onde foi escrita e pregada até meados do século 2º" e que seu autor seria procedente do paganismo não tendo raízes profundas na tradição hebraica (GONZÁLEZ, 2020, p.35).

O motivo para o sermão teria sido o objetivo de "afastar os crentes da idolatria e da imoralidade" e combater o "indiferentismo ético" gerado pela convicção de salvação presente. Nesse documento, "a salvação não concerne unicamente à dimensão espiritual, mas toca no âmago das relações interpessoais e no uso dos bens" (GONZÁLEZ, 2020, p.35). Assim, "num ambiente em que a ascensão social e econômica é possível e procurada", o autor da carta "parece esforçar-se para dissuadir seu público do apego às riquezas" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 198-199). Sobre esse último aspecto os autores escreveram:

> Sua ideia-guia parece ser, como foi dito, a seguinte: a salvação realizada por Deus mediante Jesus Cristo é um dom imenso; os salvos devem responder com um "contracâmbio" (*antimisthia:* 1,3.5; 9,7) que consiste na penitência entendida como obediência aos mandamentos, em primeiro lugar castidade e prática de boas obras na comunidade cristã (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 198).

Essa perspectiva da carne (corpo, matéria) como lugar da salvação recebida e da recompensa final, devendo, portanto, ser respeitada, se refletiu na maneira como o autor elaborou sua concepção acerca da igreja:

> Assim, meus irmãos, fazendo a vontade de Deus nosso Pai, nós pertenceremos à primeira Igreja, a Igreja espiritual, que foi criada antes do sol e da lua. [...] Não suponho que vocês não saibam que a Igreja viva é o corpo de Cristo. Pois a Escritura diz: "Deus criou o homem, homem e mulher os criou" (Gn 1.27). O homem é Cristo; a mulher é a Igreja. Além disso, a Bíblia e os apóstolos dizem que a Igreja não se limita ao presente, mas existiu desde o princípio. Pois era espiritual, assim como era o nosso Jesus, e tronou-se visível nos últimos dias para nos salvar. De fato, a Igreja que era espiritual tornou-se visível no corpo de Cristo, e assim ele nos mostra que se alguém de nós a preservar no corpo e não a corromper, essa pessoa receberá em troca o Espírito Santo [...] (SEGUNDA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 14.1-3)[14].

[14] Ibid., p. 43.

Usando uma interpretação alegórica do texto bíblico e elementos do dualismo platônico (como a noção de matéria como uma cópia do espírito), o autor cria a seguinte imagem: a igreja visível é na verdade uma cópia da igreja espiritual e invisível que foi criada antes do sol e da lua e que se tornou visível a partir da encarnação de Cristo. A igreja é, portanto, entendida como uma comunidade; mas essa comunidade transcende à assembleia local, pois ela é, na verdade, um reflexo da comunidade celestial. Por causa disso, quando alguém faz o bem à igreja visível (aos seus membros), este se tornará um pertencente da igreja invisível.

A fim de estimular os fiéis a apresentar um Deus que "consiste em honrá-lo não só com os lábios, mas obedecendo a seus mandamentos, isto é, beneficiando o próximo" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 198), mesmo que para isso tenha que enfrentar situações difíceis, o autor usa uma analogia da caminhada cristã como um treinamento para a vida superior:

> [...] Estamos envolvidos numa competição do Deus vivo e estamos sendo treinados pela vida presente para conquistar os lauréis na vida futura. Nenhum dos justos obteve a recompensa com rapidez, mas ele a aguarda. Pois se Deus concedesse aos justos sua recompensa imediatamente, nosso treinamento se transformaria em comércio direto, e não em piedade, porque teríamos uma aparência de retidão quando estaríamos visando não a religião, mas o lucro [...] (SEGUNDA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 20.2-4)[15].

A concepção da vida cristã como um treinamento é mais uma alusão da caracterização que o cristianismo faz do tempo presente como tempo escatológico. O presente é um treinamento, mas logo chegará o por vir, quando as recompensas pelo esforço do treino serão alcançadas. Entretanto, esse treinamento estaria próximo de chegar ao fim, pois a *parusia*, que traria o juízo final, estaria próxima de acontecer. Usando vários textos bíblico o autor cria uma pequena narrativa sobre como acontecerá a *parusia*:

> Pois o Senhor disse: "Virei ajuntar todas as nações e línguas" (Is 66.18). Isso se refere ao dia de seu aparecimento, quando ele virá par nos redimir, cada um de acordo com seus atos. E os descrentes verão sua glória e poder, e ficarão surpresos diante da soberania do mundo conferida a Jesus e dirão: "Ai de nós, pois tu de fato existias, e nós não reconhecemos isso nem cremos, e não obedecemos aos presbíteros que nos pregavam a salvação". E "o seu verme não morre, e o fogo não se apaga", e eles serão um espetáculo para toda a carne (Is 66.24; cf. Mc 9.48). Ele se refere ao dia do julgamento, quando os homens verão aqueles que em nosso meio eram ímpios e desvirtuaram os mandamentos de Jesus Cristo. Mas os justos que praticaram o bem e pacientemente suportaram torturas e detestaram os prazeres da alma, quando virem aqueles que agiram de modo errado e negaram Jesus em palavras e obras sendo punidos com tormentos terríveis e fogo inextinguível, darão glória ao Deus dos céus e

[15] Ibid., p. 45.

> dirão: "Há esperança para aquele que serviu a Deus de todo o seu coração" (SEGUNDA EPÍSTOLA DE CLEMENTE, 17.4-7)[16].

Nessa narrativa aparece vários elementos que exprimem as expectativas cristãs sobre o final dos tempos; nela, o autor expressou até mesmo os sentimentos tanto dos incrédulos como dos fiéis durante o julgamento último, criando, por meio de palavras, uma imagem desses acontecimentos que são centrais à escatologia cristã. Com esses estímulos destinados aos fiéis a carta é finalizada.

Outro Pai Apostólico que também fez uso do gênero epistolar e cujos escritos chegaram até os nossos dias foi Inácio de Antioquia. Suas obras serão analisadas a seguir.

3.2.2 Análise dos escritos de Inácio de Antioquia

Inácio foi bispo da cidade de Antioquia da Síria, condenado ao martírio, o qual deveria acontecer em Roma. No caminho rumo ao seu suplício teria escrito as sete cartas que chegaram aos nossos dias: as cartas aos Magnésios, aos de Trales, aos Efésios e aos Romanos, escritas em Esmirna e as cartas aos Filadélfos, aos de Esmirna e ao seu bispo Policarpo, escritas em Trôade (GONZÁLEZ, 2015, p.68). Corroborando com essa informação e baseando-se no antigo "historiador" da Igreja, Eusébio de Cesaréia:

> Eusébio de Cesaréia (*História da Igreja* III, 36, 5-11) menciona, pela época de Trajano (98-117), Inácio, segundo sucessor de Pedro como bispo de Antioquia, e expõe o quanto sabe dele: da Síria foi levado prisioneiro a Roma para sofrer o martírio e, atravessando a Ásia Menor encontrou representantes das igrejas daquela região, exortando-os a proteger-se das heresias que começavam a difundir-se e a ater-se à tradição dos apóstolos. Eusébio enumera em seguida sete cartas escritas por Inácio durante essa viagem: de Esmirna teria escrito a Éfeso, Magnésia, Trales, Roma; de Trôade teria escrito a Filadélfia, a Esmirna e, separadamente, ao bispo de Esmirna, Policarpo (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 162).

O objetivo do autor era proteger as igrejas das heresias "por causa dos falsos mestres que deturpavam o que Inácio acreditava ser a verdade essencial do Cristianismo, preservar sua unidade e animar e fortalecer às comunidades diante das perseguições" (GONZÁLEZ, 2015, p. 68); para isso, seguiu o "formulário epistolar com seu elaborado prescrito e as saudações finais" e usou "ao meios da retórica asiática, corrente em seu tempo", "rico de construções sintaticamente ousados, anacolutos, metáforas e analogias" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 166-167).

[16] Ibid., pp. 44-45.

A heresia combatida por Inácio era de tendência doceta. Os docetistas criam na ideia platônica da oposição entre a matéria e o espírito, na qual a primeira seria má e o segundo seria bom; por isso, afirmavam que Jesus tinha apenas um corpo aparente. Assim, a encarnação, a morte e a ressurreição não aconteceram realmente. A fim de combater esse ensino, o autor apresentou em suas epístolas diversas confissões de fé que podem ser considerados como proto-credos, como, por exemplo, o que aparece na Carta aos Esmirniotas:

> [...] A respeito de nosso Senhor, vocês estão absolutamente convencidos de que, do lado humano, ela realmente descendeu da linhagem de Davi, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, de fato nascido de uma virgem, batizado por João, para que toda a justiça pudesse ser satisfeita por ele, e que ele foi realmente crucificado fisicamente, sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes. (Nós somos parte de seu fruto que se originou em sua santíssima Paixão.) E assim, por sua ressurreição, ele ergue um estandarte para reunir seus santos e fiéis para sempre – judeus ou gentios – num só corpo de sua Igreja (CARTA AOS ESMIRNIOTAS, 1)[17].

Esses proto-credos, como o exemplificado acima, na busca por afirmar a encarnação, paixão e ressureição física de Jesus, constituíram verdadeiras narrativas contendo o resumo da vida de Cristo e o significado desses acontecimentos segundo a perspectiva das primeiras comunidades cristãs. Eles são narrativas das ações de Cristo no mundo. Para afirmar a encarnação de Jesus diante da negação docetista, o autor usou além dos proto-credos, a seguinte narrativa a respeito do Natal:

> Ora, a virgindade de Maria e seu parto não foram percebidos pelo príncipe deste mundo, como aconteceu com a morte do Senhor – esses três segredos clamando por divulgação, mas operados no silêncio de Deus. Como, então, foram eles revelados ao mundo? Uma estrela surgiu no céu, mais brilhante que todas as outras. Sua luz era indescritível, e sua novidade causou espanto. As outras estrelas, juntamente com o sol e a lua, formaram um círculo ao redor dela; no entanto, ela superava todas em brilho, e houve confusão sobre a origem dessa novidade única. Em consequência disso, toda a magia perdeu seu poder e todo sortilégio cessou. A ignorância foi eliminada, e o antigo reino [do mal] foi totalmente destruído, pois Deus estava revelando a si mesmo como homem, para trazer a novidade da vida eterna. O que Deus havia preparado estava agora começando. Daí o fato de tudo estar em confusão porque a destruição da morte estava sendo controlada (CARTA AOS EFÉSIOS, 19.1-3)[18].

Nesse trecho encontra-se uma narrativa sobre a natividade que não está presente nos Evangelhos, com elementos claramente fictícios, como o realinhamento dos corpos celestes e a superação do brilho da estrela-guia sobre o brilho conjunto do sol, da lua e das demais estrelas; em outras palavras, o autor faz uso da ficcionalidade para expressar a grandeza da natividade de Jesus, explicando o significado desse acontecimento na

[17] Ibid., p. 70.
[18] Ibid., p. 53.

perspectiva cristã: a encarnação de Jesus foi a encarnação de Deus e esse ato representou a destruição do reino do mal. A caracterização do mundo presente sob uma perspectiva dualista (reino do mal) e do tempo presente como tempo escatológico (a destruição do reino do mal) também estão subentendidos nesse trecho.

Na Carta aos Esmirniotas aparece outra narrativa, mas agora sobre a aparição de Jesus a Pedro e seu companheiros após a ressurreição:

> Quanto a mim, estou convencido e creio que até depois da ressurreição ele tinha um corpo. De fato, quando se apresentou a Pedro e a seus amigos, ele lhes disse: "Abracem-me, toquem-me e vejam que não sou um fantasma incorpóreo". E eles imediatamente o tocaram e ficaram convencidos, sentindo seu corpo e sua própria respiração. Por esse motivo eles desprezaram a própria morte e se mostraram vitoriosos sobre ela. Além disso, depois da ressurreição ele comeu e bebeu com eles como um ser humano real, embora em espírito estivesse unido ao Pai (CARTA AOS ESMIRNIOTAS, 3.1-2)[19].

A citação acima é outra narrativa que não se encontra nos Evangelhos. Ela fala sobre a aparição de Cristo após a sua ressurreição. O objetivo do autor continua sendo a defesa de que Jesus tinha um corpo real e não aparente, e que esse corpo foi preservado mesmo depois de ressurreto. É possível que essas narrativas fora dos evangelhos sobre o Natal e a ressurreição circulassem de fora oral entre as comunidades cristãs, constituindo outras narrativas das ações de Cristo no mundo.

Além de comprometer o entendimento sobre a pessoa de Jesus, a doutrina docetista também comprometia a concepção sobre a igreja. "Sua posição eclesial é consequente: abstêm-se da eucaristia e da oração, já que negam que a eucaristia seja a carne de Cristo; descuidam da caridade" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 164). Para defender sua posição diante dos ensinos docéticos, na Carta aos Efésios, Inácio constrói a seguinte imagem a respeito da Igreja:

> Ouvi dizer que alguns estranhos os abordaram em ensinamentos perversos. Mas vocês não permitiram que os semeassem ali, fechando os ouvidos para impedir o acesso ao que eles estavam divulgando. Como pedras do templo de Deus, prontas para uma construção de Deus Pai, vocês foram içados por Jesus Cristo, como se fosse um guindaste (que é a sua cruz!), enquanto a corda que usaram é o Espírito Santo. A fé os eleva, enquanto o amor é seu modo de subir até Deus. Vocês estão todos participando de uma procissão religiosa, carregando com vocês o seu Deus, o santuário, Cristo, e seus objetos sagrados, bem-vestidos dos pés à cabeça com os mandamentos de Jesus Cristo. Eu também estou desfrutando de tudo isso, porque posso falar com vocês numa carta a felicitá-los por terem mudado seu antigo estilo de vida fixando seu amor apenas em Deus (CARTA AOS EFÉSIOS, 9.1-2)[20].

[19] Ibid., p. 70.
[20] Ibid., p. 51.

Para refutar a consequência do ensino docetista sobre a concepção eclesiástica, o autor faz uso de uma analogia, comparando a igreja a uma construção, cujas ferramentas dessa edificação são a cruz (crucificação), celebrada na eucaristia e a caridade que deveria ser praticada por todos os cristãos. A representação da igreja como um templo formado por diversas pedras mostra a concepção cristã da igreja como uma comunidade, uma assembleia, formada pelos seus diversos membros.

Com relação a manutenção da unidade, para que a igreja não se dividisse seria necessário, na opinião de Inácio, que ela estivesse baseada em uma "hierarquia que representa Deus o Pai, Cristo e os apóstolos" (GONZÁLEZ, 2015, p. 73). Assim, na Carta aos Magnésios, ele apresentou o seguinte esquema teológico:

> [...] Por isso os estimulo a buscar fazer tudo em piedosa harmonia. Que o bispo presida no lugar de Deus; que os presbíteros tomem o lugar do conselho apostólico; que os diáconos (meus especialmente preferidos!) sejam encarregados do ministério de Jesus Cristo, que estava com o Pai desde a eternidade e no fim [do mundo] apareceu. Tendo, portanto, a mesma atitude de Deus, vocês devem todos respeitar uns aos outros no espírito de Jesus Cristo. Não permitam que coisa alguma os dívida, mas estejam de acordo com o bispo e seus líderes. Assim, vocês serão um exemplo e uma lição de incorruptibilidade (CARTA AOS MAGNÉSIOS, 6.1-2)[21].

Sobre esse esquema, Moreschini e Norelli escreveram:

> O bispo corresponde a Deus, os presbíteros aos apóstolos, os diáconos desenvolvem o serviço de Jesus Cristo (Mg 6,1; Tr 3,1); embora isso não signifique que o bispo é detentor de uma autoridade correspondente à de Deus, também a ele se deve obedecer como Cristo obedeceu ao Pai – trata-se sem dúvida de um passo importante na afirmação do episcopado monárquico. (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 165).

Esse desenho teológico é uma representação da igreja segundo o pensamento de Inácio. Nele percebe-se o indicativo do desenvolvimento de uma centralização eclesiástica na qual "um bispo consegue obter o controle sobre um conjunto de comunidades e de grupos cristãos até então largamente autônomos um do outro" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 165).

E para encorajar e fortalecer os fiéis diante das perseguições e principalmente diante do martírio – ato que estava se tronando relativamente comum naquela época, no qual o próprio Inácio era uma vítima – ele utiliza algumas analogias para apresentar o modo como entendia tal ato, como por exemplo, a que aparece na Carta aos Romanos:

> Estou me correspondendo com todas as igrejas e pedindo-lhes que entendam que vou morrer deliberadamente por Deus – isto é, se vocês não interferirem. Eu lhes suplico, não me façam uma gentileza inoportuna. Deixem-me ser alimento de feras selvagens – é assim que posso chegar a Deus. Sou trigo de Deus e vou ser triturado pelos dentes das feras selvagens para ser transformado

[21] Ibid., p. 56.

> em pão puro para Cristo. Eu preferiria que vocês atiçassem as feras para que elas possam ser meu túmulo e para que não sobre nenhum resquício do meu corpo. Assim, como eu tiver adormecido, não serei mais um fardo par ninguém. Então serei um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo quando o mundo não ver mais meu corpo. Orem a Cristo por mim a fim de que por esse meio eu possa me tornar um sacrifício para Deus. [...] Mas se eu padecer, serei emancipado por Jesus Cristo; e, unido a ele, ressuscitarei para a liberdade. Mesmo agora, como prisioneiro, estou aprendendo a renunciar a meus desejos pessoais (CARTA AOS ROMANOS, 4.1-3)[22].

Inácio entende que "o seu martírio deve provar luminosamente a justeza de sua causa. É provavelmente por isso que ele recusa todo esforço da igreja romana para salvá-lo (Rm 4-8)" (MARESCHINI E NORELLI, 2014, p. 164). Assim, ele poetiza seu suplício, apresentando-o como um sacrifício dedicado a Deus, por meio do qual se unirá a Jesus, se tronando um verdadeiro discípulo de Cristo. Foi assim que ele buscou acalmar os fiéis, principalmente aqueles que tentariam evitar o seu suplício e ao mesmo tempo encorajá-los frente a possibilidade de que outros martírios acontecessem.

A existência do martírio era um testemunho do dualismo do mundo presente, no qual os maus perseguem os bons e os injustos perseguem os justos. O mártir é alçado ao patamar de herói da fé porque suportou corajosamente a perseguição mais radical e violenta sendo considerado por isso um discípulo mais verdadeiro, pois seguiu plenamente o exemplo sacrificial de Jesus.

Outro Pai Apostólico que também se tornou mártir e cujos escritos chegaram à atualidade foi Policarpo de Esmirna. Suas obras – ou as que foram atribuídas a ele – serão as próximas a serem analisadas.

3.2.3 Análise dos escritos de Policarpo de Esmirna

De acordo com Moreschini e Norelli (2014, p. 167), "em *Contra Heresias* III, 3,4, Irineu esclarece que Policarpo foi constituído bispo de Esmirna pelos apóstolos; e acrescenta que sofreu o martírio em idade muito avançada". Este Irineu, seria Irineu de Lião, discípulo de Policarpo que "tinha sido instruído por João em Éfeso e que, portanto, guardava a tradição apostólica" (GONZÁLEZ, 2020, p. 41). Assim surgiu a obra que será analisada agora: a Carta de Policarpo aos Filipenses.

Alguns estudiosos acreditam que a epístola que temos hoje seria originalmente duas cartas, cujos capítulos 13, e provavelmente o 14, corresponderia a primeira,

[22] Ibid., p. 63.

enquanto os outros doze, seria uma epístola escrita posteriormente por Policarpo para a igreja dos filipenses. Esta obra mostra uma teologia parecida com à de Inácio e à do quarto evangelho com ênfase na realidade da humanidade de Cristo, o centro de seu ensino sobre a salvação, mas com uma intenção mais prática (GONZÁLEZ, 2015).

Essa intenção prática tem origem no objetivo pastoral que esse escrito possui. Pode-se perceber isso, por exemplo, através de um dos conselhos presentes na carta no qual o autor exorta a igreja "a permanecer na verdade e na fé em Cristo ressuscitado" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 168). A fim de estimular a perseverança dos fiéis nessa crença, ele apresenta a seguinte imagem a respeito de Jesus:

> [...] crendo naquele que o ressuscitou dentre os mortos e o tornou glorioso e lhe deu um trono a sua direita, ao qual ele submeteu todas as coisas, tanto no céu como na terra, a quem tudo o que tem vida serve, que está pronto para julgar os vivos e os mortos, cujo sangue Deus exigirá daqueles que a ele desobedecem (CARTA AOS FILIPENSES, 2.1)[23].

Esse trecho mostra o querigma cristão da época: Jesus após a sua morte, ressuscitou, foi elevado aos céus e assentou-se no trono celestial, estando acima de todos os poderes, como o das autoridades e magistrados e até mesmo do próprio imperador. Jesus é então representado aqui como o rei do universo. A sociedade poderia proclamar César como Senhor, mas somente Cristo reinava como o soberano do universo e todos os seres viventes serviriam ao seu propósito e deveriam prestar contas de suas ações. Um dia todos seriam julgados por ele, até mesmo as autoridades que o levaram à cruz. Essa mensagem parecia ofensiva para alguns e quem a proclamasse poderia sofrer retaliações, que dependendo do contexto chegaria inclusive ao martírio, como foi o caso do próprio Policarpo.

Com relação ao suplício de Policarpo é outro documento que traz as informações sobre tal acontecimento. Ele é "narrado numa carta da igreja de Esmirna à de Filomélio" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 298).

Os pesquisadores chamam esse tipo de literatura que relata a prisão, o processo e a execução dos cristãos por parte das autoridades de "Atas" do Mártires. González (2020, p 71) afirma que "à medida que a perseguição avançava e, também, depois que ela cessou, o número de tais 'atas' só fez aumentar". Na sua opinião, "as mesmas condições que levaram os apologistas a escrever as suas defesas da fé deram também origem" a esse tipo de gênero. As fontes usadas por tais documentos seriam as atas oficiais, as testemunhas oculares e a imaginação daqueles que buscavam a exaltação dos mártires, no caso de

[23] Ibid., p. 79.

textos mais lendários (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p.296). Portanto, é nesse tipo de gênero que o Martírio de Policarpo se enquadra:

> Em estilo simples, são narrados a prisão do bispo octogenário durante uma perseguição, seu processo no estádio sob os olhares de uma multidão excitada contra os cristãos, a recusa de ceder a pedidos e ameaças, a condenação, a intensa oração do mártir, a fogueira (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 298).

González (2020, p. 73) afirma que "é possível que o essencial da narrativa tenha sido extraído das atas oficiais do juízo de Policarpo". Mas em determinado momento aparece elementos miraculosos como pode ser observado, por exemplo, no trecho a seguir:

> E quando ele havia concluído o "amém" pondo fim a sua oração, os homens encarregados da fogueira atearam-lhe fogo. E quando a chama irrompeu, nós testemunhamos um milagre, nós a quem foi dado a ver. E fomos preservados para relatar aos outros o que aconteceu. Pois o fogo tomou a forma de um recinto abobadado, como uma vela inflamada pelo vento, formando uma parede em volta do corpo do mártir. E lá estava ele no meio, não como carne ardendo, mas como pão assando ou como ouro e prata sendo refinado numa fornalha. E nós sentimos um aroma doce como o sopro do incenso ou de alguma preciosa especiaria (O MARTÍRIO DE POLICARPO, 15. 1-2)[24].

A presença desse elemento miraculoso, parece ser fruto de redatores cristãos com a tendência de estilizar o acontecido a fim de apresentar o cristianismo e seus líderes como homens poderosos diante das autoridades estatais. O objetivo seria afirmar o cristianismo diante da opinião pública que o desprezava por ser uma religião ilícita e, ao mesmo tempo, encorajar os fiéis diante das perseguições promovidas pelo poder governamental. Para isso, o autor do relato procurou transformar o mártir num destemido herói da fé que suportou corajosamente o seu suplício sem negar a sua fé (NOGUEIRA, 2018).

Nesse intuito de inserir-se na sociedade mediterrânea, lidando com os conflitos gerados nos confrontos com ideias variadas, o Cristianismo Primitivo não produziu apenas cartas, homilias e atas dos mártires. Outros gêneros que apareceram durante o século II foram os tratados em forma de carta e os manuais de catequese ou de disciplina eclesiástica. Dentre os Pais Apostólicos, a obra que se enquadra na primeira categoria é a chamada Epístola de Barnabé e o escrito arrolado na segunda categoria chama-se Didaquê ou Didaché. Esses serão os próximos documentos analisados.

3.2.4 Análise da Epístola de Barnabé

[24] Ibid., p. 89.

Apesar de levar o nome de epístola, essa obra "é um tratado, e a tênue moldura epistolar é artificial". O nome de Barnabé, companheiro de Paulo em suas viagens missionárias, não aparece na carta. A atribuição de sua autoria aparece em alguns documentos cristãos antigos, como por exemplo, os de Clemente de Alexandria e de Orígenes. Barnabé não poderia ser o autor, pois a obra seria posterior à destruição de Jerusalém que ocorreu no ano 70 (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 183 e 186). Isso significa que a questão da autoria permanece uma incógnita. Com relação a data e ao local de composição:

> A estranheza dos temas do debate gnóstico desaconselha a ultrapassar o ano 140. Quanto ao lugar de origem, pensou-se por muito tempo em Alexandria, de onde provêm as primeiras atestações do escrito e onde havia uma tradição de exegese alegórica (Fílon). Hoje se prefere cada vez mais pensar na Ásia Menor ou na Síria ocidental; esta última hipótese nos parece preferível, em vista dos contatos com escritos provenientes desta área (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 186-187).

Mas para González (2015, p. 79) esse documento "provavelmente, foi escrito em Alexandria por volta de 135 d.C.". Para escrever tal obra, o autor se valeu de duas fontes, o tratado das duas vias e "compêndios de *testimonia,* isto é, de passagens bíblicas interpretadas como profecias de Cristo e do tempo cristão" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 184).

A primeira fonte corresponderia a um documento mais antigo que teria existido antes da composição da epístola e que foi usado e modificado por seu autor (GONZALEZ, 2015, p.65). E com relação a segunda fonte:

> Tais textos eram escolhidos e a grupados tematicamente, no mais das vezes em torno de um termo-chave, por exemplo "pedra", "madeiro", e interpretados – segundo técnicas já em uso no judaísmo – estendendo a interpretação elaborada para um destes aos demais em que comparece o mesmo termo (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 184).

A obra pode ser dividida em duas partes. "A primeira, e mais extensa, trata da interpretação das Escrituras de Israel e da sua relação com a fé cristã e vida moral". A segunda, bem mais curta, trata do tema dos dois caminhos (GONZALEZ, 2020, p. 32). A respeito do tipo de interpretação realizada na primeira parte da obra:

> O modo como esse pregador entende e interpretas as Escrituras hebraicas é o que se conhece como "tipologia". De acordo com esse método, os acontecimentos, as práticas e os mandamentos do Antigo Testamento eram "figuras" ou "tipos" de Jesus Cristo e do seu evangelho (GONZALEZ, 2020, p. 42).

Esse método também é chamado de alegórico. O motivo para a escolha de tal modo de interpretação se deu porque:

> Os cristãos estavam enfrentando agora uma aparente incompatibilidade entre alguns textos do Antigo Testamento e os ensinamentos do Novo. Além disso, o aparecimento da igreja cristã produziu uma controvérsia entre os cristãos e os judeus, controvérsia esta que tinha a ver com a correta interpretação do Antigo Testamento. Deste modo os cristãos se acharam obrigados a procurar meios de interpretação que unissem os dois Testamentos. Um desses métodos foi a interpretação alegórica, um procedimento pelo qual era possível livrar os preceitos do Antigo Testamento daquela natureza mais primitiva que os cristãos, e até mesmo alguns judeus, tinham dificuldade em aceitar (GONZÁLEZ, 2015, p. 80).

O cristianismo tinha a convicção de que, graças ao Espírito Santo, possuía a reta compreensão das Escrituras. Esse aspecto aponta para o distanciamento entre a religião cristã e o judaísmo que ocorreu no final do século I e início do século II. Essa característica aparece na Epístola de Barnabé com "um acentuado tom antijudaico" (GONZÁLEZ, 2020, p. 42). Outros autores corroboram com essa ideia ao afirmarem que "Barnabé é uma etapa representativa do processo de destaque e de contraposição do cristianismo em relação ao judaísmo" (MORESCHINI & NORELLI, 2014, pp. 185-186). Isso não significa dizer que a Epístola a Barnabé descarta a herança e influência judaica. Pelo contrário, ela se apropria desses elementos "pondo tudo a serviço da sua teologia cristã" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p 185). Um exemplo disso, é a escatologia construída nessa obra:

> Ele menciona o sábado no princípio da criação: "Em seis dias, Deus fez as obras de suas mãos e as terminou no sétimo dia, e nele descansou e o santificou". Prestai atenção, filhos, sobre o que significa: "terminou no sétimo dia". Isso significa que o Senhor consumará o universo em seis mil anos, pois um dia para ele significa mil anos. Ele próprio o atesta, dizendo: "Eis que um dia do Senhor será como mil anos." Portanto, filhos, em "seis dias", que são seis mil anos, o universo será consumado. "E ele descansou no sétimo dia." Isso quer dizer que seu Filho, quando vier para pôr fim ao tempo do Iníquo, para julgar os ímpios e mudar o sol, a lua e as estrelas, então ele, de fato, repousará no sétimo dia. [...] Vede como ele diz: não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que eu fiz e no qual, depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo do outro mundo. Eis porque celebramos como festa alegre o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos céus (EPÍSTOLA DE BARNABÉ, 15. 3-4, 8-9)[25].

O autor se apropria de tradições escatológicas antigas extraídas do judaísmo (os 6.000 anos da criação), mas, por meio de uma interpretação alegórica das Escrituras hebraicas, elabora essa escatologia, tornando-a mais compatível com a teologia cristã. Os elementos básicos da escatologia cristã estão presentes aqui: a crença no fim da história que acontecerá com o juízo final e a criação de uma nova ordem cosmológica após o

[25] FRANGIOTTI, Roque. In _____. *Padres Apostólicos*. 1995. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2020, pp. 309 e 310.

passamento da atual ordem de forma cataclísmica. Tudo isso, tendo Jesus como o agente protagonista.

Usando uma alegoria, o autor constrói a seguinte representação da escatologia: a história humana, época da presença do mal, deverá durar seis mil anos, ao fim dos quais, Jesus aparecerá para pôr um fim a toda a maldade, por meio do juízo final, e recriar o universo depois do cataclismo da atual ordem cósmica. Assim, encontra-se presente nessa obra a caracterização do tempo presente como tempo escatológico e do mundo existente sob um paradigma dualista, no qual a atual ordem apresenta a presença do bem e do mal, mas que este último deverá ser extirpado brevemente no mundo vindouro que está se aproximando.

Outra alegoria que aparece na obra é a metáfora dos dois caminhos. Com relação a isso, o autor coloca da seguinte forma:

> Sobre esse assunto, chega. Passemos para outro tipo de conhecimento e ensinamento. Existem dois caminhos de ensinamento e autoridade: o da luz e o das trevas. A diferença ente os dois é grande. De fato, sobre um estão postados os anjos de Deus, portadores da luz; e sobre o outro, os anjos de satanás. Um é Senhor de eternidade em eternidade, o outro é príncipe do presente tempo da iniquidade (EPÍSTOLA DE BARNABÉ, 18.1-2)[26].

Moreschini e Norelli explicam que essa parte se trata provavelmente da retomada:

> de um pedido tratado de ética judaica, que apresentava afinidades com a doutrina qumrânica dos dois espíritos de verdade e de perversão constituído por Deus no mundo. À via da luz, governada pelos anjos de Deus, pertence uma série de mandamentos (19, 1-12); a via da treva, ou do "Negro", dirigida pelos anjos de Satanás, é caracterizada por uma série de atitudes negativas (20, 1-2) (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 184).

Com essa alegoria, o autor concebe a forma como o cristianismo apreendia a realidade: um dualismo ético que separava a igreja e o mundo (a sociedade greco-romana). A igreja foi representada como o caminho da luz e lugar da atuação dos anjos de Deus, enquanto o mundo foi representado como o caminho das trevas e lugar da atuação dos anjos de Satanás. Para o proceder da igreja estava reservada os mandamentos de Deus, enquanto o mundo estava mergulhado em atitudes negativas e vícios. Percebe-se que a vida das trevas é identificada com a sociedade greco-romana pelo fato do autor, ao enumerar as atitudes negativas desse caminho, apontar práticas comuns da sociedade mediterrânea, tais como: magia – comum entre as religiões de mistério –, aborto ("matam as crianças") e elitismo ("são juízes injustos com os pobres").

[26] Ibid., p. 313.

Outro documento que faz uso da metáfora dos dois caminhos é a próxima obra que será analisada: a Didaquê.

3.2.5 Análise da Didaquê

González (2015) diz que depois de passar séculos esquecido em antigas bibliotecas, esse documento, escrito em idioma grego, foi encontrado em Istambul em 1875. Há fragmentos dele traduzidos em outros idiomas como o latim, o árabe, o cópita, o geórgico e o siríaco.

A origem, autoria e data desse escrito tem gerado debates entre os estudiosos. Para alguns, ele foi escrito antes da destruição de Jerusalém; enquanto outros apontam uma data posterior, próximo ao fim do século I. Alguns eruditos acreditam que ele é oriundo do Egito, enquanto outros acham que ele é proveniente da Síria ou da Palestina (MORESCHINI & NORELLI, 2014).

González (2020, 2015) diz que ele é provavelmente o documento mais antigo dentre os Pais Apostólicos e que a palavra grega *didache* significa doutrina, indicando o tipo de escrito que ela é, ou seja, "uma obra compósita, uma espécie de manual para as comunidades, que reúne textos de origem e gêneros diversos" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 190).

Ainda de acordo com González (2015, pp.66-67), com relação a sua estrutura, a obra possui dezesseis capítulos distribuídos em três seções principais. A primeira (1.1 – 6.2) geralmente é conhecida de "Documento dos Dois Caminhos", uma metáfora bem antiga presente tanto na literatura grega antiga, quanto na literatura bíblica do Antigo Testamento (Jr 21.8) e dos Evangelhos (Mt 7.13-15); a segunda (6:3 – 10.7) apresenta algumas instruções litúrgicas que tratam especialmente sobre o batismo e a eucaristia; a terceira é um tipo de manual de disciplina que dá diretrizes para se distinguir os verdadeiros e os falsos profetas (essa parte revela um período de transição entre o sistema primitivo de autoridade carismática e a organização hierárquica, no qual um modelo de pregador judaico-cristão itinerante ainda era muito influente entre as comunidades) e para se nomear os bispos e diáconos que deveriam ser eleitos pelas igrejas.

Com relação ao "Documento dos Dois Caminhos" presente na obra, Moreschini e Norelli (2014, pp.190-191) explicam que "um autor cristão adaptou o tratado sobre as duas vias, cristianizando-o em particular mediante o acréscimo de 2,1 – 3,6 (extraído da tradição das palavras de Jesus)", semelhantemente como foi feito na Epístola A Barnabé.

Para descrever a via da vida o autor insere "uma coletânea de *logoi,* que correspondem a palavras de Jesus nos evangelhos (em particular Mateus), mas que não são apresentados como tais". Já a via da morte aparece em seguida em 5,1-2, descrita "mediante um catálogo de vícios a evitar".

Nesse catálogo de vícios o autor utiliza os mandamentos bíblicos negativos, mas acrescenta algumas práticas que eram presentes na sociedade da época, como pode ser observado nos trechos a seguir:

> O segundo mandamento da doutrina: "Não matarás; não adulterarás"; não corromperás meninos; não fornicarás; "não furtarás"; não praticarás a magia; não te envolverás em bruxaria; não assassinarás uma criança pelo aborto nem matarás um infante; "não cobiçarás a casa do teu próximo" (DIDAQUÊ, 2.1-2)[27].

As práticas da homossexualidade, da magia, do aborto e do abandono de crianças, presentes na sociedade greco-romana, são listadas ao lado dos mandamentos bíblicos negativos como parte do caminho da morte. Nesse trecho encontra-se práticas de diversas ordens: comportamental, religiosa e social. As práticas mágicas e de adivinhação são interpretadas nesses documentos como as fontes para a idolatria:

> Meu filho, não seja um adivinho, pois isso leva à idolatria. Não seja um feiticeiro, ou um astrólogo, ou um mago. Além disso, não deseje observar essas práticas ou prestar atenção a elas, pois tudo isso gera idolatria (DIDAQUÊ, 3.4)[28].

Nogueira (2018, p.62) explica que "a magia era tão difundida no mundo antigo que, inclusive, as elites não só por ela se interessavam, como também a praticavam". Isso acontecia porque "com suas pretensões de eficiência, pragmatismo e concretude" ela se tronou "um tipo de prática religiosa considerada popular por excelência". Mas a Didaquê colocou esse tipo de religiosidade popular mediterrânea no rol da via da morte, devendo ser evitada pelas comunidades cristãs sob o risco de conduzir os fiéis à idolatria.

Outra prática de ordem social apresentada pelo autor como integrante do caminho da morte é a preferência pelos ricos e a indiferença aos pobres:

> [...] dão as costas aos necessitados, defendem os ricos, condenam injustamente os pobres e são totalmente perversos. Meus filhos, que vocês não se envolvam com nada disso! (DIDAQUÊ, 5.2)[29].

Pode-se considerar uma crítica ao elitismo da sociedade greco-romana. Na verdade, ao colocar algumas práticas presentes na sociedade da época ao lado de

---

[27] MATOS, Alderi Souza de. In _____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 95.
[28] Ibid., p. 96.
[29] Ibid., p. 97.

mandamentos bíblicos negativos, definindo-os como a via da morte, o autor faz uma crítica aos valores sociais vigentes. A sociedade mediterrânea é então representada como o caminho mortal. Diante disso, o autor chama os cristãos primitivos a estabelecerem uma nova ordem, que ele chamou de via da vida, baseada no moralismo bíblico. A caracterização do mundo existente e de suas estruturas a partir de um paradigma dualista estão bem evidentes nessa obra.

Para encorajar os fiéis a andar num caminho alternativo ao da sociedade circundante, enfrentando hostilidade por parte dela, o autor alerta, no final do documento, da *parusia*; de forma semelhante a Clemente de Roma, ele faz uma breve narrativa sobre os eventos que acontecerão nos últimos dias:

> Pois nos últimos dias surgirão multidões de falsos profetas e sedutores. Ovelhas se transformarão em lobos, e amor em ódio. Pois com a evolução da iniquidade os homens se odiarão e perseguirão, uns traindo os outros. E então o enganador do mundo aparecerá disfarçado de Filho de Deus. Ele realizará grandes sinais e maravilhas, e a terra cairá em suas mãos e ele cometerá indignidades como nunca aconteceram. Então a humanidade terá sua prova de fogo e muitos ficarão escandalizados e perecerão, mas "aquele que perseverar até o fim" em sua fé "será salvo" pelo próprio Amaldiçoado (Mt 24.13). Então aparecerão os sinais da Verdade: primeiro o sinal de mãos estendidas no céu, depois o sinal de um clangor de trombeta, e em terceiro lugar, a ressurreição dos mortos, embora não de todos os mortos, mas como se disse: "O Senhor virá e com ele todos os santos. Então o mundo verá o Senhor vindo sobre as nuvens do céu" (Zc 14.5; 1 Ts 3.13; Mt 24.30) (DIDAQUÊ, 16.3-7)[30].

Mesclando textos bíblicos com interpretação que, provavelmente, circulava de forma oral, o autor pinta o quadro dos acontecimentos finais que deverão vir sobre o mundo, segundo a concepção cristã, mostrando o conjunto de expectativas que essa religião cultivava a respeito do final dos tempos. Nesse trecho percebe-se a crença no fim da história. Ela aponta para o caráter escatológico da religião cristã, herança da religiosidade judaica e uma quebra do paradigma helenístico, que via a história de forma cíclica. Em outras palavras, o autor queria encorajar os fiéis a viverem sobre outros valores (de caráter moralista) diferente daquele vigentes na sociedade circundante, pois o fim da história logo viria e o estilo de vida mediterrâneo (via da morte) pereceria, enquanto o estilo de vida cristão (via da vida) seria estabelecido.

Outro documento que defendia a vida cristã diante da sociedade pagã e que será analisado a seguir foi a chamada Epístola a Diogneto.

3.2.6 Análise da Epístola a Diogneto

[30] Ibid., p. 100.

Segundo Frangiotti (1995) esse escrito permaneceu desconhecido até ser casualmente encontrado em Constantinopla em 1436 junto com outros textos de caráter apologético. Foi classificado como carta em 1592 por um editor chamado Henricus Stephanus, mas atualmente os eruditos o enquadra no gênero apologético.

No entanto, alguns autores sugerem que ele poderia se enquadrar num outro tipo de gênero, o "protréptico, isto é, um convite a fé cristã". Segundo esses autores, esse gênero teria sido inaugurado por Aristóteles, em uma obra perdida para nós e que levava esse mesmo nome. Posteriormente outros filósofos antigos teriam se utilizado dele para convidar seu público a converter-se à filosofia. Mais adiante o gênero teria se tornado prática das escolas filosóficas antigas, quando seus chefes o usavam como lição para convidar os seus alunos a escolherem a sua disciplina. Elementos protrépticos passaram a ser usados por apologistas cristãos como Clemente e a própria Epístola a Diogneto "sob forma de exortação a abraçar a nova religião" (2014, p. 344). Seja como for, foi a necessidade de defender ou explicar a nova fé que deu origem a esse documento (MORESCHINI & NORELLI, 2014, pp.291 e 344). A respeito dessa tendência na literatura cristã:

> Foi em tal quadro que se desenvolveu no século II a atividade literária dos apologistas cristãos. Estes se propunham, por um lado, demonstrar o infundado das acusações movidas contra os cristãos, tanto pelo ódio popular quanto pelas classes cultas e pelos tribunais do Estado; por outro, criticar o politeísmo, mostrando a superioridade e a verdade da religião cristã (MORESCHINI & NORELLI, 2014, p. 273).

A Carta a Diogneto nasceu nesse contexto de desconfiança da sociedade greco-romana com relação a nova fé, devido seu caráter de religião ilícita.

Talvez a atitude conciliadora do seu autor endosse sua classificação como gênero propréptico. Com relação à sua autoria, é algo que permanece indeterminado. Por muito tempo acreditou-se que Justino Mártir teria escrito a carta, mas os especialistas consensualmente abandonaram essa tese. Alguns eruditos atribuem a autoria da obra à Quadrato, um apologista cristão antigo, mas essa questão permanece uma incógnita.

A data e o local de composição também dividem opiniões. Uns defendem que a obra foi redigida antes dos anos 70, em Atenas; outros acreditam que foi escrita em torno de 190-200, em Alexandria; enquanto outros são da opinião de que ela foi produzida por volta de 120, em Atenas.

A incerteza também se abate sobre quem seria o destinatário da epístola, principalmente devido ao fato de que "'Diogneto' era usado não só como nome próprio, mas também como um título de honra". Os que defendem a posição de que Quadrato foi

o autor do escrito, argumentam que seu destinatário foi o imperador Adriano. Eles baseiam-se em duas evidências: a primeira, o fato de que esse soberano recebera o título de Diogneto, na cidade de Atenas, antes de se tornar imperador; a segunda, diz respeito a uma informação encontrada na *História Eclesiástica de Eusébio,* que afirma que o apologista cristão Quadrato entregou uma defesa do cristianismo ao imperador Adriano. Mas não tem como fechar essa questão. O certo é que o destinatário foi um pagão culto que demonstrava algum interesse na religião cristã (GONZÁLEZ, 2020, p. 50).

A obra possui doze capítulos que podem ser subdivididos em quatro partes. A primeira (1 – 4) refuta a idolatria pagã e o ritualismo judaico; a segunda (5 – 6) "descreve a vida concreta dos cristãos"; a terceira (7 – 10) apresenta uma "catequese sobre a essência da nova religião"; e na quarta (11 – 12) o autor "desenvolve o discurso sobre o Verbo e como o homem pode tronar-se discípulo deste Verbo" e "apresenta um apelo à conversão de seu interlocutor" (FRANGIOTTI, 1995, pp. 16-17).

Para explicar sobre a religião cristã o autor usou a seguinte analogia:

> Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. [...] A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus (CARTA A DIOGNETO, 6.1-4, 7-8)[31].

Para construir essa analogia, o autor utiliza a concepção platônica (bem conhecida no mundo mediterrâneo) do dualismo entre o corpo e a alma e da superioridade da segunda com relação à primeira. A igreja é então representada como uma entidade superior e duradoura, enquanto o mundo (a sociedade da época) é representado como uma entidade inferior e passageira. A igreja também é representada como o sustentáculo da realidade, enquanto o mundo é representado como um ente opressor para a igreja. Essa opressão seria fruto da perseguição pela qual a sociedade da época infligia sobre os cristãos. Para explicar esse conflito, o autor continua com a sua analogia:

> A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar os prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam

[31] FRANGIOTTI, Roque. *Padres Apologistas*. 1995. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2018, pp. 23-24.

> aqueles que os odeiam. [...] Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto em que Deus lhes determinou, e não lhes é lícito dele desertar (CARTA A DIOGNETO, 6. 5-6, 9-10)[32].

O autor continua usando a ideia platônica do corpo como opressor da alma para explicar a perseguição sofrida pela igreja e o modo como a igreja enfrentava tal hostilidade. Assim como o corpo aborrece a alma por causa das limitações que esta impõe aos seus prazeres, a sociedade perseguia a igreja por causa da moralidade cristã que condenava seu estilo de vida. Por causa dessa moralidade, os cristãos abandonavam as tradições sociais e mostravam pouca afeição pela ordem social e política vigente despertando acusações e hostilidades por parte dos pagãos, tanto entre as classes populares como entre as elites; assim, o autor representa a relação entre a igreja e a sociedade de época como algo conflituoso e irreconciliável, mas os cristãos não deveriam desistir da fé diante da hostilidade sofrida, mas perseverar em suas crenças, pois as perseguições estavam gerando o efeito inverso daquele pretendido, multiplicando o número de fiéis ao invés de minguá-lo. O paradigma dualista sobre o qual o mundo existente é caracterizado evidencia-se nessa obra.

O motivo da perseverança deveria estar baseado na origem divina de sua religião, que foi trazida do céu pelo próprio Filho de Deus. Para falar sobre Jesus, o autor cria a seguinte imagem:

> [...] o próprio artífice e criador do universo; aquele por meio do qual ele criou os céus e através do qual encerrou o mar em seus limites; aquele cujo mistério todos os elementos guardam fielmente; aquele de cuja mão o sol recebeu as medidas que deve observar em seu curso cotidiano; aquele a quem alua obedece, quando lhe manda luzir durante a noite; aquele a quem obedecem as estrelas que formam o séquito da lua em seu percurso; aquele que, finalmente, por meio do qual tudo foi ordenado, delimitado e disposto: os céus e as coisas que existem nos céus, a terra e as coisas que existem na terra, o mar e as coisas que existem no mar, o fogo, o ar, o abismo, aquilo que está no alto, o que está no profundo e o que está no meio. Foi esse que Deus enviou (CARTA A DIOGNETO, 7.2)[33].

Para construir essa imagem a respeito de Cristo, o autor se baseou na teologia do *logos* elaborada pelo judaísmo alexandrino, especialmente pelo filósofo judeu Filo de Alexandria, que tentou harmonizar os ensinos das escrituras judaicas com a cultura helenística, porém colocando Jesus como o centro dessa teologia. "Este *logos* é a imagem do divino, e é o instrumento de Deus na criação. As ideias – no sentido platônico da palavra – de todas as coisas estão no *logos*, de forma que este ocupa o lugar do demiurgo

[32] Ibid., pp. 23 e 24.
[33] Ibid., pp. 24-25.

de Platão" (GONZÁLEZ, 2015, p. 43). Retomando essa categoria elaborada pela teologia alexandrina, o autor aprofundou "a identificação de Cristo com o Logos, a Razão divina, mediadora da criação, pela qual a revelação bíblica, culminante na pregação de Cristo, Logos encarnado, punha à disposição aquela verdade última e universal." (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 273-274).

Em outras palavras, a fim de apresentar Jesus para um pagão culto, de pensamento helenístico, o autor – seguindo a tendência de harmonizar ensino bíblico com ensino da cultura helenística – representou Cristo como a Razão divina, demiurgo da criação e revelador da verdade.

Caminhando para a conclusão do seu protréptico (convite a conversão à fé cristã), o autor apresenta uma sintética cosmologia cristã:

> Se também desejas alcançar esta fé, primeiro deve obter o conhecimento do Pai. Deus, com efeito, amou os homens. Para eles criou o mundo e a eles submeteu todas as coisas que estão sobre a terra. Deu-lhes a palavra e a razão, e só a eles permitiu contemplá-lo. Formou-os à sua imagem, enviou-lhes seu Filho unigênito, anunciou-lhes o reino no céu, e o dará àqueles que o tiverem amado (CARTA A DIOGNETO, 10. 1-2)[34].

A religião tradicional greco-romana possuía uma cosmogonia e algumas das escolas filosófica helenísticas apresentavam uma cosmologia. Para contrapô-las, o autor apresenta uma breve cosmologia cristã que mostra Deus como o criador do mundo e dos homens. Os homens teriam sido criados segundo a imagem divina e teriam recebido do seu criador o domínio sobre a terra. Deus também teria enviado o seu Filho para proclamar e conceder o reino do céu "àqueles que o tiverem amado". Mas o que chama a atenção nessa cosmologia é o destaque dado à razão. O autor mostra esse atributo como uma dádiva de Deus ao ser humano a fim de que este possa contemplar a divindade. Considerando que o destinatário era provavelmente culto e oriundo do mundo greco-romano, que valorizava a razão, entende-se por que foi dado destaque à esse tipo de atributo.

A ênfase à razão e consequentemente ao conhecimento aparece também na conclusão da carta. Ele declara que a morte entrou no mundo não pela árvore do conhecimento, mas pela desobediência dos primeiros seres humanos. O conhecimento, na verdade, seria a via para a vida eterna; entretanto, somente o conhecimento verdadeiro seria capaz de dar essa vida. Por isso, o seu destinatário teria que tomar cuidado para não ser seduzido pelo conhecimento falso. O conhecimento verdadeiro só seria, portanto,

[34] Ibid., p. 27.

oriundo da religião cristã. Para explicar esse argumento, ele faz uma interpretação alegórica do episódio bíblico da tentação de Adão e Eva, expondo-a no seguinte trecho:

> Com efeito, nesse lugar foi plantada a árvore da ciência e a árvores da vida; não é a árvore da ciência que mata, e sim a desobediência. Não é sem sentido o que está escrito: No princípio Deus plantou a árvore da ciência da vida no meio do paraíso, indicando assim a vida por meio da ciência. Contudo, por não tê-la usado de maneira pura, os primeiros homens ficaram nus por causa da sedução da serpente. De fato, não há vida sem ciência, nem ciência segura sem verdadeira vida, e por isso as duas árvores foram plantadas uma perto da outra. Compreendendo essa força e lastimando a ciência que se exercita sobre a vida sem a norma da verdade, o Apóstolo diz: "A ciência incha; o amor, porém, edifica". De fato, quem pensa que sabe alguma coisa sem a verdadeira ciência, testemunhada pela vida, não sabe nada: é enganado pela serpente, não tendo amado a vida. Aquele, porém, que sabe com temor e procura a vida, planta na esperança, esperando o fruto. Que a ciência seja coração para ti; a vida seja o Verbo verdadeiramente compreendido (CARTA A DIOGNETO, 12.2-7)[35].

Com essa alegoria, o autor pretende mostrar que a vida eterna e o conhecimento verdadeiro estariam lado a lado; porém, o conhecimento oriundo da filosofia helenística e da religiosidade mediterrânea não poderia ser verdadeiro, pois seria fruto da especulação e da criatividade humana. Para ser verdadeiro "o conhecimento, porém, deve estar estreitamente unido a uma prática de vida; fundamento desta união é o Logos, que é vida e dá ao mesmo tempo a inteligência". Assim, somente o conhecimento trazido do céu por Jesus e proclamado pela religião cristã, defendida neste documento, seria verdadeiro e poderia conduzir seu receptor à vida eterna, pois seu fundamento era Cristo, o Logos, "enviado ao mundo para mostrar os mistérios divinos; este mesmo Logos continua hoje a gerar-se no coração dos fiéis, pela mediação da igreja, que fornece aos fiéis a compreensão dos mistérios divinos" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 295).

Outra obra que compõe o conjunto chamado de Pais Apostólicos encontra-se apenas em frações e se chama Fragmentos de Papias. Esse será o próximo documento a analisado.

3.2.7 Análise dos Fragmentos de Papias de Hierápolis

De acordo com González (2020, p.48), os Fragmentos de Papias são "remanescentes que nos sobraram de uma grande obra de cinco livros intitulada *Explicações das Sentenças do Senhor*", onde "o pouco de que dispomos dessa obra resume-se em alguns fragmentos citados por autores posteriores, particularmente Eusébio

[35] Ibid., pp. 29-30.

de Cesareia". Esse Eusébio coloca Papias na época de Trajano e faz dele um contemporâneo de Policarpo e Inácio (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 230).

Nos seus fragmentos, Papias declara que prefere a oralidade por considerá-la mais duradoura que o escrito, mas ele compôs sua literatura com o objetivo apologético de fixar a corrente de tradição que remonta aos apóstolos, permitindo recuperar a tradição genuína acerca de Jesus:

> Isso deixa supor que a empresa de Papias é ditada pela exigência de delimitar a tradição "verdadeira" dentro de um pulular de tradições sobre Jesus; o critério por ele adotado é a verificabilidade da cadeia de transmissão Jesus – apóstolos – presbíteros – Papias, que lhe permite tornar-se uma garantia da verdade deles. (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 230)

Citações de outros autores além de Eusébio, demonstram que Papias não relatou apenas feitos e ditos de Jesus, mas tradições concernentes aos apóstolos e outras figuras importantes do cristianismo originário. Uma característica importante de Papias que o diferencia dos demais Pais Apostólicos é o seu milenarismo. A esse respeito Marechini e Norelli (2014, p.232) escreveram que "Papias era milenarista, isto é, acreditava que no retorno de Cristo os justos seriam ressuscitados em primeiro lugar e reinariam com ele mil anos sobre a terra reconduzida – como se viu – a condições paradisíacas". Essa interpretação escatológica de Papias pode ser percebida no seguinte trecho:

> [...] Do mesmo modo, um grão de trigo dará dez mil espigas, e cada espiga terá dez mil grãos; cada grão dará dez libras de farinha branca limpa. Também os outros frutos, sementes e ervas produzirão nessa mesma proporção. Todos os animais que se nutrem desses alimentos, que recebem da terra, se tornarão pacíficos e viverão harmoniosamente entre si. Eles se submeterão aos homens sem qualquer relutância (PAPIAS DE HIERÁPOLIS, 3 apud IRENEU, *Ad. hauer,* V, 33, 1-5)[36].

Usando uma linguagem poética, o autor constrói a representação do reino milenar de Jesus como uma época de grande abundância na terra e de perfeita harmonia na relação entre os animais e o ser humano. Essa imagem parece demonstrar a perspectiva cristã de que somente sob o reinado de Cristo, o verdadeiro rei, diferentemente do reinado de César (o falso rei) é que a terra apresentaria um tempo de genuína prosperidade e paz, no qual, a fome seria sanada e as guerra cessariam definitivamente. Prosperidade, paz e harmonia formam o conjunto de expectativas sobre o reino milenar de Jesus que deveria chegar no final dos tempos.

Finalmente, o último escrito desse corpo documental a ser analisado chama-se o Pastor de Hermas.

[36] FRANGIOTTI, Roque. *Padres Apostólicos*. 1995. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2020, p. 327.

3.2.8 Análise de O Pastor de Hermas

Essa obra foi recuperada em 1855, apresentando versões em latim, em etíope, em cópta, em sahídico, em akhmímico, em georgiano e em grego. O autor, mencionado no próprio documento se chamava Hermas, um ex-escravo que se tornou comerciante, além de escrever com seu verdadeiro nome, também "fornece numerosas informações sobre si e sua família", diferente da maior parte das obras cristãs antigas (MORESCHINI & NORELLI, 2014, pp.232,233 e 236).

Baseando-se em citações antigas os estudiosos remonta a obra ao século II. O problema que teria motivado a produção desse escrito seria os pecados cometidos após o batismo, considerando que "muitos caíram em apostasia por causa do medo da perseguição, mas, posteriormente, arrependeram-se de forma sincera de sua fraqueza" (GONZÁLEZ, 2015, p. 82). Assim, "o anúncio de uma segunda penitência, oferecida aos cristãos depois do batismo" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 235) se constitui no núcleo temático do documento:

> A convicção de que não havia mais remissão dos pecados depois do batismo estava ligada à expectativa do retorno iminente de Cristo; à medida que ela se debilitava, e que o cristianismo se expandia, tornava-se cada vez menos realista ater-se a tal posição. Hermas deseja uma comunidade em que permaneça o rigor moral (donde suas discussões sobre o comportamento recíproco dos cristãos, sobre as virtudes e os vícios), mas sem rigorismo, e busca a solução na possibilidade de uma, e uma só, nova penitência para abolir os pecados (MORESCHINI E NORELLI, 2014, pp. 235-236).

Com isso em vista, o autor criou uma obra que possui, por um lado, uma séria doutrina moral, mas por outro, uma proposta de modificação decisiva na opinião rigorista prevalente (MORESCHINI E NORELLI, 2014).

González (2015, pp.82-84) afirma que esse documento é na verdade "uma coletânea de materiais produzidos em diferentes estágios durante sua carreira [de Hermas] como profeta na Igreja de Roma" e que finalmente foi estruturada em três partes: cinco visões, doze mandamentos e dez parábolas ou comparações. As visões correspondem a uma exortação à penitência e à constância diante da perseguição. Os mandamentos correspondem a um resumo dos deveres de um cristão. E as parábolas relacionam os ensinos das visões e dos mandamentos para lidar especialmente com assuntos práticos e morais. Por conta da presença desses elementos, Moreschini e Norelli (2014, p.236) classificam o documento, no que diz respeito ao gênero literário, da seguinte forma:

> No conjunto, o *Pastor* se configura como um apocalipse, porque um mediador celeste vem transmitir ao ser humano uma revelação de mistérios divinos, com

> o auxílio em particular de visões e alegorias; motivos como o livro ou carta celeste também são típicos dos apocalipses, bem como o elemento parenético.

A presenças de alegorias, visões e seres celestiais também conferem à essa obra um caráter ficcional. Foi por meio dessa ficcionalidade que o autor buscou explicar a realidade, trazer solução ao problema que ele estava enfrentando e criar modelos de comportamento para os fiéis de sua comunidade. O elemento ficcional já pode ser percebido desde o personagem que dá título à obra. O "Pastor", na verdade, "é o anjo da guarda de Hermas, enviado a ele como mediador e intérprete das revelações" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 233).

A figura central nessa obra é a igreja. De acordo com González (2015, p.85), "não há dúvida de que seu autor crê que a igreja é de grande importância, pois é a igreja que o conduz e interpreta suas visões. Ele é preexistente e o mundo foi criado para ela". A igreja ocupa um lugar central na cosmologia de Hermas:

> [...] Veja, o Deus dos poderes, por seu invisível e forte poder e grande sabedoria criou o mundo, e por seu glorioso plano envolveu a criação em beleza, e por sua forte palavra fixou os céus e lançou as fundações da terra sobre as águas, e por sua própria sabedoria e providência criou sua única santa Igreja, que ele abençoou. Veja! Ele remove os céus e as montanhas, as colinas e os mares, e todas as coisas se tornam planas para seus eleitos, a fim de que ele possa conceder-lhes a benção que lhes prometeu, com muita glória e júbilo, se eles simplesmente observarem os mandamentos de Deus que com grande fé receberam (O PASTOR DE HERMAS, Primeira Visão, capítulo 3)[37].

Nessa cosmologia, o universo é apresentado como produto da criação de Deus, mas a igreja é incluída no relato ocupando um lugar especial na obra da criação. Em outro trecho, um anjo que trouxe uma revelação para Hermas enquanto ele dormia, deu a seguinte declaração a respeito da igreja: "e por causa dela o mundo foi criado" (O PASTOR DE HERMAS, Segunda Visão, capítulo 4).

A igreja é retratada nessa seção como duas figuras: a primeira como uma senhora idosa, indicando, segundo a explicação do anjo mencionado anteriormente, que ela "foi criada antes de todas as coisas. Por isso ela é idosa". "Essa ideia remonta a uma teologia judeu-cristã arcaica" (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 234); a segunda como uma torre em construção. A analogia da torre é o centro dessa parte, que foi resumida por ele da seguinte forma:

> Nessa terceira visão, a igreja vem a Hermas na forma de uma senhora, e mostra-lhe uma grande torre que está sendo construída. Seis moços constroem a torre com pedras trazidas por uma multidão, algumas do fundo do mar e outras de diferentes partes da terra. Aquelas que vem do fundo do mar estão prontas para serem colocadas na torre. Mas somente algumas que vem da terra

[37] MATOS, Alderi Souza de. In _____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 107.

> podem ser usadas para a construção, enquanto outras são rejeitadas. Então a senhora explica a Hermas que ela mesma – isto é, a igreja – é a torre, e as pedras são as pessoas com quem a igreja é construída. As pedras boas são aquelas que vivem em santidade, e as pedras trazidas do fundo do mar são os mártires que sofreram pelo Senhor. As pedras que são colocadas de lado são aquelas que pecaram mas estão desejosos de arrependimento; por esta razão eles não são lançados muito longe da torra, pois em um tempo futuro eles encontrarão um lugar em sua construção. Entre estes, estão os ricos, que são como pedras redondas que não se encaixarão até suas riquezas terem sido tiradas deles. Mas existem outras pedras que se quebram em pedaços quando são rejeitadas, e estes são os hipócritas, aqueles que não abandonam o mal e que por isso não tem esperança de salvação ou de pertencer à igreja (GONZALEZ, 2015, p. 83).

A imagem da torre era a representação que o autor fez da igreja como uma comunidade formada por pessoas diversas, mas essa edificação ainda não estava acabada. Até chegar ao fim dos tempos, haveria uma dinâmica de entrada e saída de seus integrantes. Os dignos permaneceriam e os indignos seriam eliminados. O critério desse movimento seria o cumprimento dos mandamentos de Deus. Durante esse tempo, aqueles que haviam negado a fé nos tempos da perseguição e os ricos teriam a chance de serem integrados à comunidade dos fiéis se demonstrassem arrependimento e obediência.

Mas essas pessoas não deveriam demorar tanto para se arrependerem, pois logo chegaria os dias da grande tribulação. O autor usou mais uma metáfora para falar sobre esse tempo, pois na sua quarta visão, ele viu um monstro marinho que cuspia gafanhotos de fogo e cuja cabeça tinha quatro cores, preto, cor de fogo e sangue, dourado e branco. Na explicação dessa figura, a senhora idosa (a igreja) faz a seguinte explanação para Hermas:

> [...] O preto é o mundo no qual moramos: mas a cor de fogo e sangue mostra que o mundo deve perecer em sangue e fogo; mas a parte dourada são vocês que fugiram desse mundo. Pois como o ouro é testado pelo fogo, e assim se torna útil, assim são testados vocês que moram nele. Aqueles, portanto, que continuam firmes e tem de passar pelo fogo serão purificados por ele. Pois como o ouro se livra de sua escória, assim, vocês se livrarão de toda tristeza e dificuldade e se tornarão tão puros que serão dignos de serem usados na construção da torre. Mas a parte branca é a época que está por vir, na qual viverão os eleitos de Deus, porque os eleitos de Deus para a vida eterna serão imaculados e puros [...] (O PASTOR DE HERMAS, Quarta Visão, capítulo 3)[38].

A explicação das cores nessa alegoria demonstra a concepção cristã do tempo presente como tempo escatológico que caminha para o fim e a caracterização do mundo existente sob um modelo dualista. O tempo presente é marcado pelas provações sobre a igreja, mas logo chegará a época na qual ela desfrutará da vida eterna. Mas enquanto a

[38] Ibid., pp. 123-124.

era vindoura não chega, a igreja deveria suportar essas dificuldades presentes no mundo atual.

O mundo existente é apresentado como um lugar de trevas. As trevas representam o estilo de vida mediterrâneo e a perseguição da sociedade da época sobre a igreja. Mas essa sociedade imoral e perseguidora em breve passaria por um julgamento (sangue e fogo). Mas essas perseguições que a sociedade infligia sobre a igreja seriam parte do propósito de Deus a fim de purificá-la moralmente e torná-la apta à vida por vir; em outras palavras, a igreja, que tinha abandonado a sociedade perversa, seria cada vez mais purificada pelas provações e perseguições até está totalmente preparada (moralmente) para entrar no reino celestial. Depois dessa época de provação e perseguição e do julgamento da sociedade perversa, chegaria a era por vir, na qual a igreja desfrutaria da vida eterna. O paradigma dualista aparece ainda em mais duas alegorias: a dos dois caminhos e dos dois anjos. Na primeira, o autor diz:

> [...] Pois o caminho da justiça é reto e plano, mas o da injustiça é tortuoso. Trilhe, porém, o caminho reto e plano, e não dê atenção ao tortuoso. Pois o caminho tortuoso não tem estradas, mas sim muitos lugares intransitáveis e pedras de tropeço, e é árduo e espinhoso. É prejudicial para os que caminham por ele. Mas aqueles que trilham a estrada reta caminha tranquilamente, sem tropeços, porque ela não é áspera nem espinhosa. Você vê, então, que é melhor trilhar essa estrada [...] (O PASTOR DE HERMAS, Sexto Mandamento, capítulo 1)[39].

A figura dos dois caminhos é muito presente e recorrente na literatura cristã antiga. Aqui o autor exorta os fiéis a deixarem a "estrada da injustiça" para trilhar a "estrada da justiça", ou seja, os fiéis deveriam passar por um processo de conversão, abandonando o estilo de vida mediterrâneo e adotando o estilo de vida ensinado pela igreja cristã. Na segunda metáfora o autor mostra que há um anjo incentivador para cada estilo de vida.

> [...] Há dois anjos para cada homem: um é o da retidão, e o outro é o da iniquidade. [...] O anjo da retidão é gentil e modesto, manso e pacífico. Quando, portanto, ele entra em seu coração, imediatamente fala com você de retidão, pureza, castidade, contentamento e de todas as ações justas e da gloriosa virtude. Quando tudo isso entra em seu coração, saiba que o anjo da retidão está com você. Essas são as ações do anjo da retidão. Confie nele, então, e em suas obras. Observe agora as obras do anjo da iniquidade. Primeiro, ele é furioso, amargo e tolo, e suas obras são más e arruínam os servos de Deus. Quando, então, ela entra em seu coração, reconheça-os por suas obras [...] (O PASTOR DE HERMAS, Sexto Mandamento, capítulo 2)[40].

[39] Ibid., p. 139.
[40] Ibid., pp. 139-140.

O autor se vale de elementos ficcionais (a influência dos dois anjos) para caracterizar os dois estilos de vida. Ele completa essa caracterização, mesclando esses elementos ficcionais com uma breve lista de virtudes e vícios.

A obra usa, ainda, uma interessante alegoria para representar a relação que deve haver entre os ricos e os pobres. Trata-se da metáfora do olmo ou olmeiro e da videira, onde "o olmo e a videira como símbolos do rico e do pobre que devem sustentar-se reciprocamente, o primeiro ajudando o segundo com os próprios bens, o segundo favorecendo o primeiro com a oração" (MARESCHINI & NORELLI, 2014, p. 235).

Nessa comparação o autor faz menção da divisão de classe que havia na sociedade antiga e mostra de forma simbólica como deveria se dar a relação entre essas duas classes sociais segundo a perspectiva cristã. Apesar da igreja ser composta na sua imensa maioria por pessoas da classe trabalhadora, que só tinham o suficiente para sobreviver, isso não deveria esmorecer os fiéis, pois Deus assim estabeleceu. Os ricos deveriam sustentar os pobres com seus bens. E os pobres não deveriam rejeitar orgulhosamente essa ajuda, pois também tinham uma importante missão a realizar, sustentar os ricos com suas orações, a fim de que eles encontrassem a estrada da justiça.

Fica claro, portanto, que a intenção do autor aqui não foi propor um programa de reforma social, mas apenas recomendar uma relação harmoniosa entre ricos e pobres e apresentar um cuidado com a conversão dos primeiros, pois, como o Cristianismo Primitivo apresentava-se como um fenômeno escatológico, a questão da "propriedade e da riqueza não é considerada um problema social, mas pessoal. A posse da riqueza é um obstáculo pessoal para que o homem rico consiga a *metanoia* completa" (VOEGELIN, 2012, p. 209).

Numa outra parábola o autor fala do dono de um campo que plantou uma vinha e a confiou aos cuidados de um escravo antes de se ausentar do país. O dono tinha designado o escravo apenas para colocar estacas para apoiar as videiras. O escravo fez o que foi ordenado, mas desejou fazer mais do que lhe foi designado quando resolveu extirpar todas as ervas daninhas que havia ao redor do vinhedo para deixá-lo completamente limpo. Depois de algum tempo o dono do terreno voltou e ficando muito satisfeito com o trabalho do escravo, o tornou co-herdeiro, junto a seu filho, de todas as suas propriedades. Dias depois o dono ofereceu um banquete no qual enviou ao escravo muitos pratos de sua mesa. O escravo pegou o suficiente para si e enviou o restante para os seus colegas escravos. Na explicação dessa comparação, o anjo esclareceu à Hermas que o dono da propriedade era Deus, o campo era o mundo, o vinhedo era a igreja, o

escravo que cuidou de tudo era Jesus, as estacas eram os anjos, as ervas daminhas eram as iniquidades dos seus servos e os pratos de sua mesa eram os mandamentos que Deus deu a igreja por meio de Jesus. Então, o autor resumiu tudo o que havia ensinado na seguinte narrativa:

> [...] Deus plantou o vinhedo, isto é, criou o povo e o entregou ao seu Filho; e o Filho encarregou os anjos de cuidar de seu povo e preservá-lo, e ele mesmo expurgou-o de seus pecados, tendo sofrido muitas provações e submetendo-se a muito trabalho, pois ninguém pode cavar sem trabalho e suor. Ele mesmo, então, tendo expurgado os pecados do povo, mostrou-lhe os caminhos da vida ao dar-lhe a lei que ele recebeu de seu Pai [...] (O PASTOR DE HERMAS, Quinta Comparação, capítulo 6)[41].

Por meio dessa metáfora o autor fez uma sintética narrativa da ação de Cristo no mundo, de como ele se sacrificou pela igreja, se tornou o Senhor dela e entregou-lhe os seus mandamentos como o caminho para a vida eterna. Um dos aspectos intrigantes nessa alegoria é o fato de Jesus ter sido comparado a um escravo. Isso pode levar à algumas considerações: primeiro, o autor pode ter feito essa analogia por ele ter sido um escravo; segundo, enquanto a sociedade greco-romana desvalorizava os escravos, vendo-os apenas como mão-de-obra para a realização dos desprezíveis trabalhos manuais, a igreja antiga, que por sua vez valorizava o trabalho manual – especialmente porque sua mensagem era vivida principalmente entre os trabalhadores manuais da época –, também valorizava e acolhia os escravos; e terceiro, a ênfase do Cristianismo Primitivo não era uma reforma social, mas a conversão que era oferecida à todas as classes.

A obra apresenta ainda outras alegorias que merecem ser analisadas. Numa delas é apresentado um grande salgueiro que cobre planícies e montanhas e um glorioso anjo arranca-lhes alguns de seus galhos para dar às pessoas reunidas à sombra da árvore. Esses galhos assumem diferentes características. Na explicação, o anjo diz à Hermas:

> [...] Esta grande árvore que projeta sua sombra sobre planícies, e montanhas, e a terra toda, é a lei de Deus, proclamado até os confins do mundo; e as pessoas que estão a sua sombra são aqueles que ouviram a proclamação e creram nele. E o anjo grande e glorioso é Miguel, aquele que tem autoridade sobre essas pessoas e as governa. Ele é aquele que deu a lei gravada no coração dos crentes. De acordo com isso, ele supervisiona os que a receberam para verificar se as observaram. E você vê os galhos de cada um, pois os galhos são a lei. Você vê os ramos de cada uma, pois esses ramos são a lei. Perceba, consequentemente, que muitos galhos se tornaram inúteis, e você os conhecerá a todos, isto é, aqueles que não observaram a lei; e você verá a habitação de cada um deles [...] (O PASTOR DE HERMAS, Oitava Comparação, capítulo 3)[42].

[41] Ibid., p. 167.
[42] Ibid., p. 177.

Seguindo essa linha, “os detalhes da visão recebem uma minuciosa interpretação alegórica em referência aos membros da igreja”. O salgueiro simboliza “a lei de Deus dada ao mundo, idêntica ao anúncio de seu Filho sobre toda a terra” (MORESCHINI E NORELLI, 2014, p. 235), ou seja, a mensagem cristã é identificada com a nova lei concedida por Jesus e que deveria se espalhar por toda a terra. A igreja, então, seria edificada a partir da relação das pessoas com essa nova lei. Nessa dinâmica, diferentes tipos de pessoas seriam agregados à igreja, mas ao longo do tempo, com a retirada paulatina dos desobedientes, ela seria purificada.

Finalmente, a última metáfora a ser analisada encontra-se na nona parábola. De acordo com González (2020, p.47), “a nona parábola, a mais extensa de todas elas, é uma repetição e ampliação da terceira visão, baseada na mesma imagem de uma torre em construção, só que agora com mais detalhes”. Na visão sobre a construção da torre, Hermas vê uma rocha com uma porta recortada na pedra. Na explicação o anjo diz o seguinte:

> [...] Esta rocha [...] e esta porta são o Filho de Deus. [...] A rocha é antiga e a porta é nova. [...] o Filho de Deus é mais antigo que todas as suas criaturas, de modo que ele foi conselheiro do Pai em sua obra da criação; por isso ele é antigo. [...] ele se revelou nos últimos dias da dispensação. [...] ninguém entrará no reino de Deus, a menos que receba dele seu santo nome. [...] um homem não dispõe de outra maneira de entrar no reino de Deus que não seja por meio do nome do seu Filho bem-amado. [...] E a porta é o Filho de Deus. Essa é a única entrada que dá acesso ao Senhor [...] (O PASTOR DE HERMAS, Nona Comparação, capítulo 12)[43].

Cristo é simbolicamente concebido como uma rocha e uma porta. Esse tipo de caracterização foi tirado do evangelho. Na explicação da metáfora, Cristo é apresentado como “conselheiro do Pai na obra da criação”. Semelhantemente aos outros Pais Apostólicos, o autor representa Jesus como uma espécie de mestre-de-obras, de artífice do universo, como o demiurgo platônico. Ele também foi apresentado como a porta para o reino dos céus, que foi manifestada no fim dos tempos. Aqui fica claro o caráter exclusivista do cristianismo. Há uma pluralidade religiosa no mundo mediterrâneo. O sincretismo é muito comum naquela sociedade. Porém, somente a fé em Jesus é a porta para a vida eterna. Somente esta fé é a rocha que fundamenta a igreja.

Na construção dessa torre, algumas pedras foram encaixadas de imediato, outras tiveram que ser limpas e lapidadas, enquanto outras foram rejeitadas. O anjo explica à Hermas que essa rejeição fazia parte do processo de purificação da igreja e que ao final disso tudo, ela estaria pura e em total unidade:

[43] Ibid., p. 192.

> [...] Desse modo, então, será purificada a Igreja de Deus. Pois como você viu as pedras rejeitadas da torre e entregues a espíritos do mal e expulsas de onde estavam, assim [eles também serão expulsos e] haverá um só corpo dos purificados, da mesma forma que a torre se tornou, por assim dizer, uma única pedra depois da sua purificação. Algo semelhante acontecerá com a Igreja de Deus, depois de ser purificada e depois da rejeição dos perversos, dos hipócritas, dos blasfemadores, dos hesitantes e daqueles que cometem maldades de diversas espécies. Depois que estes tiverem sido expulsos, a Igreja de Deus será um só corpo, uma só mente, um só entendimento, uma só fé e um só amor. E então o Filho de Deus se sentirá imensamente satisfeito e se rejubilará com eles, porque recebeu seu povo puro [...] (O PASTOR DE HERMAS, Nona Comparação, capítulo 18)[44].

Ao final de tudo, Hermas vê a torre "estruturada como se fosse feita de uma única pedra, sem um único ponto de junção". Para ele ela "parecia um monólito". A representação da igreja como uma torre é a forma do autor mostrar que a comunidade cristã é a parte mais elevada, isto é, o principal propósito e o objetivo central da criação de Deus. Essa ideia pode ser percebida desde o momento em que o autor apresentou o tempo presente como a época da edificação da igreja e que somente com a conclusão dessa empresa chegaria ao fim da História e começaria a era por vir. E quando o autor mostra que a junção das pedras durante a edificação da torre, resultaria, no final da construção, numa integração tão plena que ela pareceria construída de uma única pedra, ele está caracterizando a igreja como uma comunidade, uma assembleia, que estaria destinada a alcançar a plenitude da unidade e da harmonia no fim dos tempos e na era vindoura (O PASTOR DE HERMAS, Nona Comparação, Capítulo 9).

Assim como nas obras anteriores, aqui também, o mundo existente á caracterizado a partir de um padrão dualista. O tempo presente era o tempo do conflito, da lapidação e da purificação. Era o tempo de enfrentar as heresias e a perseguição, mas, por meio do enfrentamento dessas circunstâncias, a igreja seria edificada e alcançaria a plenitude da pureza e da unidade.

Dessa forma o autor explicou a realidade atual, marcada pela heresia e pela perseguição e incentivou os fiéis a não abandonarem a igreja diante de tais circunstâncias, exortando-os com isso, a esperarem pacientemente a vitória no por vir, que mesmo demoroso, estava se aproximando.

Com a análise dessa última obra finaliza-se o estudo do corpo documental chamado de Pais Apostólicos. Agora, será necessário fazer a relação entre a pesquisa histórica e o ensino de História. Essa será a proposta do próximo capítulo.

[44] Ibid., p. 197.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa fez um estudo do Cristianismo Primitivo dentro do campo da história cultural. Esse campo foi usado devido a "sua sensibilidade para com as formas de expressão de uma sociedade" (NOGUEIRA, 2018, p. 40), pois a ênfase deste trabalho foi colocada nas "experiências e nas ideias, e não nas duras realidades econômicas, sociais e políticas" (BURKE, 2021, p. 35). A finalidade disso foi apresentar uma alternativa à abordagens de estudos já bem difundidas, como a da história social, por exemplo, levando essa abordagem à sala da aula a fim de trabalhar uma nova perspectiva desse tema no ensino básico.

Para isso, o estudo iniciou com uma análise do contexto histórico do qual surgiu a religião cristã. Percebeu-se que para o nascimento e difusão do cristianismo foram essenciais alguns elementos herdados do mundo helenístico, romano e judaico.

O primeiro foi responsável por legar um contexto sincrético e plural que proporcionou o aparecimento e a disseminação de mais uma religião dentre as várias que já existiam. Além disso, o helenismo tinha criado um contexto menos coletivista e mais individualista, propício ao florescimento de religiões que enfocavam a salvação dos seus adeptos, como foi o caso da fé cristã. A disseminação das crenças foi possível por causa de uma linguagem comum, o *koiné,* dialeto imposto desde a época das conquistas de Alexandre Magno e que acabou se tornando a principal língua da bacia do Mediterrâneo, se tornando um elo de unificação daquele mundo.

Já o segundo proporcionou uma unidade política que o helenismo não conseguiu proporcionar. Além disso, a *Pax Romana* e o sistema de estradas permitiram estabilidade e mobilidade que foram aproveitados pelos missionários cristãos para a divulgação da

nova fé, espalhando o cristianismo pelas diversas partes do Império Romana e até mesmo para além de suas fronteiras.

Enquanto isso, o mundo judaico, principalmente o judaísmo da dispersão, legou ao cristianismo as bases teológicas e organizacionais da nascente religião. A fé monoteísta, a crença no messias e a esperança na vinda do Reino de Deus foram elementos que os cristãos herdaram do judaísmo, adaptando-os à sua interpretação baseada na fé em Jesus como o Filho de Deus. Além disso, as sinagogas foram utilizadas pelos primeiros cristãos como centro divulgadores da sua mensagem e quando essas duas religiões se separaram as primeiras comunidades cristãs seguiram o modelo sinagogal em sua organização eclesiástica e litúrgica.

Foi na interação com esses três mundos que a fé cristã nasceu e se expandiu pelo mundo mediterrâneo. Ora interagindo e se aproximando, ora divergindo e se distanciando desse contexto.

A pesquisa prosseguiu analisando o contexto religioso do mundo mediterrâneo da época do aparecimento do cristianismo. Iniciou-se pelo estudo do mundo greco-romano. Constatou-se que ele possuía duas características principais: o pluralismo e o sincretismo. Havia a tradicional religião greco-romana, baseada nos mitos e as escolas filosóficas que buscavam explicar a realidade por vias mais racionalistas, mas sem abrir mão de certo misticismo característico da época. Por influência das crenças orientais apareceram as religiões de mistérios com sua característica mais individualista e salvacionista e o culto ao imperador, difundido durante a fase imperial romana. Muitos elementos de uma tendência acabavam sendo apropriados e reinterpretados pelas outras, fazendo daquela sociedade um ambiente sincrético e plural.

O mundo judaico daquela época viva a consolidação do legalismo, cultivado principalmente no ambiente das sinagogas espalhadas pelo mundo mediterrâneo. Mas essa tendência ainda convivia com outras que nasceram na diáspora, principalmente durante o contato com o helenismo, como por exemplo, as crenças apocalípticas e a literatura de sabedoria. Foi durante esse período que se fortaleceu a expectativa messiânica.

O cristianismo apareceu nesse cenário. Inicialmente como uma seita judaica apocalíptica que via Jesus como o Messias prometido que depois de ser crucificado, ressuscitou, subiu aos céus, mas brevemente retornaria para implantar o reino messiânico. Inicialmente difundiu-se pelas sinagogas da diáspora, mas depois foi ganhando adeptos dentre os não judeus. Aso poucos foi se distanciando do judaísmo e dialogando com o

mundo greco-romano à medida em que se inseria naquela sociedade. Com a demora da *parusia*, as acusações por parte de opositores pagãos, a necessidade de se definir certas posições em meio a muitas interpretações e de dar ânimo aos adeptos diante das perseguições promovidas pelo Império Romano, os primeiros líderes cristãos começaram a desenvolver a ortodoxia, buscando com isso, estabelecer o "verdadeiro" cristianismo. Para isso, além do Novo Testamento, uma rica produção literária foi produzia e circulava por entre as primeiras comunidades cristãs, dentre elas, o corpo documental utilizado como fonte da presente pesquisa: os escritos dos *Pais Apostólicos*.

O estudo então, prosseguiu analisando esse corpo documental. O objetivo foi compreender como esses documentos construíram uma representação do Cristianismo Primitivo a partir das seguintes categorias: Deus, Cristo, Ressurreição, Igreja, Martírio, Mundo, a ordem cosmológica e o tempo. Foram utilizadas essas categorias porque elas destacavam a marginalidade da fé cristã, pois no começo essa religião era considerada ilícita pela sociedade vigente, formada em sua grande maioria por pessoas das camadas mais baixas da sociedade da época e que buscava inserir-se nela. A partir disso, seria captada a forma como os primeiros cristãos versavam sobre o mundo.

Esses documentos foram diversos, pois possuem diferentes gêneros literários – apesar da predominância do gênero epistolar -, além de terem sido produzidos por variados autores, em diferentes momentos e lugres. Mesmo assim, pode-se encontrar uma unidade básica entre eles que reflete a maneira típica como as comunidades dos primeiros anos do cristianismo entendiam e explicavam a realidade.

Essas fontes foram da época em que a teologia cristã ainda não estava na fase de sistematização dos dogmas, por isso, para versarem sobre as categorias citadas acima elas utilizaram narrativas, metáforas e linguagens fictícias e figuradas, tomadas emprestadas tanto do contexto judaico e quanto do contexto greco-romano.

Assim ao falar sobre Deus, semelhantemente ao judaísmo, os documentos o mostravam como Ser Todo-Poderoso, o Criador do Universo que ordenou todas as coisas e revelou sua vontade aos seres humanos, principalmente por meio de Cristo.

Jesus foi representado como o Filho preexistente, que participou da obra da criação como o seu construtor, semelhante ao demiurgo platônico, por meio de quem Deus teria criado todas as coisas, sendo por isso o Senhor dos céus e aquele que aparecerá em breve como o juiz dos vivos e dos mortos.

A ressurreição se tornou um ensino central na mensagem cristã. A fim de convencer ao público greco-romano da sua razoabilidade esses escritos compararam-na

aos ciclos da natureza, além de usar a lenda do renascimento da fênix como testemunho de que algo assim era possível.

A Igreja foi apresentada como ocupando um lugar central na obra da criação. Formada por diferentes tipos de pessoas, ela seria uma comunidade, uma família. Mas sua unidade tinha como centro a hierarquia de sua liderança. Ela estaria num processo dinâmico de edificação, no qual pessoas estão constantemente entrando e saindo dela, até que sua formação esteja completa.

Os mártires foram apresentados como heróis da fé, que enfrentava bravamente o seu suplício, mantendo a fé cristã mesmo estando diante da morte. Por causa disso, muitos deles teriam testemunhado feitos miraculosos diante de seus opressores. Por tanto, eles deveriam ser tomados como modelos a serem seguidos pelos demais cristãos.

O Mundo ou a sociedade da época, que perseguia os mártires, foi representada como um lugar de imoralidade, devendo ser evitado. Evidencia-se a caracterização do mundo existente e sua organização a partir de um modelo dualista, no qual o mundo seria um lugar de imoralidade enquanto a igreja seria um lugar de moralidade. Muitas práticas comuns para a sociedade da época foram condenas nesses escritos.

O *cosmo* foi apresentado como um lugar harmônico e bem ordenado. Essa caracterização assemelha-se ao ensinamento estóico da harmonia natural do universo. Essa harmonia e ordem presentes no *cosmo* deveria servir de modelo para a igreja.

Finalmente o tempo foi representado como tempo escatológico, pois todos os documentos trataram de um iminente fim dos tempos, no qual, a *parusia* deveria acontecer em breve. Alguns desses documentos narraram como deveria se dá essa *parusia*, enquanto outros apresentaram o ensino de um milênio terreno.

Dessa forma, essas obras versaram sobre a realidade na qual as primeiras comunidades cristãs estavam situadas, mostrando a forma como os adeptos de uma religião ilícita, oriundos das camadas mais baixas da sociedade e algumas vezes perseguidos por causa de sua fé, se enxergavam e enxergavam o mundo no qual estavam inseridos, ao mesmo tempo em que buscavam integrar-se à sociedade da época. Por meio dessas categorias esse corpo documental construiu uma representação do Cristianismo Primitivo que pode ser estudada pela ciência histórica e utilizada ao ensinar sobre esse tema.

A fim de relacionar a pesquisa histórica com o ensino de história, buscou-se perceber como esse tema é abordado no ensino básico a partir dos livros didáticos e usar nas aulas a representação presentes nas fontes pesquisadas. Para isso, foi feito um estudo

de caso numa das primeiras séries da Escola Estadual Alcides Wanderley, escola de nível médio localizada na cidade de Carnaubais, lugar de atuação do autor da pesquisa. O estudo analisou a abordagem do tema a partir dos livros didáticos escolhidos desde o início do PNLD no ensino médio até o último.

Percebeu-se que todas as obras escolhidas possuíam uma sequência narrativa semelhante. Essa sequência privilegia uma história factual, baseada em acontecimentos e personagens marcantes. Mas ela deixa de fora a percepção dos primeiros cristãos inseridos naquele contexto. Assim, para sanar essa lacuna, foi desenvolvida uma sequência didática que unia a sequência narrativa comum a abordagem da temática no ensino médio a partir dos materiais didáticos com o uso de algumas das fontes utilizadas nessa pesquisa para levar aos alunos a percepção de mundo dos primitivos cristãos.

Com relação ao primeiro quesito, a sequência didática usou a sequência narrativa típica da abordagem do Cristianismo Primitivo no ensino médio a partir dos livros didáticos, apresentando a origem e difusão cristã pelo Império Romano, a perseguição promovida pelo Estado e a conquista da liberdade religiosa por meio do imperador Constantino.

E com relação ao último quesito, a sequência didática explorou a forma como os cristãos primitivos enxergavam a comunidade cristã, a sociedade romana, a perseguição promovida pelo Estado e o martírio. Relativo ao primeiro aspecto, a partir das respostas dos estudantes – como pode ser observado nos anexos -, pode-se perceber que eles compreenderam que os primeiros cristãos não viam o cristianismo apenas como mais uma religião presente no Império Romano, mas como o sustentáculo ou alicerce do mundo e um obstáculo para a sociedade da época desfrutar dos prazeres considerados pecaminosos por parte daquele grupo religioso.

Relativamente ao segundo aspecto, os alunos perceberam que para os primeiros adeptos da fé cristã a sociedade romana não seria aquela que atingiu o maior nível de civilização com a expansão territorial, o desenvolvimento das leis e a centralização do poder. Eles a viam como um ambiente de imoralidade, hostilidade e violência.

Com relação ao terceiro aspecto, os estudantes entenderam que para os primitivos cristãos o que motivava a perseguição estatal não era o fato dos adeptos do grupo serem considerados traidores do Estado ou antissociais, mas antes por serem considerados uma barreira à vida imoral dos romanos. Além disso, os líderes cristãos buscavam animar os fiéis diante da perseguição mostrando-a como um meio de provação e fortalecimento da

fé. Para isso, eles ressaltavam que ela não conseguiu atingir o efeito pretendido pelo Império, mas pelo contrário, acabava motivando o crescimento do movimento cristão.

Por fim, os estudantes perceberam que os líderes cristãos buscavam motivar os fiéis diante do martírio ao apresentar os mártires como verdadeiros heróis da fé que consideravam a sua religião mais importante do que as leis romanas e o poder de César. Para isso, eles acrescentavam elementos miraculosos aos relatos dos martírios.

A partir da aplicação dessa Sequência Didática percebeu-se que todos os objetos do conhecimento previstos para serem abordados foram contemplados, tanto nos recursos utilizados quanto na explicação do professor. A primeira parte permitiu ao discentes a compreensão do surgimento e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a segunda parte, na qual foi utilizada a análise das fontes, permitiu o reconhecimento da apreensão de mundo dos primeiros cristãos. Apesar dos estudantes encontrarem dificuldades com alguns termos – situação sanada pela intervenção do professor -, os alunos absorveram bem a proposta, tanto na compreensão da sequência narrativa quanto no contato e entendimento da percepção de mundo dos primeiros cristãos.

REFERÊNCIAS

BARKER, Kenneth (org.). Bíblia de estudo NVI. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*: da escolha do tema ao quadro teórico. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BLOMBERG, Craig L. *Introdução aos Evangelhos*: uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 evangelhos. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Brecho. *História*: das cavernas ao terceiro milênio. vol. 1. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2010.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Brecho. *História*: das cavernas ao terceiro milênio. vol. 1. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BUARQUE, Virgínia A. Castro; ALVES, Herinaldo de Oliveria. *As especificidades do religioso na história das igrejas cristãs:* uma interface entre história e teologia. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano I, n. 3, p. 79 – 94, jan. 2009.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. 3. ed. Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. 2. ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia.* 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. Volume único. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

COTRIM, Gilberto. *História Global*, vol. 1. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*, volume II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. 1 ed. Trad. Roberto Cortez de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENGELS, Friedrich; LUXWMBURGO, Rosa. *Cristianismo Primitivo*. São João Del-Rei: Estudos Vermelhos, 2011.

EVOBOOKS (organização). Programa Inspira Digital: metodologia e orientações didáticas. São Paulo: EvoBooks, 2016.

FILORAMO, Giovanni & RODA, Sergio. *Cristianismo e sociedade antiga*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANGIOTTI, Roque. *Padres Apologistas*. 1995. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2018.

FRANGIOTTI, Roque. *Padres Apostólicos*. 1995. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2020.

GIORDANI, Mário Curtis. *Ação Social da Igreja No Mundo Antigo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1959.

GONZÁLEZ, Justo L. *História da literatura cristã antiga*: os escritos cristãos mais antigos à parte do novo testamento e seus autores. 1. ed. Trad. Hebre Rodrigues de Souza. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*: Dos primórdios ao Concílio de Calcedônia. Vol. 1. 2 ed. Trad. Paulo Arantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

HÄGGLUND Bengt. *História da Teologia*. 8 ed. Trad. Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

HOORNAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração (100 – 130)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATOS, Alderi Souza de. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

MEDEIROS, Edalaura Berny. *Ser cristão no século IV*: identidade na história eclesiástica de eusébio de cesareia. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História Instituto de Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações. Trad. Romell S. Carneiro. Rio de Janeiro, CPAD, 2017.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina I*: de Paulo à era constantiniana. 2 ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2014.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. 13. ed. Trad. J. Maurício Wanderley. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Narrativa e Cultura Popular no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O Cristianismo Primitivo como objeto da história cultural*: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. Antíteses, v. 8, n. 16, p. 31-49, jul./dez. 2015.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião e linguagem*: abordagens teóricas interdisciplinares. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2015.

PANDOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. 3 ed. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2015.

REIS, José Carlos. *História & Teoria:* historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTOS, Edilson Silva dos. *As representações da cabanagem no livro didático*: uso da imagética no ensino de história. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

SHEDD, Russell P (org). *Bíblia Shedd*. 2. ed. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1997.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

THEISSEN, Gerd. *A Religião dos Primeiros Cristãos*: uma teoria do Cristianismo Primitivo. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

VOEGELIN, Eric. *História das ideias políticas*: helenismo, Roma e Cristianismo Primitivo. 1. vol. Trad. Mendo Castro Henriques. São Paulo: É Realizações, 2012.

APÊNDICES

Apêndice 1: Um Estudo de Caso

No ensino médio, estuda-se o Cristianismo Primitivo no 1º ano deste nível, dentro da temática da antiga Roma. Com relação a este último aspecto, não poderia ser diferente, pois essa religião foi um "fenômeno cultural, social e religioso do Império Romano", não representando nem equivalendo à cultura de sua sociedade, "como viria a ser no período Bizantino ou na Idade Média" (NOGUEIRA, 2018, pp. 41 e 42).

Com isso em vista, foi feito um estudo de caso que analisou as abordagens desse tema presentes nos livros didáticos do 1º ano do ensino médio utilizados na Escola Estadual Alcides Wanderley, escola de nível médio que se encontra na cidade de Carnaubais/RN. Essa instituição de ensino foi escolhida por se tratar do lugar de atuação do autor da presente análise. Além disso, a partir da perspectiva de que:

> São os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo e considerando que são os textos destes livros que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida" (APPLE, 1995, p. 81 - 82 apud SANTOS, 2018, p. 35).

Dessa forma, objetivo do estudo não se concentrou em ponderar a(s) metodologia(s) usada(s) pelo professor ao tratar sobre esse tema ou como os alunos se apropriavam desse conhecimento, mas analisar como os livros didáticos usados nessa escola abordaram esse assunto.

As obras analisadas foram oriundas das coleções escolhidas pela escola desde o momento em que passou a ter livro didático de História no ensino médio até a última seleção do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Isso corresponde ao período entre 2009 e 2021. Diante disso, os livros estudados foram os seguintes: com relação ao PNLD 2009-2011, a obra *História Global, Brasil e Geral*, livro de volume único, do autor Gilberto Cotrim, da editora Saraiva. Relativo ao PNLD 2012-2014, o volume 1 da coleção *História, das cavernas ao terceiro milênio*, composta por três volumes, das autoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, da editora Moderna. Relativo ao PNLD 2015-2017, o volume 1, novamente da coleção *História, das cavernas ao terceiro milênio*, composta por três volumes, das autoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, da editora Moderna. Finalmente, com relação ao PNLD 2018-2020, o volume 1 da coleção *História Global*, do autor Gilberto Cotrim, da editora Saraiva.

Para entender como essas obras versaram sobre o Cristianismo Primitivo foi analisado a abordagem historiográfica que esses livros apresentaram sobre o tema e como o uso que eles fizeram dos materiais complementares ao texto-base contribuíram com essa abordagem. Com isso em vista, segue, então, a análise.

A abordagem historiográfica sobre o Cristianismo Primitivo presentes nos livros didáticos de História usados na Escola Estadual Alcides Wanderley

Os livros didáticos de História escolhidos na escola Estadual Alcides Wanderley por ocasião do PNLD 2009-2011 e do PNLD 2018-2020 foram do mesmo autor, o historiador Gilberto Cotrim e da mesma editora, a editora Saraiva. De um material para o outro houve pouca modificação no texto principal. Apenas alguns ajustes na formulação e organização de algumas frases e parágrafos, mas o sentido do texto permaneceu o mesmo. O autor seguiu a seguinte sequência narrativa: origem do cristianismo a partir da pregação e da atuação de Jesus, marcando o seu nascimento na época do imperador Otávio Augusto. Nesse ponto, ele faz uma explicação do significado do nome Jesus, da palavra Cristo e menciona, de forma sintética, o conteúdo de sua pregação.

Depois, ele fala da difusão da nova religião pelos domínios do Império Romano, ressaltando a sua aceitação da fé entre as camadas mais pobres da sociedade romana – sem, no entanto, explicar as razões – e destacando o papel dos discípulos na propagação e na formalização da mensagem cristã com a composição do Novo Testamento.

Em seguida, ele trata da perseguição da fé cristã por parte dos imperadores devido a recusa dos cristãos em adorar o imperador e a negação de diversas instituições romanas. Ele menciona que a punição e o martírio dos cristãos se tornaram espetáculos públicos. Ele localiza o começo da perseguição durante o reinado de Nero e diz que elas continuaram de forma intermitente, até o reinado de Diocleciano.

Por último, ele ressaltou a resistência do movimento cristão diante da perseguição e a conquista de sua liberdade religiosa. Com relação ao primeiro aspecto, ele destacou a ação dos mártires como agentes motivadores para a perseverança e a conversão à fé cristã. Com relação ao segundo aspecto, ele destacou a conversão das classes dominantes no contexto das crises socioeconômicas do império que acabou amenizando as perseguições e a ação de dois imperadores: Constantino, que concedeu liberdade religiosa ao cristianismo com o Edito de Milão, e Teodósio que oficializou a religião cristã.

Ele terminou mencionando que a organização da Igreja Católica Romana

construiu sua hierarquia tendo como base a estrutura administrativa do império romano. Essa sequência narrativa ficou bem evidente nos subtítulos empregados na divisão do texto principal. No livro do PNLD 2009-2011 a sequência foi: *Cristianismo, A perseguição aos cristãos* e *O fim da perseguição e o Edito de Milão*. E no livro do PNLD 2018-2020, apresentando apenas uma pequena modificação, a sequência foi: *Surgimento do Cristianismo, Perseguição aos cristãos* e *A conquista da liberdade religiosa*.

Já os livros de História escolhidos por ocasião do PNLD 2012-2014 e do PNLD 2015-2017 foram das mesmas autoras, as historiadoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota e da mesma editora, a editora Moderna. Ao ser comparado com o livro do PNLD 2012-2014, a obra do PNLD 2015-2017 sofreu uma modificação na construção do texto, mas essa mudança não alterou a sequência narrativa usada pelas autoras.

Na primeira obra, as autoras trataram inicialmente do surgimento da nova fé a partir das pregações e da atuação de Jesus, marcando o seu nascimento na época do imperador Otávio Augusto. Depois de mencionar a execução de Jesus por parte da elite religiosa judaica e das autoridades romanas, elas destacam o trabalho dos apóstolos e a boa recepção da mensagem cristã por parte das camadas populares – pois em meio a opressão da vida, esperavam pela salvação após a morte – na difusão do cristianismo pelo império. Em seguida elas abordaram à perseguição aos cristãos, apontando como razões disso, a recusa desse grupo em adorar os deuses tradicionais e o imperador.

Elas mencionaram que a perseguição se iniciou a partir do reinado de Nero e continuou de forma alternada durante 250 anos, mas sem obter êxito, pois muitas pessoas se converteram à fé cristã com a intensificação dos problemas econômicos e sociais do império, principalmente a partir do século III. Finalmente, elas trataram da liberdade religiosa alcançada pela nova religião, destacando as figuras dos imperadores Constantino e Teodósio que concederam a liberdade de culto e a oficialização do cristianismo respectivamente. Elas terminaram o texto mencionando que a Igreja Católica recorreu a centralização administrativa característica do Império Romano para impulsionar o seu crescimento. O título do capítulo foi *A força do poder espiritual.* Esse título não pôs em relevo nenhum aspecto da sequência narrativa usada pelas autoras, mas destacou apenas a resistência e a perseverança cristã diante da perseguição imperial.

Na segunda obra, as autoras começaram o texto trazendo um dado atual sobre o cristianismo ao mencionar que ela é a religião com maior número de adeptos no mundo atualmente, apresentando cerca de 2 bilhões de fiéis. Depois mostrou que a nova fé surgiu a partir da pregação e atuação de Jesus, marcando o seu nascimento na época do

imperador Otávio Augusto. Após mencionar a condenação de Jesus à morte na cruz – sem fazer, dessa vez, alusão às elites religiosas judaicas e as autoridades romanas – elas destacaram o trabalho dos apóstolos e a aceitação da mensagem cristã por parte das camadas populares da sociedade romana – devido a crença na vida após a morte - como os meios pelos quais a nova fé se difundiu pelo império.

Depois disso elas trataram sobre a perseguição sofrida pelos cristãos devido a rejeição do culto ao imperador, da promoção de reuniões secretas e da defesa da igualdade entre as pessoas. Mencionou que a perseguição começou na época do imperador Nero e durou, com alternância de alguns períodos de paz, até o século IV. Destacaram a figuras dos imperadores Constantino e Teodósio no processo de alcance da liberdade religiosa, no qual o primeiro concedeu liberdade de culto e o segundo oficializou o cristianismo como religião do Estado romano. Elas terminaram o texto mencionando a narrativa sobre a conversão de Constantino e chamando a atenção para a polêmica que envolve esse acontecimento. O Título dado ao tópico foi *O nascimento e a expansão do cristianismo.* Ao não fazer menção a conquista da liberdade religiosa, o título não deixou tão evidente a sequência narrativa usada pelas autoras.

Todas as obras analisadas, apesar das diferenças autorias e de época apresentaram a mesma sequência narrativa. Essa sequência expôs a história do Cristianismo Primitivo em três etapas: primeiro, seu aparecimento e expansão pelo Império Romano; segundo, sua perseguição por parte do poder imperial e sua resistência com o consequente crescimento de seus adeptos; e finalmente, a conquista da liberdade religiosa que culminou com a oficialização da fé cristã como a religião do Estado romano e a organização da Igreja Católica a partir do modelo administrativo do império.

Agora, será necessário ir além do texto-base e analisar os materiais complementares presentes nesses livros a fim de entender como eles contribuíram para a abordagem do Cristianismo Primitivo presentes nessas obras.

O uso de materiais complementares ao texto principal na abordagem sobre o Cristianismo Primitivo presentes nos livros didáticos usados na Escola Estadual Alcides Wanderley

O uso de materiais complementares ao texto principal é comum nos livros didáticos do ensino médio. Geralmente esses materiais aparecem em forma de textos e/ou imagens, que pretendem aprofundar ou ilustrar o conteúdo estudado ou ainda destacar

algum aspecto relevante ao tema.

Com relação ao uso de texto como material complementar do texto-base, apenas o livro relativo ao PNLD 2015-2017 utilizou esse tipo de recurso. A obra apresentou uma citação retirada dos livros *A igreja dos apóstolos e dos mártires*, de autoria de Daniel Rops, presente no livro *Edito de Milão: contexto, texto e pós-texto,* de Ricardo José Marques Santos, publicado em 2006 pela editora Edufal. A citação apresentou algumas indagações que questionavam a genuinidade da conversão de Constantino, o imperador responsável por tirar o cristianismo do status de religião ilícita. Ela foi usada com o objetivo de esclarecer uma afirmação que apareceu no final do texto-base, alegando que a conversão dessa figura é motivo de polêmica e que muitos historiadores questionam a veracidade desse acontecimento.

Com relação ao uso de imagens[45] sobre o Cristianismo Primitivo, o livro relativo ao PNLD 2009-2011 apresentou apenas uma. Ela encontra-se na página 93 e tem por título *A Orante.* Na legenda encontra-se a seguinte explicação: "reprodução de pintura mural das catacumbas de Priscila, Roma (século III). As catacumbas eram locais onde os cristãos realizavam secretamente os cultos" (COTRIM, 2005, p. 93). Essa obra usou uma imagem da arte *paleocristã*, da época na qual o cristianismo ainda era uma religião ilícita e por isso realizava o seu culto secretamente nas catacumbas romanas. A imagem representou um momento devocional vivenciado por uma cristã primitiva. Seu uso teve como objetivo retratar uma das práticas religiosas do início do cristianismo.

O livro relativo ao PNLD 2012-2014, assim como na obra analisada anteriormente, utilizou também apenas uma imagem. Ela se encontra na página 124 e a legenda explica que se trata de um "mosaico na cúpula do Batistério dos Arianos em Ravena, Itália. Século VI. A imagem representa o batismo de Cristo por São João Batista, que teria ocorrido nas águas do Rio Jordão, na região da atual Jordânia" (BRAICK E MOTA, 2010, p. 124). Essa imagem é da época posterior a oficialização do cristianismo e representou uma cena da vida de Jesus conforme relatada nos evangelhos. Seu uso teve como objetivo retratar um dos acontecimentos marcantes da vida de Cristo segundo a tradição cristã.

A obra relativa ao PNLD 2015-2017, semelhantemente as demais, também fez uso apenas de uma imagem. Ela se encontra na página 106 e traz a seguinte informação em sua legenda: "Estátua equestre de Constantino, 1662-1668, escultura de Giovanni

[45] As imagens dos livros didáticos que foram analisadas no estudo de caso encontram-se no Anexo 2.

Lorenzo Bernini. Basílica de São Pedro, Vaticano" (BRAICK E MOTA, 2013, p. 106). Diferentemente dos anteriores, este livro usou como material complementar uma escultura da época moderna. Ela representou o imperador Constantino montado em seu cavalo. Seu uso teve como objetivo retratar essa figura decisiva para a história do cristianismo.

Finalmente, o livro correspondente ao PNLD 2018-2020 assim como todas as outras, usou também apenas uma imagem. Ela encontra-se na página 128 e tem por título *Triunfo da fé: mártires cristãos no tempo de Nero*. A legenda traz a seguinte explicação: "obra do artista francês Eugene Romain Thirion representando um episódio do início do cristianismo" (COTRIM, 2016, p. 128). A figura está representando um fato marcante do começo da fé cristã, o martírio de cristãos promovido pelo Império Romano. Seu uso teve como objetivo retratar a perseguição imperial contra a religião cristã.

Das quatro obras analisadas, duas utilizaram imagens que não faziam alusão à algum acontecimento marcante da história do Cristianismo Primitivo usado na construção da sequência narrativa do texto-base. Foram elas: o livro do PNLD 2009-2011 que representou uma cristã primitiva orando e o livro do PNLD 2012-2014 que representou o batismo de Jesus.

No entanto, dois livros utilizaram ilustrações que faziam alusão à algum acontecimento marcante da História do Cristianismo Primitivo usado na construção da sequência narrativa do texto-base. Foram elas: a do PNLD 2015-2017, que representou o imperador Constantino, aludindo à conquista da liberdade religiosa por parte do cristianismo e a do PNLD 2018-2020, que representou o martírio de cristãos, aludindo ao período de perseguição que a fé cristã sofreu por parte do Império Romano.

Análises

A partir dessa análise, percebe-se que os quatro livros de História escolhidos na Escola Estadual Alcides Wanderley usaram uma sequência narrativa semelhante para tratar sobre o Cristianismo Primitivo.

Apesar das diferenças autorais e de época de publicação, todas as obras seguiram a seguinte sequência narrativa: surgimento e expansão do cristianismo pelo Império Romano, perseguição da nova religião por parte do poder imperial e a conquista da sua liberdade religiosa. Essa sequência foi percebido em todos os textos-base, em pelo menos três dos quatro títulos empregados e em pelo menos duas das quatro imagens utilizadas.

Essa abordagem historiográfica utilizada em todas as obras didáticas que foram analisadas apresentou uma História factual, centrada em acontecimentos marcantes e importantes personagens. Mas ela deixou de fora alguns aspectos relevantes, tais como: a maneira como os primeiros cristãos se viam dentro da sociedade greco-romana e a forma como eles interpretavam a perseguição e o martírio sofridos por parte do poder imperial.

A fim de preencher essa lacuna, foi desenvolvido como produto para intervenção na aula uma Sequência Didática, cujo objetivo era unir a sequência narrativa utilizada nos livros didáticos com as representações presentes em dois documentos escritos pelos primeiros cristãos: *A Epístola a Diogneto* e *O Martírio de Policarpo*. Ambos fazem parte do corpo documental conhecido por *Pais Apostólicos*, produzidos no período inicial do cristianismo. Da primeira obra, extraiu-se a maneira como os primeiros cristãos se viam dentro da sociedade greco-romana; da segunda, a forma como a nova religião interpretou a perseguição e o martírio. A seguir será apresentada as etapas desenvolvidas na Sequência Didática.

Produto para intervenção na aula: Uma Sequência Didática

A Sequência Didática é "um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos" (ZABALA, 1998, p. 18 apud EVOBOOKS, 2016, p. 28).

As atividades utilizadas na Sequência Didática desse trabalho seguiram um modelo sugerido pelo *Programa Inspira Digital.* Ela possui duas versões, uma do professor e outra do aluno. Foram feitas algumas adaptações pertinentes à proposta deste estudo, mas manteve-se a sua estrutura básica, organizada numa série de cinco etapas, como pode ser observado nos apêndices 1 e 2.

A primeira etapa, chamada *Aproximar os mundos*, teve como objetivo "despertar o interesse do aluno pelo problema apresentado e levá-lo a se envolver com este tema" (EVOBOOKS, 2016, p. 30). Para isso, foram apresentados uma informação sobre o número de adeptos do cristianismo e um mapa mostrando a difusão atual das religiões pelos continentes, enfatizando a religião cristã. Depois foi apresentado a seguinte pergunta: *Mas, o que você conhece sobre a origem do cristianismo?* O objetivo era que por meio da "identificação dos conhecimentos prévios e do trabalho com um tema

disparador" (EVOBOOKS, 2016, p. 30), os alunos fossem capazes de ligar o que se aprende àquilo que já se sabia.

A segunda etapa, chamada *Construir ideias*, teve como objetivo possibilitar aos alunos que, "a partir da exploração, ampliem uma base comum de experiências, construindo ideias, identificando e desenvolvendo conceitos, bem como compreendendo os processos" (EVOBOOKS, 2016, p.30). Para isso, foi apresentado o processo de origem, difusão, perseguição e conquista da liberdade religiosa por parte da religião cristã, seguindo a mesma sequência narrativa dos livros didáticos. A fim de perceber se os alunos conseguiram assimilar esse processo, foi feita a seguinte proposta: *Agora, de forma sintética, cite as fases pelas quais o cristianismo passou no processo de difusão pelo Império Romano.*

Na terceira etapa, chamada *Ligar os pontos*, foi feita a relação entre o conteúdo conforme aparece no livro didático e a maneira como os primeiros cristãos se viam dentro da sociedade greco-romana. Para isso foi utilizado um trecho do documento cristão chamado *Epístola a Diogneto* e foram propostas as seguintes sentenças:

1. *Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a difusão do cristianismo pelo Império Romano;*
2. *Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a perseguição aos cristãos. Qual o motivo e o resultado da perseguição apontados pelo autor?*
3. *Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a forma como o autor apreendia o cristianismo. Explique-a;*

O objetivo era que os alunos fossem capazes de "relacionar os conceitos explorados e explicar com base em suas reflexões e descobertas, expressando oralmente ou por escrito, a compreensão que alcançaram, demonstrando novas habilidades (EVOBOOKS, 2016, p. 31)".

A quarta etapa, chama-se *Resolver desafios*. De acordo com Macedo (2002, p.115 apud Evobooks, 2016, p. 31) a resolução de um desafio "trata-se de uma alteração criadora de um contexto que problematiza, perturba, desequilibra". O objetivo era permitir ao aluno "aplicar em situações diferentes, o que já aprenderam para resolver o problema" (EVOBOOKS, 2016, p. 31). Para isso, foi apresentado um trecho do relato do martírio de Policarpo e depois foi pedido aos alunos que fizessem uma análise desse trecho, conforme a sentença a seguir: *Você deverá construir uma análise sobre o trecho apresentado. Nessa análise, explique o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a*

visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto. Em caso de dúvida, fale com seu professor.

Na última etapa, chamada *Passar de fase*, foi proposto uma roda de conversa na qual os alunos apresentariam a análise feita na etapa anterior. Para o aluno, o objetivo dessa fase era conduzi-lo a "se vê numa situação de reflexão crítica sobre seu próprio desenvolvimento cognitivo, o que ajuda a melhorar seus resultados" (EVOBOOKS, 2016, p. 32); e para o professor, o objetivo era "avaliar o conhecimento de cada aluno, além de conduzi-los a mensurar o seu entendimento dos principais conceitos e habilidades adquiridos durante todo o processo" (EVOBOOKS, 2016, p.32).

A observação e avaliação da atividade realizada foi feita a partir do registro do desenvolvimento de cada etapa. Esse registro também seguiu um modelo sugerido no material do *Programa Inspira Digital* e pode ser observado no anexo 3. Segue agora as observações feitas a partir do registro do desenvolvimento dessa atividade.

Resultados da aplicação da Sequência Didática

A Sequência Didática desenvolvida para este estudo foi aplicada na turma da 1ª série B, da Escola Estadual Alcides Wanderely. A sala era composta por trinta e sete alunos e foi dividida em oito grupos. Cada grupo recebeu a Sequência Didática em forma de apostila e o professor conduziu cada etapa proposta. A seguir serão apresentados os apontamentos baseados no registro do desenvolvimento das atividades. Por meio deles serão apontadas as reflexões sobre cada procedimento realizado: o uso dos recursos, os objetos do conhecimento que foram abordados, a suficiência do tempo estimado, a metodologia desenvolvida, o alcance dos objetivos e habilidades propostos, os obstáculos que se apresentaram e de que forma foram superados e finalmente, os resultados esperados.

Para subsidiar a aula, não foram utilizados outros recursos além dos propostos em cada etapa da Sequência Didática. Estes, por sua vez, foram utilizados conforme planejado. O texto principal trouxe as informações historiográficas sobre o tema. Ele foi auxiliado pelas imagens que ilustravam e complementavam a explicação. O mapa mostrando a distribuição do cristianismo pelo mundo serviu para aproximar os alunos do assunto estudado. As fontes primárias foram utilizadas para mostrar de que forma os primeiros cristãos se viam dentro do mundo greco-romano e como interpretavam a perseguição e o martírio sofrido por parte do poder imperial.

Com relação aos objetos do conhecimento previstos para serem abordados na Sequência Didática, todos foram contemplados. Ao introduzir a segunda etapa, o professor expôs de forma sintética as fases históricas da Roma antiga até chegar ao advento do cristianismo. Depois, o processo de surgimento e difusão da nova religião pelo Império Romano, a perseguição sofrida pelos primeiros cristãos e a conquista da liberdade religiosa foram abordados pelo no texto principal e pelas imagens apresentados ao longo dessa etapa. O tempo de duas aulas estimado para a aplicação de todas as atividades foi insuficiente. Foi necessário o acréscimo de mais uma aula para cumprir todas as etapas previstas.

Durante a aplicação da Sequência Didática houve pouco engajamento, exploração e envolvimento na explicação e elaboração por parte dos alunos, exceto aqueles que demonstravam pertencer a alguma denominação cristã. Aos demais, aparentemente o assunto não demonstrava relação com sua vivência.

Apesar disso, as etapas previstas permitiram ao professor realizar a avaliação contínua durante o processo e ao final dele. Cada atividade proposta possibilitou ao docente fazer um acompanhamento contínuo da compreensão dos estudantes, a fim de perceber se eles conseguiram alcançar os objetivos e habilidades pretendidos.

Pode-se afirmar que, a partir das respostas dos estudantes, que os objetivos cognitivos e o desenvolvimento de habilidades foram alcançados pela Sequência Didática. A segunda etapa, ao utilizar o texto principal e as imagens ilustrativas relacionadas ao assunto tratado, ajudou os alunos a compreenderem o processo de surgimento, expansão, inserção e interação do cristianismo com o Império Romano e permitiu-lhes identificar esse processo histórico nas diferentes fontes e narrativas presentes no material e expresso nessas linguagens diversas. A terceira e a quarta etapa ajudaram os alunos a analisar as fontes primárias do cristianismo, reconhecendo nelas as formas de apreensão de mundo dos primeiros cristãos inseridos no contexto de interação com a sociedade greco-romana. Além disso, elas capacitaram os estudantes a analisar esses vestígios escritos deixados pelos adeptos da nova religião e que expressam os valores e as crenças que caracterizavam a identidade desse grupo inserido no contexto do Império Romano. A quarta etapa, em especial, permitiu-lhes usar dois diferentes gêneros textuais produzidos pelos primitivos cristãos, de forma reflexiva, a fim de resolver a problemática proposta.

Na aplicação de cada etapa da Sequência Didática foi notado como obstáculo da aprendizagem o desconhecimento dos alunos de algumas palavras, como por exemplo,

difusão e alusão (as mais citadas) e a dificuldade de interpretação por alguns estudantes. Para superar esse desafio, entrou em cena o protagonismo do professor, que trouxe os esclarecimentos necessários para a compreensão e a execução das tarefas propostas.

Mesmo com esses obstáculos pode-se dizer que os resultados esperados com a aplicação da Sequência Didática foram conseguidos, pois durante a quinta etapa, enquanto os alunos expunham suas respostas, ficou claro que a compreensão e o entendimento almejados foram alcançados. Porém uma nova ação poderia ser acrescida: um maior uso e exploração de recursos digitais, pois na época em que vivemos, esses recursos possivelmente despertaria um maior engajamento por parte dos estudantes, permitindo-lhes explorarem e se envolverem mais na explicação do conteúdo.

Apêndice 2: Sequência Didática – versão do professor

O Cristianismo no Império Romano: surgimento, expansão, perseguição e conquista da liberdade religiosa.

Objeto(s) do conhecimento:

- Roma antiga, Império Romano e Cristianismo
-

Objetivos:

- Compreender o processo do surgimento, expansão, inserção e interação do cristianismo com o Império Romano;
- Analisar algumas fontes primárias do início do cristianismo;
- Reconhecer nas fontes analisadas, as formas de apreensão de mundo dos primeiros cristãos inseridos no contexto de interação com o Império Romano.

Habilidades:

- (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais;

Tempo estimado:

2 aulas

Para quem? (Série):

1º Ano

- (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço;

- (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográficas, gráfica e iconográfica, deferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Justificativa

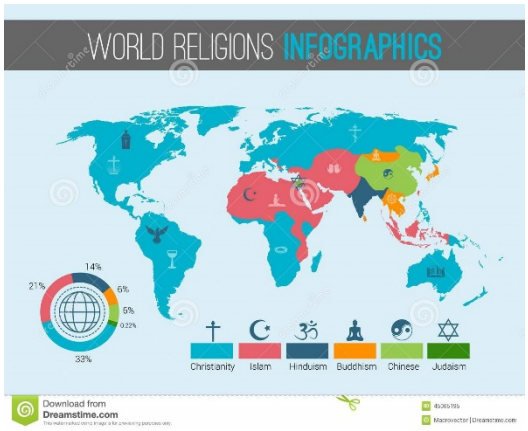
O cristianismo, em suas diferentes vertentes, é a religião mais conhecida no Brasil. Ela teve sua origem e desenvolvimento sob o Império Romano. É importante que os alunos conheçam o processo do nascimento, expansão, inserção e interação dessa religião com o mundo romano e reconheçam as formas de apreensão de mundo dos primeiros cristãos inseridos nesse contexto a partir da análise de algumas fontes primárias produzidas por esta religião.

Recursos utilizados

Texto principal, mapa, imagens e fontes primárias.

Aproximar os mundos

Professor, inicie essa aula dizendo que o cristianismo é a religião com o maior número de seguidores atualmente, com cerca de 2 bilhões de adeptos. Apresente o mapa mostrando a distribuição atual das religiões pelo mundo. Dê enfoque na distribuição do cristianismo.



Com essas informações, as imagens que os alunos podem ter sobre tema, muito provavelmente, são da igreja católica ou das várias igrejas evangélicas que eles veem no seu cotidiano. A partir disso, questione seus alunos.

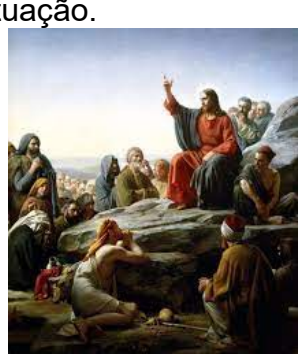
Reflexões:
O que você conhece sobre a origem do cristianismo?

Respostas:
Resposta pessoal.

Construir ideias

"A Crucificação", obra de Andrea Mantegna (1431-1506).

Agora que já localizamos no mapa a distribuição atual do cristianismo pelo mundo, é hora de começarmos a mostrar o processo do surgimento e difusão do cristianismo pelo mundo. Veja os tópicos que explicam essa situação.



O Sermão do Monte

O cristianismo tem como base os ensinamentos de Jesus Cristo que, segundo a tradição cristã, nasceu em Belém, província romana da Judeia, durante o governo de Otávio Augusto e aos 30 anos recrutou um grupo de seguidores, os apóstolos, e iniciou suas pregações. Visto como rebelde, foi condenado à morte na cruz. Graças ao trabalho dos apóstolos, a nova religião difundiu-se pelo Império Romano.

Pregação de Paulo aos atenienses. Rafae. 1515-1516.

A nova fé pregava a existência de uma vida após a morte, que libertaria os oprimidos de todo o sofrimento. Por causa dessa mensagem, o cristianismo teve forte penetração nas camadas populares, especialmente entre as mulheres e os escravos.

A Última Oração dos Mártires Cristãos, quadro de Léon Gérome (1824 - 1904).

No entanto, os cristãos passaram a ser acusados de não cultuar o imperador, promover reuniões secretas e defender a igualdade entre as pessoas. Por esses motivos, eles começaram a ser perseguidos durante o governo de Nero. As perseguições alternaram-se com longos períodos de paz até o início do século IV. Nesse contexto, muitos seguidores sofreram o martírio, que aconteciam como espetáculos públicos. Mas os martírios não surtiram muito efeito, pois a maneira heroica com que muitos cristãos resistiam aos sofrimentos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus.

A Visão de Constantino, 1670, escultura equestre de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), Cidade do Vaticano, Palácio Apostólico.

À medida que a crise no mundo romano se aprofundava, os valores pregados pelo cristianismo atraíam cada vez mais adeptos. A partir de 313, o imperador Constantino adotou uma política de tolerância religiosa aos cristãos, que puderam realizar cultos públicos. Em 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do Estado, quando o imperador Teodósio recebeu o batismo cristão. Cerca de uma década depois, os cultos pagãos foram proibidos, e o cristianismo tornou-se efetivamente, a religião oficial de Roma, promovendo a organização da Igreja Católica romana, que construiu sua hierarquia tendo como modelo a estrutura administrativa do império.

Atividades:

De forma sintética, cite as fases pelas quais o cristianismo passou no processo de difusão pelo Império Romano.

Respostas:

Resposta pessoal.

Ligar os pontos

Depois de ver o processo da origem e difusão do cristianismo pelo Império Romano, agora é hora de reconhecer como os primeiros cristãos enxergavam a si próprios dentro do contexto no qual estavam inseridos, a partir da representação construída em sua literatura. Para isso, será analisado um trecho de um documento: *a Epístola a Diogneto*.

É importante explicar que essa obra faze parte de um conjunto de escritos chamado de Pais Apostólicos. Esse corpo documental são os escritos cristãos mais antigas depois do Novo Testamento. O livro se enquadra num tipo de gênero denominado protréptico, ou seja, um convite à fé cristã, que um cristão, depois de fazer uma exposição da sua religião, dirigiu à um pagão desejoso de conhecer o novo credo. No trecho destacado a seguir, o autor constrói uma representação do cristianismo como alma do mundo, expressando através desse símbolo a forma como ele apreendia a religião cristã no contexto da sociedade greco-romana.

Trecho:

"Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhe é lícito dele desertar".

Epístola a Diogneto 6. 1 – 10.

Questões:

1. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a difusão do cristianismo pelo Império Romano.
2. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a perseguição aos cristãos. Qual o motivo e o resultado da perseguição apontados pelo autor?
3. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a forma como o autor apreendia o cristianismo. Explique-a.

Respostas:

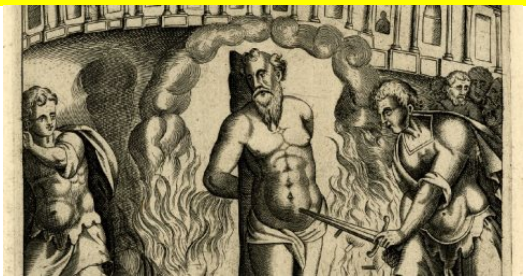
1. "A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo".
2. "A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. [...] Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam".

O motivo apontado foi a oposição dos cristãos aos prazeres praticados pela sociedade greco-romana. O resultado foi a ineficácia da perseguição que não impediu o crescimento da nova religião.

3. "A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus".

Para o autor o cristianismo é o sustentáculo do mundo e não o Império Romano. Mas sua presença na terra é passageira, vivendo na expectativa da salvação nos céus. Esse último aspecto mostra o caráter escatológico do Cristianismo Primitivo.

Resolver desafios



O Martírio de Policarpo

Agora que você expôs aos seus alunos o processo de surgimento, inserção e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a forma de apreensão de mundo de um autor cristão da época, que tal pedir para que eles analisem um episódio de martírio narrado num documento cristão daquele período? O trecho a seguir foi retirado de um documento intitulado O Martírio de Policarpo. Nele foi narrado o suplício de Policarpo, um cristão idoso que era bispo da cidade de Esmirna. A narrativa mescla realidade e ficção e mostra a construção do mártir como um herói da fé.

Trecho:

"Mas o procônsul insistiu, dizendo:
- Faça o juramento, e eu o libertarei. Amaldiçoe a Cristo.

Policarpo disse:

- Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e ele nunca fez nada contra mim. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?

E o procônsul insistiu dizendo:

- Jure pela fortuna de César.

Ele respondeu:

- Se o senhor inutilmente supõe que eu vou jurar pela fortuna de César, como diz, e finge não saber quem sou, simplesmente ouça: eu sou cristão. [...]

E quando ele havia concluído o "amém" pondo fim a sua oração, os homens encarregados da fogueira atearam-lhe fogo. E quando a chama irrompeu, nós testemunhamos um milagre, nós a quem foi dado a ver. E fomos preservados para relatar aos outros o que aconteceu. Pois o fogo tomou a forma de um recinto abobadado, como uma vela inflamada pelo vento, formando uma parede em volta do corpo do mártir. E lá estava ele no meio, não como carne ardendo, mas como pão assando ou como ouro e prata sendo refinado numa fornalha. E nós sentimos um aroma doce como o sopro do incenso ou de alguma preciosa especiaria.

Após um tempo, quando os homens malvados viram que seus corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram que um carrasco fosse até ele e o trespassasse com uma adaga". (O Martírio de Policarpo 9.3; 10.1; 15. 1-2 e 16.1)

Atividades:
Você deverá construir uma análise sobre o trecho apresentado. Nessa análise, explique o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto.

Respostas:
Produção dos alunos.

Passar de fase

O acompanhamento final será na apresentação da análise, realizada sobre o relato de um martírio, na qual o aluno colocará em prática todos os conhecimentos adquiridos na sequência didática.

Atividades:

Chegou a hora de apresentar a atividade final!

Agora, você apresentará para a turma as conclusões de sua análise do martírio de Policarpo.

Respostas:

Apresentação da análise pelos alunos.

Bibliografia

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História das cavernas ao terceiro milênio*. vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.

COTRIN, Gilberto. *História Global*. vol. Único. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Epístola a Diogneto. In _____. *Padres Apologistas*. 5 ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2018.

O martírio de Policarpo. In_____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

Apêndice 3: Sequência Didática – versão do aluno

ESCOLA: _____

LOCAL E DATA: _____

DISCIPLINA: _____

PROFESSOR (A): _____

ALUNOS(AS):

_____

_____

_____

_____

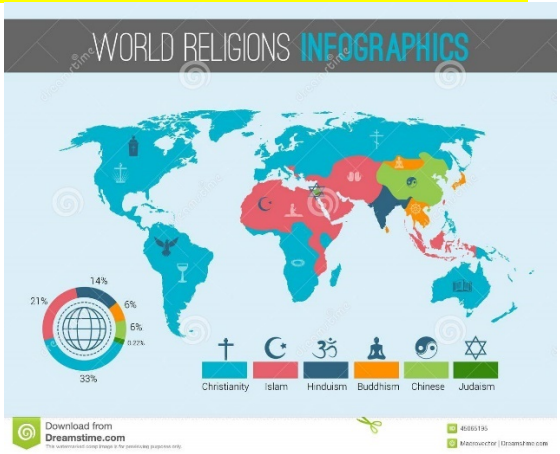
_____

O Cristianismo no Império Romano: surgimento, expansão, perseguição e conquista da liberdade religiosa.

História Geral

- Roma antiga
- O cristianismo no Império Romano

APROXIMAR OS MUNDOS



Mapa das religiões do mundo

Você sabia que o cristianismo é a religião com o maior número de seguidores atualmente, com cerca de 2 bilhões de adeptos? Vejamos no mapa a distribuição atual das religiões pelo mundo e destacar o cristianismo.

Mas, o que você conhece sobre a origem do cristianismo?

_____

_____

_____

_____

CONSTRUIR IDEIAS

A Crucificação", obra de Andrea Mantegna (1431-1506).

Veja como se deu o processo do surgimento, expansão, inserção e interação do cristianismo com o Império Romano:

O Sermão do Monte

O cristianismo tem como base os ensinamentos de Jesus Cristo que, segundo a tradição cristã, nasceu em Belém, província romana da Judeia, durante o governo de Otávio Augusto e aos 30 anos recrutou um grupo de seguidores, os apóstolos, e iniciou suas pregações. Visto como rebelde, foi condenado à morte na cruz. Graças ao trabalho dos apóstolos, a nova religião difundiu-se pelo Império Romano.

Pregação de Paulo aos atenienses. Rafae. 1515-1516.

A nova fé pregava a existência de uma vida após a morte, que libertaria os oprimidos de todo o sofrimento. Por causa dessa mensagem, o cristianismo teve forte penetração nas camadas populares, especialmente entre as mulheres e os escravos.

A Última Oração dos Mártires Cristãos, quadro de Léon Gérome (1824 - 1904).

No entanto, os cristãos passaram a ser acusados de não cultuar o imperador, promover reuniões secretas e defender a igualdade entre as pessoas. Por esses motivos, eles começaram a ser perseguidos durante o governo de Nero. As perseguições alternaram-se com longos períodos de paz até o início do século IV. Nesse contexto, muitos seguidores sofreram o martírio, que aconteciam como espetáculos públicos. Mas os martírios não surtiram muito efeito, pois a maneira heroica com que muitos cristãos resistiam aos sofrimentos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus.

A Visão de Constantino, 1670, escultura equestre de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), Cidade do Vaticano, Palácio Apostólico.

À medida que a crise no mundo romano se aprofundava, os valores pregados pelo cristianismo atraíam cada vez mais adeptos. A partir de 313, o imperador Constantino adotou uma política de tolerância religiosa aos cristãos, que puderam realizar cultos públicos. Em 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do Estado, quando o imperador Teodósio recebeu o batismo cristão. Cerca de uma década depois, os cultos pagãos foram proibidos, e o cristianismo tornou-se efetivamente, a religião oficial de Roma, promovendo a organização da Igreja Católica romana, que construiu sua hierarquia tendo como modelo a estrutura administrativa do império.

Agora, de forma sintética, cite as fases pelas quais o cristianismo passou no processo de difusão pelo Império Romano.

_____

_____

_____

_____

Ligar os pontos

Trecho:

"Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhe é lícito dele desertar".

Epístola a Diogneto 6. 1 – 10.

Agora que você já sabe o processo da origem e difusão do cristianismo pelo Império Romano, leia o trecho de um documento cristão da época intitulado *Epístola a Diogneto* e responda as questões que seguem:

Questões:

1. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a difusão do cristianismo pelo Império Romano.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

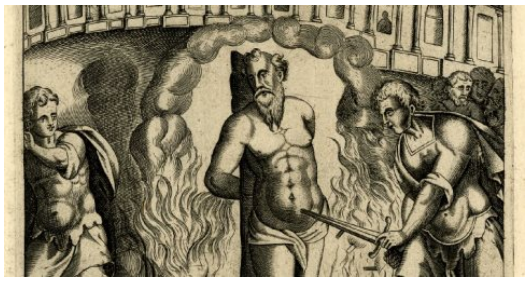
2. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a perseguição aos cristãos. Qual o motivo e o resultado da perseguição apontados pelo autor?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3. Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a forma como o autor apreendia o cristianismo. Explique-a.

_____
_____
_____
_____
_____

Resolver desafios



O Martírio de Policarpo

Já conhecemos o processo de surgimento, inserção e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a forma de apreensão de mundo de um autor cristão da época. Vamos agora fazer uma análise de um episódio de martírio narrado num documento cristão daquele período a partir do trecho retirado de um documento intitulado *O Martírio de Policarpo*.

Trecho:

"Mas o procônsul insistiu, dizendo:

- Faça o juramento, e eu o libertarei. Amaldiçoe a Cristo.

Policarpo disse:

- Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e ele nunca fez nada contra mim. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?

E o procônsul insistiu dizendo:

- Jure pela fortuna de César.

Ele respondeu:

- Se o senhor inutilmente supõe que eu vou jurar pela fortuna de César, como diz, e finge não saber quem sou, simplesmente ouça: eu sou cristão. [...]

E quando ele havia concluído o "amém" pondo fim a sua oração, os homens encarregados da fogueira atearam-lhe fogo. E quando a chama irrompeu, nós testemunhamos um milagre, nós a quem foi dado a ver. E fomos preservados para relatar aos outros o que aconteceu. Pois o fogo tomou a forma de um recinto abobadado, como uma vela inflamada pelo vento, formando uma parede em volta do corpo do mártir. E lá estava ele no meio, não como carne ardendo, mas como pão assando ou como ouro e prata sendo refinado numa fornalha. E nós sentimos um aroma doce como o sopro do incenso ou de alguma preciosa especiaria.

Após um tempo, quando os homens malvados viram que seu corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram que um carrasco fosse até ele e o trespassasse com uma adaga".

O Martírio de Policarpo 9.3; 10.1; 15. 1-2 e 16.1

Você deverá construir uma análise sobre o trecho apresentado. Nessa análise, explique o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto. Em caso de dúvida, fale com seus professor.

_____

_____

_____

_____

_____

Passar de fase

Chegou a hora de mostrar o que aprenderam!

Apresente as conclusões de sua análise sobre O martírio de Policarpo explicando o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto.

Para essa apresentação faça uma roda de conversa.

Bibliografia

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História das cavernas ao terceiro milênio*. vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.

COTRIN, Gilberto. *História Global*. vol. Único. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Epístola a Diogneto. In _____. *Padres Apologistas*. 5 ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2018.

O martírio de Policarpo. In_____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

Apêndice 4: Exemplos de Sequências Didáticas respondidas pelos alunos

Anexo 2: Sequência Didática – versão do aluno.

ESCOLA: Estadual Alcides Wanderley

LOCAL E DATA: 23/03/2022 • Carnaubais

DISCIPLINA: História

PROFESSOR (A): Luiz Lucas da Fonseca Neto

ALUNOS(AS):

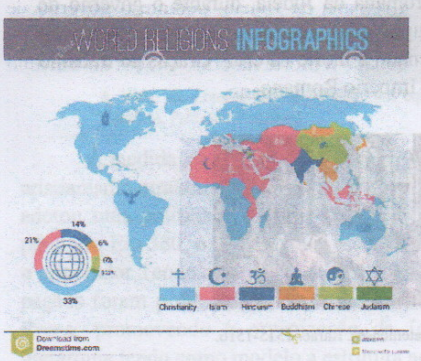
Rayane Valentim Barros
Ingride Mickaelly Tomaz Melo
Isabel Soares Cabral
DALISSON DE SOUZA SANTOS

O Cristianismo no Império Romano: surgimento, expansão, perseguição e conquista da liberdade religiosa.

História Geral

- Roma antiga
- O cristianismo no Império Romano

APROXIMAR OS MUNDOS



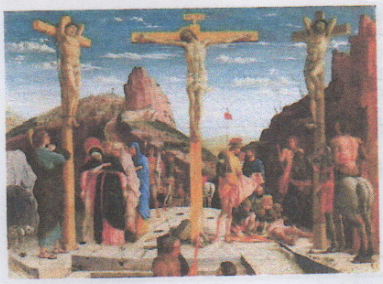
Mapa das religiões do mundo

Você sabia que o cristianismo é a religião com o maior número de seguidores atualmente, com cerca de 2 bilhões de adeptos? Vejamos no mapa a distribuição atual das religiões pelo mundo e destacar o cristianismo.

Mas, o que você conhece sobre a origem do cristianismo?

O Cristianismo surgiu a 2022 Anos, Na Palestina, Com o nascimento de Jesus.

CONSTRUIR IDEIAS



A Crucificação", obra de Andrea Mantegna (1431-1506).

Veja como se deu o processo do surgimento, expansão, inserção e interação do cristianismo com o Império Romano:

O Sermão do Monte

O cristianismo tem como base os ensinamentos de Jesus Cristo que, segundo a tradição cristã, nasceu em Belém, província romana da Judeia, durante o governo de Otávio Augusto e aos 30 anos recrutou um grupo de seguidores, os apóstolos, e iniciou suas pregações. Visto como rebelde, foi condenado à morte na cruz. Graças ao trabalho dos apóstolos, a nova religião difundiu-se pelo Império Romano.

Pregação de Paulo aos atenienses. Rafae. 1515-1516.

A nova fé pregava a existência de uma vida após a morte, que libertaria os oprimidos de todo o sofrimento. Por causa dessa mensagem, o cristianismo teve forte penetração nas camadas populares, especialmente entre as mulheres e os escravos.

A Última Oração dos Mártires Cristãos, quadro de Léon Gérome (1824 - 1904).

No entanto, os cristãos passaram a ser acusados de não cultuar o imperador, promover reuniões secretas e defender a igualdade entre as pessoas. Por esses motivos, eles começaram a ser perseguidos durante o governo de Nero. As perseguições alternaram-se com longos períodos de paz até o início do século IV. Nesse contexto, muitos seguidores sofreram o martírio, que aconteciam como espetáculos públicos. Mas os martírios não surtiram muito efeito, pois a maneira heroica com que muitos cristãos resistiam aos sofrimentos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus.

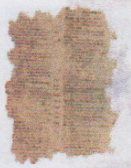
A Visão de Constantino, 1670, escultura equestre de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), Cidade do Vaticano, Palácio Apostólico.

À medida que a crise no mundo romano se aprofundava, os valores pregados pelo cristianismo atraíam cada vez mais adeptos. A partir de 313, o imperador Constantino adotou uma política de tolerância religiosa aos cristãos, que puderam realizar cultos públicos. Em 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do Estado, quando o imperador Teodósio recebeu o batismo cristão. Cerca de uma década depois, os cultos pagãos foram proibidos, e o cristianismo tornou-se efetivamente, a religião oficial de Roma, promovendo a organização da Igreja Católica romana, que construiu sua hierarquia tendo como modelo a estrutura administrativa do império.

Agora, de forma sintética, cite as fases pelas quais o cristianismo passou no processo de difusão pelo Império Romano.

Começou com o nascimento de Jesus, que ensinou uma nova fé. Quando eram mau fé se espalhou e os cristãos começaram a ser perseguidos. E Apartir de 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do estado.

Ligar os pontos



Agora que você já sabe o processo da origem e difusão do cristianismo pelo Império Romano, leia o trecho de um documento cristão da época intitulado *Epístola a Diogneto* e responda as questões que seguem:

Trecho:

"Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhe é lícito dele desertar".

Epístola a Diogneto 6. 1 – 10.

Questões:

1. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a difusão do cristianismo pelo Império Romano.**

"Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo."

2. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a perseguição aos cristãos. Qual o motivo e o resultado da perseguição apontados pelo autor?**

"O mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres." Eles eram perseguidos porque eles não dominavam o imperador, e viam um Deus deles.

3. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a forma como o autor apreendia o cristianismo. Explique-a.**

"A alma está contida num corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo." O autor explica os cristãos como a alma do mundo, ou seja, ele acha que o cristianismo é o alicerce do mundo.

Resolver desafios

O Martírio de Policarpo

Já conhecemos o processo de surgimento, inserção e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a forma de apreensão de mundo de um autor cristão da época. Vamos agora fazer uma análise de um episódio de martírio narrado num documento cristão daquele período a partir do trecho retirado de um documento intitulado *O Martírio de Policarpo*.

Trecho:

"Mas o procônsul insistiu, dizendo:

- Faça o juramento, e eu o libertarei. Amaldiçoe a Cristo.

Policarpo disse:

- Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e ele nunca fez nada contra mim. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?

E o procônsul insistiu dizendo:

- Jure pela fortuna de César.

Ele respondeu:

- Se o senhor inutilmente supõe que eu vou jurar pela fortuna de César, como diz, e finge não saber quem sou, simplesmente ouça: eu sou cristão! [...]

E quando ele havia concluído o "amém" pondo fim a sua oração, os homens encarregados da fogueira atearam-lhe fogo. E quando a chama irrompeu, nós testemunhamos um milagre, nós a quem foi dado a ver. E fomos preservados para relatar aos outros o que aconteceu. Pois o fogo tomou a forma de um recinto abobadado, como uma vela inflamada pelo vento, formando uma parede em volta do corpo do mártir. E lá estava ele no meio, não como carne ardendo, mas como pão assando ou como ouro e prata sendo refinado numa fornalha. E nós sentimos um aroma doce como o sopro do incenso ou de alguma preciosa especiaria.

Após um tempo, quando os homens malvados viram que seus corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram que um carrasco fosse até ele e o trespassasse com uma adaga".

O Martírio de Policarpo 9.3; 10.1; 15. 1-2 e 16.1

Você deverá construir uma análise sobre o trecho apresentado. Nessa análise, explique o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto. Em caso de dúvida, fale com seus professor.

Ficção: Pois o fogo tomou a forma de um vento abobadado.

Real: Se o romano inutilmente supõe que eu vou juram pela fortuna de César, como dizes, finge não saber quem sou, simplesmente ouça: Eu sou cristão.

Passar de fase

Chegou a hora de mostrar o que aprenderam!

Apresente as conclusões de sua análise sobre O martírio de Policarpo explicando o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto.

Ele nunca amou o cristianismo como amou as leis e a fortuna de César

Para essa apresentação faça uma roda de conversa.

Bibliografia

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História das cavernas ao terceiro milênio*. vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.

COTRIN, Gilberto. *História Global*. vol. Único. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Epístola a Diogneto. In _____. *Padres Apologistas*. 5 ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2018.

O martírio de Policarpo. In_____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

Anexo 2: Sequência Didática – versão do aluno.

ESCOLA: escola estadual zicides wanderley

LOCAL E DATA: Sãnaubais/RN 23/03/2022

DISCIPLINA: História

PROFESSOR (A): luiz lucas

ALUNOS(AS):

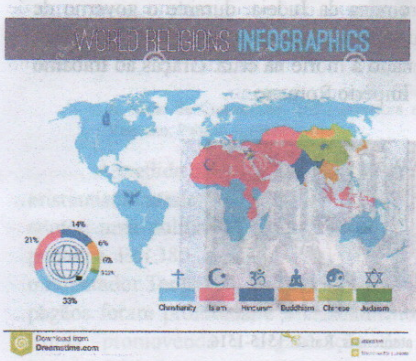
Geivanildo morais mendes
taís macêdo costa
maria eloise guerra de lima
mariana de oliveira guerra
Pedro thiago pinheiro da silva

O Cristianismo no Império Romano: surgimento, expansão, perseguição e conquista da liberdade religiosa.

História Geral

- Roma antiga
- O cristianismo no Império Romano

APROXIMAR OS MUNDOS



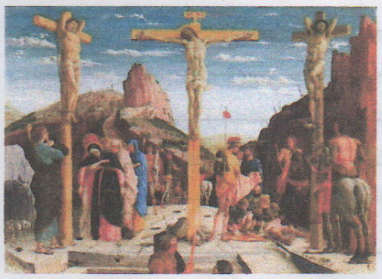
Mapa das religiões do mundo

Você sabia que o cristianismo é a religião com o maior número de seguidores atualmente, com cerca de 2 bilhões de adeptos? Vejamos no mapa a distribuição atual das religiões pelo mundo e destacar o cristianismo.

Mas, o que você conhece sobre a origem do cristianismo?

surgiu à 2022 anos atrás na palestina, com os ensinamentos de JESUS Cristo.

CONSTRUIR IDEIAS



A Crucificação", obra de Andrea Mantegna (1431-1506).

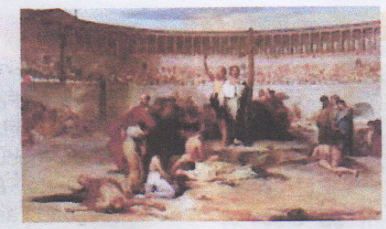
Veja como se deu o processo do surgimento, expansão, inserção e interação do cristianismo com o Império Romano:

O Sermão do Monte

O cristianismo tem como base os ensinamentos de Jesus Cristo que, segundo a tradição cristã, nasceu em Belém, província romana da Judeia, durante o governo de Otávio Augusto e aos 30 anos recrutou um grupo de seguidores, os apóstolos, e iniciou suas pregações. Visto como rebelde, foi condenado à morte na cruz. Graças ao trabalho dos apóstolos, a nova religião difundiu-se pelo Império Romano.

Pregação de Paulo aos atenienses. Rafae. 1515-1516.

A nova fé pregava a existência de uma vida após a morte, que libertaria os oprimidos de todo o sofrimento. Por causa dessa mensagem, o cristianismo teve forte penetração nas camadas populares, especialmente entre as mulheres e os escravos.



A Última Oração dos Mártires Cristãos, quadro de Léon Gérome (1824 - 1904).

No entanto, os cristãos passaram a ser acusados de não cultuar o imperador, promover reuniões secretas e defender a igualdade entre as pessoas. Por esses motivos, eles começaram a ser perseguidos durante o governo de Nero. As perseguições alternaram-se com longos períodos de paz até o início do século IV. Nesse contexto, muitos seguidores sofreram o martírio, que aconteciam como espetáculos públicos. Mas os martírios não surtiram muito efeito, pois a maneira heroica com que muitos cristãos resistiam aos sofrimentos, começou a ser interpretada como algo possível apenas devido a uma força milagrosa, vinda de Deus.

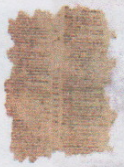
A Visão de Constantino, 1670, escultura equestre de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), Cidade do Vaticano, Palácio Apostólico.

À medida que a crise no mundo romano se aprofundava, os valores pregados pelo cristianismo atraíam cada vez mais adeptos. A partir de 313, o imperador Constantino adotou uma política de tolerância religiosa aos cristãos, que puderam realizar cultos públicos. Em 380, o cristianismo passou a ser considerado a religião do Estado, quando o imperador Teodósio recebeu o batismo cristão. Cerca de uma década depois, os cultos pagãos foram proibidos, e o cristianismo tornou-se efetivamente, a religião oficial de Roma, promovendo a organização da Igreja Católica romana, que construiu sua hierarquia tendo como modelo a estrutura administrativa do império.

Agora, de forma sintética, cite as fases pelas quais o cristianismo passou no processo de difusão pelo Império Romano.

a crucificação de cristãos, as pregações, a perseguição aos cristãos, e a liberdade religiosa dada por constantino.

Ligar os pontos



Agora que você já sabe o processo da origem e difusão do cristianismo pelo Império Romano, leia o trecho de um documento cristão da época intitulado *Epístola a Diogneto* e responda as questões que seguem:

Trecho:

"Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhe é lícito dele desertar".

Epístola a Diogneto 6. 1 – 10.

Questões:

1. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a difusão do cristianismo pelo Império Romano.**

"a alma está espalhada por todas as partes do corpo e os cristãos estão em todas as cidades do mundo."

2. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a perseguição aos cristãos. Qual o motivo e o resultado da perseguição apontados pelo autor?**

"a carne odeia e combate a alma" - "também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam."

3. **Destaque alguma parte do trecho que faça alusão a forma como o autor apreendia o cristianismo. Explique-a.**

"a alma está contida no corpo mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo."

Para o autor, os cristãos são quem sustetam o mundo, e estão PRESOS aqui, são estrangeiros.

Resolver desafios

O Martírio de Policarpo

Já conhecemos o processo de surgimento, inserção e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a forma de apreensão de mundo de um autor cristão da época. Vamos agora fazer uma análise de um episódio de martírio narrado num documento cristão daquele período a partir do trecho retirado de um documento intitulado *O Martírio de Policarpo*.

Trecho:

"Mas o procônsul insistiu, dizendo:

- Faça o juramento, e eu o libertarei. Amaldiçoe a Cristo.

Policarpo disse:

- Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e ele nunca fez nada contra mim. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?

E o procônsul insistiu dizendo:

- Jure pela fortuna de César.

Ele respondeu:

- Se o senhor inutilmente supõe que eu vou jurar pela fortuna de César, como diz, e finge não saber quem sou, simplesmente ouça: eu sou cristão. [...]

E quando ele havia concluído o "amém" pondo fim a sua oração, os homens encarregados da fogueira atearam-lhe fogo. E quando a chama irrompeu, nós testemunhamos um milagre, nós a quem foi dado a ver. E fomos preservados para relatar aos outros o que aconteceu. Pois o fogo tomou a forma de um recinto abobadado, como uma vela inflamada pelo vento, formando uma parede em volta do corpo do mártir. E lá estava ele no meio, não como carne ardendo, mas como pão assando ou como ouro e prata sendo refinado numa fornalha. E nós sentimos um aroma doce como o sopro do incenso ou de alguma preciosa especiaria.

Após um tempo, quando os homens malvados viram que seus corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram que um carrasco fosse até ele e o trespassasse com uma adaga".

O Martírio de Policarpo 9.3; 10.1; 15. 1-2 e 16.1

Você deverá construir uma análise sobre o trecho apresentado. Nessa análise, explique o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto. Em caso de dúvida, fale com seus professor.

Policarpo estava sendo martirizado por sua crença e por não negar a cristo. o martírio acontecia de forma que a pessoa era amarrada no meio de uma fogueira e ali era queimada até a morte. a ligação desse relato com o conteúdo é que no conteúdo estamos vendo sobre a perseguição aos cristãos

Passar de fase

Chegou a hora de mostrar o que aprenderam!

Apresente as conclusões de sua análise sobre O martírio de Policarpo explicando o episódio narrado, como ele foi retratado na narrativa apresentada (destaque os elementos reais e os fictícios), como ele demonstra a visão cristã sobre o martírio (pelo menos a visão pretendida) e como ele se encaixaria na explicação do conteúdo exposto.

Para essa apresentação faça uma roda de conversa.

Bibliografia

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História das cavernas ao terceiro milênio*. vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.

COTRIN, Gilberto. *História Global*. vol. Único. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Epístola a Diogneto. In _____. *Padres Apologistas*. 5 ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2018.

O martírio de Policarpo. In_____. *Clássicos da Literatura Cristã*. Pais Apostólicos, Confissões e A Imitação de Cristo, 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

Apêndice 5: Registro do desenvolvimento da atividade.

Anexo 5: Registro do desenvolvimento da atividade.

Após o preenchimento de todos os itens considerados pela Sequência Didática, é hora de aplicá-la com os seus alunos. Use o tempo que achar necessário.

Durante o andamento da aula, é importante observar e avaliar a atividade realizada.

Após a implantação da Sequência Didática em sala de aula, chegou o momento de registrar o desenvolvimento da atividade realizada. Para nós, professores, o registro tem fundamental importância e representa muito mais do que um roteiro de aula, pois escrever sobre a prática faz pensarmos e refletirmos sobre cada procedimento realizado e decisão tomada, permitindo melhorar a sua prática no dia a dia da sala de aula para adequá-la cada vez mais às necessidades dos alunos.

Segue aqui uma ficha de acompanhamento que pode servir como um roteiro para que possa fazer as anotações de suas aulas. Considera-a flexível, podendo inserir ou retirar alguns dos itens aqui apresentados.

Utilize este espaço para registrar suas anotações sobre o desenvolvimento da Sequência Didática com seus alunos.

Nome do professor: Luiz Lucas da Fonseca Neto

Disciplina: História

Ano/Turma: 1º ANO B

Sequência Didática:
O Cristianismo no Império Romano: surgimento, expansão e conquista da liberdade religiosa.

Recursos utilizados – Você e os alunos conseguiram utilizar os recursos como planejou? Além deles, você utilizou outros recursos não previstos na Sequência Didática para subsidiar sua aula? Conte um pouco sobre isso.

Para subsidiar a aula foram usados apenas os recursos previstos na Sequência Didática. Todos eles foram utilizados: o texto principal, assim como as imagens, o mapa e os documentos primários.

Objetos do conhecimento – Os objetos do conhecimento previstos para serem abordados na Sequência Didática foram contemplados? Ou você explorou outros que não previu anteriormente?

Todos os objetos do conhecimento previstos para serem abordados foram contemplados, tanto nos recursos utilizado quanto na fala explicativa

do professor.

Tempo estimado – O tempo estimado para realizar a Sequência Didática foi suficiente? Ou você poderia ter utilizado mais/menos tempo para o desenvolvimento da atividade?

O tempo estimado foi insuficiente. Foi necessário o acréscimo de mais uma aula.

Metodologia de desenvolvimento – Durante as etapas previstas para o desenvolvimento da Sequência Didática, você percebeu se houve engajamento, exploração, envolvimento na explicação e elaboração por parte do aluno? Descreve.

Houve pouco engajamento na explicação por parte dos alunos, exceto aqueles que demonstravam pertecer a alguma denominação cristã.

Acompanhamento – Você conseguiu acompanhar os alunos durante o desenvolvimento da Sequência Didática? Conseguiu realizar uma avaliação contínua durante o processo e ao final dele?

Cada atividade proposta nas etapas permitiram realizar uma avaliação continuas das fases propostas na Sequência Didática.

Objetivos e Habilidades – Conseguiu atingir os objetivos cognitivos e desenvolver as habilidades com a Sequência Didática que elaborou e aplicou com seus alunos? Você alteraria algum item na atividade? Você considera que houve avanço na aprendizagem dos alunos? Comente.

A compreensão do processo de surgimento e difusão do cristianismo pelo Império Romano e a análise das fontes primárias para a partir delas reconhecer a apreensão de mundo dos primeiros cristãos foram alcançados na aplicação da atividade.

Possíveis dificuldades e/ou desafios – Você notou alguma dificuldade ou algum desafio que foi superado pelos alunos? E por você, algum desafio foi superado? Houve avanços por parte dos alunos? E por você? Quais as estratégias utilizadas pelos alunos e por você para vencer os obstáculos?

Foi notado como obstáculo à aprendizagem o desconhecimento dos alunos de algumas palavras (ex.: difusão e alusão) e a dificuldade de interpretação por parte dos estudantes. A intervenção do professor sanou essas dificuldades.

Resultados esperados – Você conseguiu chegar ao resultado esperado? Mudaria alguma coisa para uma nova ação? Por quê? Como?

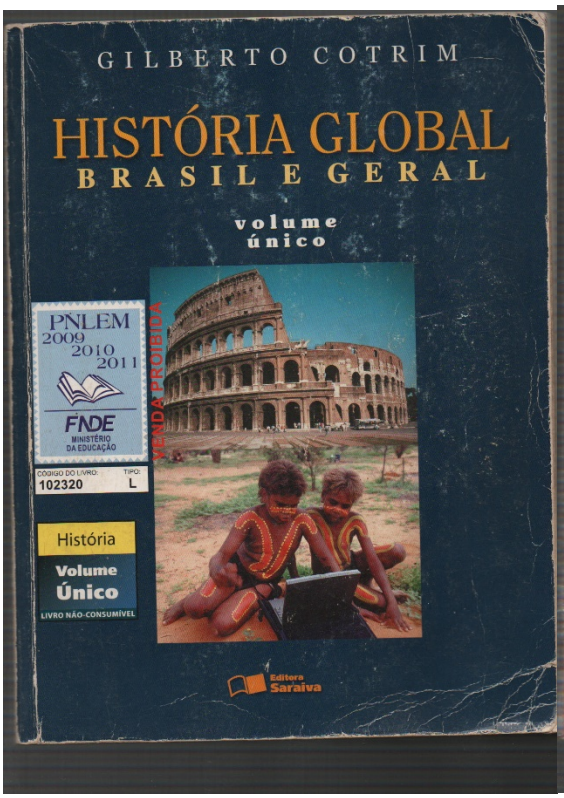
Os resultados esperados foram conseguidos com a aplicação da Sequência Didática. No entanto poderia ter sido acrescido mais recursos digitais, a fim de despertar mais interesse por parte dos alunos.

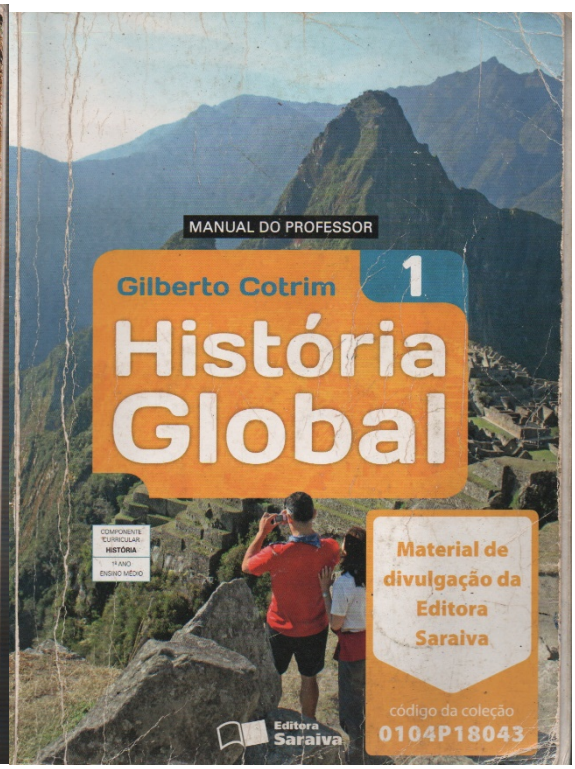
O ambiente escolar é um espaço promissor de trocas, e o trabalho colaborativo com seus colegas se mostrará bastante eficiente na discussão, na reflexão e na elaboração de novas Sequências Didáticas que podem atender às diferentes áreas do conhecimento.

Nossa intenção e desejo é que ao final dessa proposta você possa utilizar não só a Sequência Didática proposta, mas que amplie seu repertório, elaborando novas sequências e explorando novos objetos do conhecimento em sua disciplina.

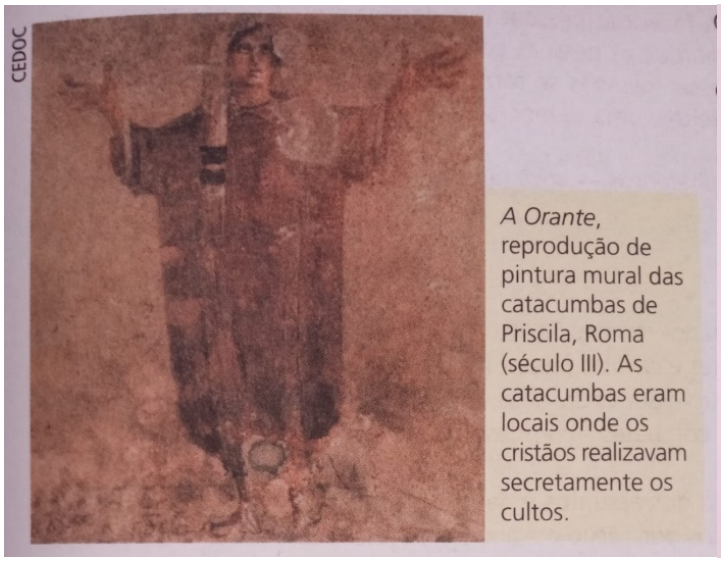
ANEXOS

Anexo 1: Livros analisados no Estudo de Caso





Anexo 2: Imagens sobre o cristianismo presentes nos livros didáticos que foram analisadas no estudo de caso.



A Orante, reprodução de pintura mural das catacumbas de Priscila, Roma (século III). As catacumbas eram locais onde os cristãos realizavam secretamente os cultos.

Mosaico na cúpula do Batistério dos Arianos em Ravena, Itália. Século VI. A imagem representa o batismo de Cristo por São João Batista, que teria ocorrido nas águas do Rio Jordão, na região da atual Jordânia.

O nascimer

Religião c
de 2 bilhões,
relatados n
durante o g

Segund
guidore
rein
co

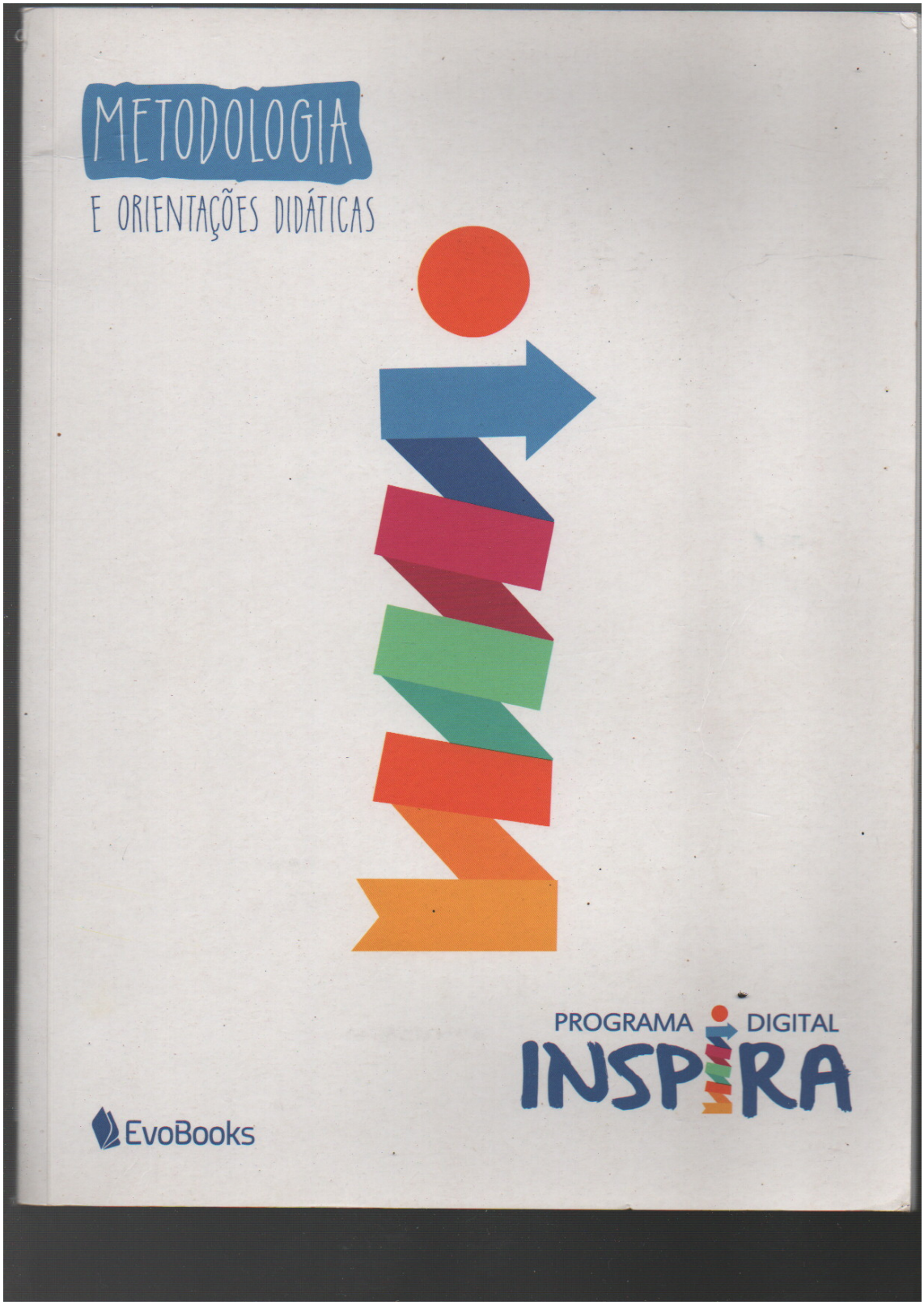
No entanto
promover reu
motivos

Até
com lo
aprofu
adeptos. No ano 31
deu liberdade de cu
imperador Teodósio

Estátua equestre de Constantino, 1662-1668, escultura de Giovanni Lorenzo Bernini. Basílica de São Pedro, Vaticano.

Triunfo da fé: mártires cristãos no tempo de Nero. Obra do artista francês Eugene Romain Thirion representando um episódio do início do cristianismo.

Anexo 3: Material de orientação da Sequência Didática



Anexo 4: Modelo de Registro do desenvolvimento da atividade (adaptado)

Após o preenchimento de todos os itens considerados pela Sequência Didática, é hora de aplicá-la com os seus alunos. Use o tempo que achar necessário.

Durante o andamento da aula, é importante observar e avaliar a atividade realizada.

Após a implantação da Sequência Didática em sala de aula, chegou o momento de registrar o desenvolvimento da atividade realizada. Para nós, professores, o registro tem fundamental importância e representa muito mais do que um roteiro de aula, pois escrever sobre a prática faz pensarmos e refletirmos sobre cada procedimento realizado e decisão tomada, permitindo melhorar a sua prática no dia a dia da sala de aula para adequá-la cada vez mais às necessidades dos alunos.

Segue aqui uma ficha de acompanhamento que pode servir como um roteiro para que possa fazer as anotações de suas aulas. Considera-a flexível, podendo inserir ou retirar alguns dos itens aqui apresentados.

Utilize este espaço para registrar suas anotações sobre o desenvolvimento da Sequência Didática com seus alunos.

Nome do professor:_____

Disciplina: _____

Ano/Turma: _____

Sequência Didática:

_____

_____

Recursos utilizados – Você e os alunos conseguiram utilizar os recursos como planejou? Além deles, você utilizou outros recursos não previstos na Sequência Didática para subsidiar sua aula? Conte um pouco sobre isso.

_____

_____

_____

_____

Objetos do conhecimento – Os objetos do conhecimento previstos para serem abordados na

Sequência Didática foram contemplados? Ou você explorou outros que não previu anteriormente?

_____

_____

_____

_____

_____

Tempo estimado – O tempo estimado para realizar a Sequência Didática foi suficiente? Ou você poderia ter utilizado mais/menos tempo para o desenvolvimento da atividade?

_____

_____

Metodologia de desenvolvimento – Durante as etapas previstas para o desenvolvimento da Sequência Didática, você percebeu se houve engajamento, exploração, envolvimento na explicação e elaboração por parte do aluno? Descreve.

_____

_____

_____

_____

Acompanhamento – Você conseguiu acompanhar os alunos durante o desenvolvimento da Sequência Didática? Conseguiu realizar uma avaliação contínua durante o processo e ao final dele?

_____

_____

_____

_____

Objetivos e Habilidades – Conseguiu atingir os objetivos cognitivos e desenvolver as habilidades com a Sequência Didática que elaborou e aplicou com seus alunos? Você alteraria algum item na atividade? Você considera que houve avanço na aprendizagem dos alunos? Comente.

_____

_____

_____

_____

Possíveis dificuldades e/ou desafios – Você notou alguma dificuldade ou algum desafio que foi superado pelos alunos? E por você, algum desafio foi superado? Houve avanços por parte dos alunos? E por você? Quais as estratégias utilizadas pelos alunos e por você para vencer os obstáculos?

_____

_____

_____

_____

Resultados esperados – Você conseguiu chegar ao resultado esperado? Mudaria alguma coisa para uma nova ação? Por quê? Como?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

O ambiente escolar é um espaço promissor de trocas, e o trabalho colaborativo com seus colegas se mostrará bastante eficiente na discussão, na reflexão e na elaboração de novas Sequências Didáticas que podem atender às diferentes áreas do conhecimento.

Nossa intenção e desejo é que ao final dessa proposta você possa utilizar não só a Sequência Didática proposta, mas que amplie seu repertório, elaborando novas sequências e explorando novos objetos do conhecimento em sua disciplina.